

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

**A relação entre *lugares* e *não-lugares* na cidade: um estudo da
apropriação do serviço de acesso à Internet nos
Faróis do Saber de Curitiba**

CURITIBA
2007

KARIN SYLVIA GRAEML

**A relação entre *lugares e não-lugares* na cidade: um estudo da
apropriação do serviço de acesso à Internet nos
Faróis do Saber de Curitiba**

Tese apresentada ao programa de
Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Campo de conhecimento: Urbanização, cidade e ambiente urbano.

Comitê de orientação:
Cristina Araújo Lima (orientadora)
Myrian Regina Del Vecchio de Lima
Olga Lúcia Castreghini de Freitas Firkowski

CURITIBA
2007

GRAEML, Karin Sylvia

A relação entre *lugares* e *não-lugares* na cidade: um estudo da apropriação do serviço de acesso à Internet nos Faróis do Saber de Curitiba. 2007.

185 f.

Comitê de orientação: Cristina de Araújo Lima (orientadora), Myrian Regina Del Vecchio de Lima, Olga Lúcia Castreghini de Freitas Firkowski

Tese (doutorado) – UFPR.

Karin Sylvia Graeml

A RELAÇÃO ENTRE *LUGARES* E *NÃO-LUGARES* NA CIDADE: um estudo da
apropriação do serviço de acesso à Internet nos Faróis do Saber de Curitiba

Tese apresentada ao programa de Doutorado
em Meio Ambiente e Desenvolvimento da
Universidade Federal do Paraná.

Campo de conhecimento: Urbanização,
cidade e ambiente urbano.

Data de aprovação:

07 / 08 / 2007.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Cristina de Araújo Lima
Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Denis Alcides Rezende
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Prof. Dra. Gislene Pereira
Universidade Federal do Paraná

Profa. Dra. Marie Anne Macadar Moron
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Myrian Regina Del Vecchio de Lima
Universidade Federal do Paraná

Dedicatória

Ao Ale, meu amor, meu amigo, meu "co-orientador", que não mediu esforços para tentar entender um pouco mais sobre *lugares, não-lugares*, dialética... Não tenho dúvidas de que esta tese só foi finalizada pelo seu apoio constante, principalmente nas horas de desânimo (que não foram poucas...).

À minha supermãe, presente, dos momentos tranquilos às horas mais difíceis da execução deste estudo, pelo apoio incondicional e, se não bastasse isso, por ser ainda uma avó nota mil.

À minha maravilhosa filha Yasmin que, com paciência, mesmo que pouca em alguns casos, entendeu as ausências da mãe e ainda me fez rir sem culpa ao elaborar uma enorme lista com todas as atividades que faríamos depois da defesa da tese.

Ao meu Gugo, minha pedrinha no rim, que chegou em meio a este período conturbado, mas trazendo uma alegria enorme.

Amo todos vocês. Obrigada mesmo!!!

Agradecimentos

À professora Cristina, que mais do que orientadora foi uma grande amiga, principalmente na fase mais difícil deste doutorado, a minha complicada gravidez.

À professora Myrian, pela amizade e pela insistência na leitura da obra de Yi-Fu-Tuan, que sem dúvida foi fundamental para o entendimento da relação *lugar/não-lugar*.

À professora Olga, pelas sugestões para o aprimoramento deste estudo.

Ao Ale, pela ajuda na confecção de gráficos e tabelas.

À minha família, principalmente à minha sogra, a “avó” Ana, que me apoiou em todos os momentos.

À minha cunhada Cristina, pelo tempo despendido na revisão deste trabalho.

À amiga Ana Cláudia pela ajuda na confecção dos slides para a apresentação.

À Nane, pelo apoio no comando da casa e das crianças.

À amiga Salete, pelo incentivo, reflexões e grande apoio durante a elaboração deste estudo.

Aos amigos Angélica, Dani, Edilson, Volpi e (novamente) Salete, pela amizade que se consolidou ao longo destes quatro anos.

À Berna, minha fiel escudeira e companheira nos mais de 400 km de viagens por Curitiba, sempre atenta, procurando encontrar o "galo" de um dos 45 Faróis visitados.

Ao Joserlei Bueno Lopes, do ICI, pelo apoio no início e no final deste trabalho.

Ao Adalberto Cerpa que, apesar de toda a pressão política, sempre demonstrou muito boa vontade em ajudar.

À Rosane Carvalho Polli e à Mara Rejane Villatore, da Gerência de Faróis da Secretaria Municipal de Educação, pelo apoio logístico e envio de comunicado prévio das visitas aos responsáveis pelos 45 Faróis do Saber visitados.

A todos os nossos amigos, que entenderam este tempo de reclusão e de pouco contato social.

À Capes pelo apoio financeiro durante o doutorado.

Epígrafe

Os *lugares* são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.

Michel de Certeau

Resumo

A "geografia" da Internet proporciona novos espaços e lugares de atuação para o homem, que, ainda que virtuais, substituem outros utilizados tradicionalmente, os quais perderão a razão de ser ou, ao menos, tornar-se-ão menos relevantes. A infra-estrutura necessária a uma cidade pós-moderna difere daquela concebida e disponível nas cidades industriais. O espaço físico é comprimido e a geografia real é relegada a um segundo plano, face à priorização da criação de lugares imaginários de vivência, sobre os quais planejadores urbanos, gestores públicos e a própria sociedade precisam refletir, de modo a realizar os ajustes necessários nas cidades para que estas consigam atender as novas demandas dos seus moradores. Este estudo consistiu na análise da apropriação do serviço de acesso à Internet proporcionado à população a partir dos Faróis do Saber – equipamentos urbanos criados pela prefeitura de Curitiba para alojar, originalmente, bibliotecas, entre outras atividades culturais e de lazer – e na análise da inter-relação existente entre as características de *lugar* e *não-lugar* desses espaços urbanos. Para a sua consecução, foi realizada uma *survey* com 524 usuários em 45 Faróis do Saber da Cidade, além de entrevistas com os envolvidos no planejamento e gestão dos Faróis do Saber e no programa de disponibilização de acesso gratuito à Internet a partir destes locais. O objetivo do trabalho era identificar a existência de uma relação dialética de auto-reforço entre *lugar* e *não-lugar* nos Faróis do Saber de Curitiba, em função da apropriação pela população do serviço urbano de Internet. A tese defendida era que *lugar* e *não-lugar* coexistem e se reforçam mutuamente nos Faróis do Saber em uma relação dialética que contribui para a reinscrição do palimpsesto urbano. Concluiu-se que, de fato, na maior parte dos Faróis do Saber da cidade, os usuários se apropriaram do espaço que lhes foi oferecido pela prefeitura, estabelecendo com ele uma relação de identidade característica de *lugares*, mesmo quando o propósito principal da visita envolve a realização de transações, típicas de *não-lugares*. Porém, em alguns casos, a apropriação transacional do espaço é tão intensa que as características de *lugar* passam quase que despercebidas, ficando evidentes apenas as características de *não-lugar*.

Palavras-chave: *lugar*, *não-lugar*, apropriação, Internet, Faróis do Saber, palimpsesto urbano

Abstract

The Internet's "geography" provides new spaces and places of attraction to people that, although virtual, replace other places that were traditionally used by the population, which will stop existing or, at least, become less important. The required infrastructure for a post-modern city is different to that conceived and available in industrial cities. The physical space is compressed and geography is relegated to a second stand, due to the priority given to the creation of imaginary living places, about which urban planners, administrative managers and the society itself need to reflect, in order to make the adjustments required for the cities to meet the new demands of their inhabitants. This study consists on the analysis of the appropriation of the Internet service provided at the Faróis do Saber – urban equipment that were created by the local government in Curitiba to house libraries, among other cultural and leisure activities – and of the relationship that exist between places and non-places that develop in such urban spaces. A survey was carried out with 524 users, in 45 Faróis do Saber, in addition to interviews with those involved with planning and management of the Faróis do Saber and the program of provision of Internet access to the population using those facilities. That led to the identification of the way the Faróis fit to their users' daily lives. The objective of this study was to identify the existence of a reinforcing dialectic relationship between place and non-place in the Faróis do Saber, in Curitiba, resulting from the appropriation of the Internet service provided to the population. The thesis that is presented here is that place and non-place coexist in the Faróis and that they strengthen each other, in a dialectic relationship that contributes to the reinscription of the urban palimpsest. The study concluded that, in fact, in most Faróis do Saber in the city, users use the space that was provided by the municipality, developing a relationship of identification with the space that characterizes places, even when the main purpose of the visit was to carry out transactions, which are typical of non-places. However, in a few cases, transactional appropriation of the space is so intense that the characteristics of places are almost unnoticeable, when compared to the characteristics of non-place that prevail there.

Key-words: place, non-place, appropriation, Internet, urban palimpsest.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
1 O CAMINHO DAS PEDRAS.....	17
1.1 O QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	19
1.1.1 Pré-teste do questionário	24
1.1.2 Teste piloto do questionário	26
1.1.3 Aplicação do questionário (coleta de dados)	27
1.2 A OBSERVAÇÃO E AS ENTREVISTAS.....	28
1.3 A ANÁLISE	29
2 DOS LUGARES AOS NÃO-LUGARES NA APROPRIAÇÃO DE UM SERVIÇO URBANO PELA POPULAÇÃO	32
2.1 ESPAÇO, TERRITÓRIO E <i>LUGAR</i> : CONQUISTA E APROPRIAÇÃO HUMANA	32
2.1.1 A cidade e o urbano	34
2.1.2 Espaço, território e <i>lugar</i>	36
2.1.3 Identidade do <i>lugar</i> e topofilia	41
2.1.4 O <i>não-lugar</i>	44
2.2 APROPRIAÇÃO DO NÃO-LUGAR VIRTUAL – CIBERESPAÇO.....	48
2.2.1 Reflexões sobre o novo paradigma tecnológico e suas relações sócio-ambientais.....	48
2.2.2 A ruptura da relação espaço tempo e seus reflexos sobre a sociedade	54
2.2.3 O <i>não-lugar</i> virtual	59
2.2.4 Repensando a cidade como <i>lugar</i>	62
2.2.5 A apropriação do serviço urbano de acesso à Internet	70
2.2.6 A emergência de novas "maneiras de fazer"	72
3 O FAROL DO SABER.....	83
3.1 A IMAGEM DA CIDADE	83
3.2 O FAROL DO SABER E A IMAGEM DA CIDADE	86
3.3 O <i>LUGAR</i> FAROL DO SABER	88
3.4 O NÃO-LUGAR FAROL DO SABER.....	101
3.5 O NÃO-LUGAR VIRTUAL A PARTIR DO FAROL DO SABER.....	105

4	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	107
4.1	PERFIL SÓCIO-EDUCACIONAL DOS FREQUENTADORES DOS FARÓIS DO SABER	107
4.2	PREFERÊNCIAS RELACIONADAS AO USO DO <i>LUGAR</i> FAROL DO SABER	111
4.3	PREFERÊNCIAS RELACIONADAS AO USO DA INTERNET NO FAROL DO SABER	114
4.4	IMPACTO DO USO DA INTERNET NO FAROL DO SABER SOBRE OUTROS LUGARES DA CIDADE.....	117
4.5	ATIVIDADES QUE SÃO REALIZADAS POR MEIO DA INTERNET	118
4.6	QUALIDADE DO SERVIÇO DE INTERNET OFERECIDO NO FAROL DO SABER	122
5	A DIALÉTICA <i>LUGAR/NÃO-LUGAR</i> E O PALIMPSESTO URBANO (A APROPRIAÇÃO DO SERVIÇO DE INTERNET PÚBLICA PELOS USUÁRIOS DOS FARÓIS DO SABER)	124
5.1	A TESE: O <i>LUGAR</i> FAROL DO SABER.....	126
5.2	A ANTÍTESE: O <i>NÃO-LUGAR</i> FAROL DO SABER (FÍSICO E VIRTUAL)	131
5.3	A SÍNTESE: O <i>NÃO-LUGAR</i> E O <i>LUGAR</i> COEXISTEM	135
5.4	BAIRROS E REGIONAIS: AS DIFERENÇAS NA APROPRIAÇÃO DO SERVIÇO DE ACESSO À INTERNET E DO <i>LUGAR</i> FAROL DO SABER	138
6	CONCLUSÕES	142
	REFERÊNCIAS.....	150
	APÊNDICE 1 QUESTIONÁRIO APLICADO AOS USUÁRIOS DE SERVIÇOS DE INTERNET DO FAROL DO SABER NO PRÉ-TESTE	156
	APÊNDICE 2 QUESTIONÁRIO DEFINITIVO APLICADO AOS USUÁRIOS DE SERVIÇOS DE INTERNET DO FAROL DO SABER.....	159
	APÊNDICE 3 CRONOGRAMA REALIZADO DE COLETA DE DADOS NOS FARÓIS DO SABER	161
	APÊNDICE 4 DISTRIBUIÇÃO DOS FARÓIS DO SABER NAS REGIONAIS E QUANTIDADE DE QUESTIONÁRIOS APLICADOS POR FAROL.....	163
	APÊNDICE 5 TABELAS RELACIONADAS À UTILIZAÇÃO DA INTERNET PARA EXECUTAR DIVERSAS TAREFAS	165

APÊNDICE 6 TABELAS RELACIONADAS À PERCEPÇÃO DA QUALIDADE DO SERVIÇO OFERECIDO NOS FARÓIS DO SABER	176
ANEXO 1 CRONOLOGIA DE INAUGURAÇÃO DOS FARÓIS DO SABER	178
ANEXO 2 PRINCIPAIS INICIATIVAS DE INCLUSÃO DIGITAL NO BRASIL ATÉ OUT/2004	180

Lista de ilustrações

Figura 1	Localização geográfica da cidade de Curitiba.....	10
Figura 2	Recorte espacial do estudo, por regionais da cidade.....	11
Figura 3	Relação dialética de coexistência e mútuo reforço do <i>lugar</i> com o <i>não-lugar</i> Farol do Saber.....	12
Figura 4	Subcategoria de análise: coleta de dados sobre o perfil sócio-educacional	20
Figura 5	Subcategoria de análise: preferências relacionadas ao uso do Farol do Saber.....	21
Figura 6	Subcategoria de análise: preferências relacionadas ao uso da Internet nos Faróis do Saber	22
Figura 7	Subcategoria de análise: impacto do uso da Internet no Farol do Saber sobre outros lugares da cidade.....	22
Figura 8	Subcategoria de análise: atividades realizadas por meio da Internet	23
Figura 9	Subcategoria de análise: percepção sobre a qualidade do serviço de Internet oferecido no Farol do Saber	24
Figura 10	Farol do Saber Pe. Antônio Vieira (Regional CIC) - falta de conservação.....	90
Figura 11	Cronologia de implantação dos Faróis do Saber em Curitiba	92
Figura 12	Farol do Saber José de Alencar – Bairro Pinheirinho	94
Figura 13	Farol da Cidade.....	97
Figura 14	Farol do Saber Gibran Khalil	99
Figura 15	Farol do Saber da Rua 24 Horas.....	100
Figura 16	Aviso na porta do Farol Dona Pompília, onde em função da falta do serviço de Internet, 100 pessoas ficavam sem Internet a cada dia.....	104
Figura 17	Perfil etário dos usuários dos Faróis do Saber.....	108

Lista de tabelas

Tabela 1	Gênero dos usuários dos Faróis do Saber.....	109
Tabela 2	Porcentagem de estudantes entre os usuários dos Faróis do Saber.....	110
Tabela 3	Renda dos freqüentadores dos Faróis do Saber.....	111
Tabela 4	Motivos para ir aos Faróis do Saber.....	112
Tabela 5	Forma de deslocamento até o Farol do Saber	113
Tabela 6	Preferências climáticas para a visita ao Farol do Saber	113
Tabela 7	Freqüência de visita ao Farol do Saber.....	114
Tabela 8	Período do dia em que os usuários utilizam o Farol do Saber	115
Tabela 9	Conhecimento prévio de informática	115
Tabela 10	Outros locais de acesso à Internet.....	116
Tabela 11	Destinatário de e-mails.....	117
Tabela 12	Redução da freqüência de visita a determinados lugares, em decorrência do uso do serviço de acesso à Internet nos Faróis do Saber	118
Tabela 13	Freqüência de respostas <i>sempre</i> e <i>quase sempre</i> para as questões sobre o uso do computador para executar determinadas atividades	119
Tabela 14	Freqüência de respostas <i>sempre</i> e <i>quase sempre</i> para as questões sobre a percepção da qualidade do serviço oferecido nos Faróis do Saber	122
Tabela 15	Freqüência de uso do computador para trocar mensagens usando e-mail	165
Tabela 16	Freqüência de uso do computador para fazer pesquisa sobre diversos temas.....	165
Tabela 17	Freqüência de uso do computador para fazer trabalhos escolares	166
Tabela 18	Freqüência de uso do computador para fazer outras atividades escolares	166
Tabela 19	Freqüência de uso do computador para ler jornais <i>online</i> e <i>sites</i> de notícias.....	167
Tabela 20	Freqüência de uso do computador para ler jornais <i>online</i> e <i>sites</i> de notícias (adultos)	167
Tabela 21	Freqüência de uso do computador para conhecer novas pessoas em salas de bate-papo.....	168

Tabela 22	Frequência de uso do computador para jogar.....	168
Tabela 23	Frequência de uso do computador para fazer pagamentos de contas (adultos).....	169
Tabela 24	Frequência de uso do computador para obter informações nos <i>sites</i> de órgãos governamentais (adultos).....	169
Tabela 25	Frequência de uso do computador para utilizar serviços virtuais de órgãos governamentais (adultos).....	170
Tabela 26	Frequência de uso do computador para pesquisar o preço de produtos	170
Tabela 27	Frequência de uso do computador para pesquisar o preço de produtos (adultos)	171
Tabela 28	Frequência de uso do computador para fazer compras via Internet (adultos)	171
Tabela 29	Frequência de uso do computador para acompanhar ações do governo e do legislativo acessando <i>sites</i> que disponibilizam informações sobre o que estão fazendo	172
Tabela 30	Frequência de uso do computador para fazer reclamações e solicitações a órgãos governamentais	172
Tabela 31	Frequência de uso do computador para participar de cursos <i>online</i> (ensino a distância).....	173
Tabela 32	Frequência de uso do computador para participar de cursos <i>online</i> (ensino a distância) (adultos).....	173
Tabela 33	Frequência de uso do computador para disponibilizar o currículo em <i>sites</i> de emprego	174
Tabela 34	Frequência de uso do computador para procurar oportunidades de emprego	174
Tabela 35	Frequência de uso do computador para fazer inscrição para a realização de concursos e participação em processos seletivos	175
Tabela 36	Percepção de qualidade do maquinário disponível (computadores)	176
Tabela 37	Percepção de qualidade do atendimento realizado pelos estagiários e professores	176
Tabela 38	Percepção de qualidade do processo de agendamento de um horário para utilizar a Internet	177
Tabela 39	Opinião sobre o fato de haver bloqueio a determinadas páginas da Internet.....	177

Abreviaturas

Sigla	Português
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Caic	Centro Integrado de Atenção à Criança
CIC	Cidade Industrial de Curitiba
Comec	Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba
FGV-CPS	Fundação Getúlio Vargas – Centro de Políticas Sociais
G2C	<i>Government to citizen</i> (interação governo-cidadão)
ICI	Instituto Curitiba de Informática
Ippuc	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
TICs	Tecnologias da informação e comunicação
SME	Secretaria Municipal de Educação
CGI	Comitê Gestor de Internet

INTRODUÇÃO

As cidades, como sonhos, são constituídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.

Ítalo Calvino

O desenvolvimento e a apropriação de novas tecnologias pelo homem têm, historicamente, afetado o seu modo de ser e agir, com reflexos sobre o espaço socioambiental¹ em que vive. As cidades acabam sofrendo mais diretamente os efeitos de tais transformações, haja vista que, atualmente, é nelas que vive a maior parte da população mundial, precisando ajustar-se continuamente a elas.

Os reflexos de novas tecnologias sobre as cidades não são um fenômeno recente, já que a própria origem delas está associada a desenvolvimentos tecnológicos que motivaram a vida humana em núcleos sociais sedentários. Ainda assim, as mudanças ocorridas a partir da revolução industrial e, mais recentemente, a partir da revolução da informação (que continua em andamento), são particularmente relevantes para a compreensão da cidade pós-moderna e para o seu planejamento.

¹ Para Veiga (2007), tradicionalmente, nas ciências sociais os termos social e ambiental eram distintos e bem separados. Tanto a sociologia quanto a ciência política voltavam as costas à natureza: para elas, o social explicava o social. Porém, esse autor considera que, nas últimas duas décadas, os componentes básicos do termo socioambiental sofreram alteração não só em seu significado científico, como na maneira como se expressam na prática dos governos, das empresas, dos consumidores e dos movimentos sociais. Nem o social, nem o ambiental permanecem os mesmos, quando se juntam. Concordando com essa constatação de Veiga, este estudo adotará o termo socioambiental como único e distinto da simples junção dos termos social e ambiental, conforme seus significados tradicionais. Entende-se que não se pode mais dissociar a sociedade dos efeitos que acarreta sobre a natureza e o meio ambiente, o que não permite mais que os termos sejam tratados isoladamente.

Já na metade do século XIX era possível constatar grandes mudanças no ambiente urbano, causadas pela Revolução Industrial e pelas inovações tecnológicas por ela introduzidas, dentre as quais merecem destaque a eletricidade, o motor à combustão, a modelagem do aço e o telégrafo (CHILDE, 1981; MUMFORD, 1998; DUARTE, 1999; BENEVOLO, 2001). Em poucos anos, as cidades européias sofreram transformações profundas. Instaurou-se uma nova sociedade em decorrência do fenômeno da industrialização, que fez grandes contingentes de pessoas trocar o campo pela cidade em busca de oportunidades de trabalho.

O século XX também foi cenário de grandes transformações, com reflexos significativos sobre a organização e a vida nas cidades. A consolidação dos avanços tecnológicos proporcionados pela Revolução Industrial ao longo do século anterior e novos avanços decorrentes em especial dos esforços de guerra (principalmente da 2ª Guerra Mundial), adaptados para fins pacíficos e apropriados pela sociedade urbana, contribuíram para o início da “desmaterialização” das cidades como espaço de vida e interação humana. O transporte aéreo, o telefone, o rádio e a televisão, entre outras inovações tecnológicas passaram a proporcionar para a maioria dos habitantes das cidades “duas zonas de existência: uma concreta e material, onde se age *in loco*, e outra, a eletrônica, à distância, constituída e alimentada por máquinas comunicacionais” (TRIVINHO, 1998).

As inúmeras técnicas e tecnologias² desenvolvidas pelo homem ao longo do tempo, moldam, promovem adaptações e transformam indivíduos e

² Técnica, neste caso, é considerada como um modo de fazer, uma operação mental que possibilita a interação entre o homem e sua obra, que se dá por meio de instrumentos que estendem e adaptam as habilidades manuais à matéria com que se vai trabalhar. Sendo assim, é na transformação imediata do homem em escala individual para seus desdobramentos distantes e em escala coletiva que se dá o primeiro passo da evolução da técnica à tecnologia (DUARTE, 1999).

sociedades, principalmente a urbana, devendo ter seus impactos estudados por aqueles envolvidos com a administração pública, o planejamento e a gestão urbana. Também deve refletir a própria sociedade, que sofre as conseqüências das transformações em si e dos atos do poder público, dos planejadores, que reagem às transformações ou tentam se antecipar a elas. A cidade não pode ser vista como uma criação de um único planejador urbano, mas como uma conseqüência de ações sociais que se sobrepõem umas às outras formando, ao longo do tempo, um "palimpsesto" (HARVEY, 2002) de contribuições individuais que se neutralizam ou se reforçam, apagando ou resgatando os efeitos de intervenções anteriores e construindo a trajetória única que caracteriza e dá identidade a cada núcleo urbano.

De acordo com o dicionário Aurélio, palimpsesto vem do grego *palimpsestos*, que significava raspado novamente. O termo referia-se a um "antigo material de escrita, principalmente o pergaminho, usado, em razão de sua escassez ou alto preço, duas ou três vezes [duplo palimpsesto], mediante raspagem do texto anterior" (FERREIRA, 2004). Ao apropriar-se deste termo para se referir à forma como se (re)constroem as cidades, Harvey (2002) enfatiza o fato de que o espaço vai sendo modificado, tomando-se por base ou sendo ao menos influenciado pelo que existia antes. Assim, é adequada a analogia entre cidades e pergaminhos raspados, porque novas intervenções humanas sobre as cidades também provocam reinscrições. Neste estudo o termo palimpsesto é adotado de forma a estender a analogia de Harvey a aspectos tecnológicos e mesmo imateriais de uma cidade, como o comportamento dos seus habitantes; aspectos estes que acabam por interferir na evolução da cidade, fazendo com que as novas reinscrições ocorram de modo a levá-los em consideração.

A apropriação de uma dada tecnologia pela sociedade envolve o surgimento e a afirmação de novos conceitos que dela se beneficiam, muitos dos

quais sequer podiam ser antecipados pelos seus introdutores - o que reforça a necessidade de discussão e compreensão dos possíveis desdobramentos de sua adoção pela sociedade, tornando ainda mais relevante o debate acadêmico da questão. A título de exemplo, quando a ferrovia foi introduzida a partir do desenvolvimento da máquina a vapor, que a viabilizou tecnicamente, imaginava-se que ela fosse representar simplesmente um aprimoramento no transporte de pessoas e cargas. As décadas seguintes demonstraram, contudo, que muito mais do que facilitar o transporte, a novidade transformou a forma de pensar de indivíduos empreendedores, que conseguiram vislumbrar a existência de mercados mais amplos para os seus produtos do que os anteriormente proporcionados por suas próprias vilas ou cidades. Isto contribuiu para reforçar ainda mais o conceito de *mercado de massa*, que estava sendo introduzido em decorrência dos ganhos de produtividade da indústria, o que colaborou para o adensamento das cidades e para a formação de uma sociedade voltada para o consumo (GRAEML, 2004).

A partir dos anos 1970 as novas tecnologias, especialmente aquelas relacionadas à microeletrônica e à informática, começaram a alterar espaços, a modificar o modo de vida e a produzir informações inovadoras no contexto urbano³. Para Duarte (1999, p. 36) essas tecnologias "rompem as velhas estruturas sociais e formais das cidades, transformando os hábitos das pessoas e criando outros". Uma característica particularmente interessante da apropriação dessas tecnologias pela sociedade é que elas proporcionam um novo estágio de

³ As TICs indicam um conjunto de meios de armazenamento, tratamento e difusão da informação, resultado da união da informática, das telecomunicações e dos recursos audio visuais, como por exemplo, o telefone, o fax e a Internet. Ainda segundo Lévy (1999) as TICs estão evoluindo em uma velocidade muito alta e a cada dia mais pessoas estão se tornando adeptas delas. Ao longo deste estudo, sempre que se fizer menção a TICs, estar-se-á tratando das tecnologias de telecomunicação e informática popularizadas nas últimas décadas, com especial ênfase para a Internet.

dominação das distâncias, que vai além daquele possibilitado pela ferrovia, sobre o qual se discorreu acima: telefone, televisão e, mais recentemente, as redes⁴ de computador e a Internet permitem a “tele-existência”, ou seja, permitem estar, ainda que virtualmente, em diversos lugares distintos praticamente ao mesmo tempo (VIRILIO, 1993). Isto terá desdobramentos, muitos dos quais difíceis de antecipar, com reflexos sobre a cidade. Afinal, a geografia dessas redes eletrônicas proporciona novos espaços e lugares de atuação para o homem. Ainda que tais espaços sejam virtuais, eles substituem outros utilizados tradicionalmente, os quais perderão a razão de ser ou, ao menos, tornar-se-ão menos relevantes. A infra-estrutura necessária a uma cidade pós-moderna difere daquela concebida e disponível nas cidades industriais, já que nelas o espaço físico é comprimido e a geografia real relegada a um segundo plano, face à priorização da criação de lugares imaginários de vivência.

Embora ainda não haja distanciamento temporal suficiente entre o evento de introdução da Internet e o momento atual para permitir a realização de uma análise adequada, percebe-se que a sociedade contemporânea está se confrontando com novos paradigmas, que vêm modificando rapidamente padrões de comportamento cultural e social. Inclui-se aí a inserção de novos hábitos no cotidiano da população urbana e na maneira como esta interage com o espaço em que está inserida. Castells (2002) assevera que o mundo moderno está conectado pela Internet e, em função disto, nenhum lugar existe por si mesmo, já que as posições são definidas pelos intercâmbios de fluxos da rede. A partir desta visão, pode-se entender que as estruturas que se constroem definem novos espaços, reais ou virtuais, o que faz com que lugares continuem existindo, apesar

⁴ "Redes são estruturas abertas capazes de se expandir de forma ilimitada integrando novos nós, desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação" (CASTELLS, 2002, p. 498).

de sua lógica e de suas representações serem absorvidas pela rede e transformadas, proporcionando formas de apropriação distintas.

Estudiosos das mais diferentes áreas vêm tentando desenvolver compreensões interdisciplinares dos efeitos do uso das novas tecnologias e da sua apropriação pela sociedade, com base em seus múltiplos modelos mentais. Apesar disto, a complexidade da questão faz com que inovações tecnológicas introduzidas no cotidiano urbano tenham seus reflexos pouco conhecidos e estudados, de forma holística, pelas ciências sociais, dentre elas a Geografia⁵.

A Internet – esta grande rede de comunicação interativa, global e multimídia, que constitui o maior arquivo de informações já reunidas pelo homem – é vista de maneira distinta por pesquisadores das mais diversas áreas de conhecimento, de acordo com suas possibilidades de uso e interação. Pesquisadores em administração podem, por exemplo, ver a rede como um meio de realizar negócios; psicólogos podem vê-la como uma possibilidade de escape do mundo real, enquanto educadores, assistentes sociais e profissionais de áreas afins, como uma forma de inclusão de pessoas com necessidades especiais. Cientistas políticos podem encontrar neste espaço virtual a possibilidade de novos exercícios democráticos em que os cidadãos não precisam mais de representantes para expressar seus interesses. Planejadores urbanos e geógrafos, por sua vez, podem vislumbrar alterações na relação do homem com o espaço, decorrentes da introdução de uma nova tecnologia.

Assim, ao mesmo tempo que modificam conceitos as novas tecnologias alteram modos de vida e, desta maneira, alteram também as diferentes concepções, percepções e apropriações do espaço produzido e do espaço vivido.

⁵ Atualmente são poucos os estudos da Geografia que abordam a temática do espaço virtual.

Muitas das atividades que, por tradição, são realizadas fisicamente em uma cidade, como fazer compras, trabalhar, divertir-se ou conversar com amigos, exercer a cidadania, obter e prestar serviços, entre outras, podem passar a ser realizadas por meio de computadores conectados em rede, pela Internet. Estão disponíveis o comércio eletrônico, o teletrabalho, jogos *on-line* e as salas de “bate-papo”, acesso ao banco, a serviços públicos e uma série de outras possibilidades de interação virtual.

Concomitantemente à virtualização das atividades também os lugares estão sendo virtualizados ou perdendo sua razão original de ser. Ruas e avenidas transformam-se em meras vias de passagem, em que não se espera (nem deseja) encontrar ninguém. Lojas tradicionais locais são substituídas por *shopping-centers*, em que predominam franquias de marcas globais; escritórios amplos, onde os clientes costumavam ser atendidos, dão lugar a ambientes acanhados, com espaço suficiente apenas para acomodar os próprios trabalhadores (isso quando eles continuam freqüentando o ambiente de trabalho, porque a tendência para muitos tem sido a de passar a trabalhar em casa). Praças e parques perdem parte do encanto, preteridos por jovens e crianças, que preferem despendar seu tempo livre em frente à televisão, ao telefone ou no computador. Neste sentido, Augé (1994, p. 73) considera que “a supermodernidade é produtora de *não-lugares*, isto é, de espaços que não são em si *lugares* antropológicos”, ou seja, lugares⁶ com os quais não se estabelecem

⁶ Neste estudo, a palavra “lugar” será utilizada com dois significados distintos. Quando a palavra estiver grafada em itálico, significa que o conceito está relacionado a um local que foi apropriado pelas pessoas, existindo uma relação de pertencimento e afinidade. Quando a palavra lugar aparecer escrita sem destaque, o uso que dela se faz é o coloquial, funcionando como sinônimo de local e não implicando na idéia de identidade, afinidade ou pertencimento daqueles que o freqüentam. Ainda assim, é preciso dizer que o conceito de *lugar* não é estático e tampouco geral. Depende do momento e do indivíduo, o que faz com que mesmo a pesquisadora se defronte com situações em que ela própria sente dificuldade em determinar qual o significado mais ajustado para a ocasião.

relações afetivas, como aeroportos, rodoviárias e *shopping-centers*. Estendendo a percepção de Augé para situações pós-modernas, em que o uso das TICs assume um papel importante na vida das pessoas e das cidades, percebe-se que a apropriação do seu uso está criando *não-lugares* virtuais, tal qual os já mencionados *não-lugares* físicos, como lojas virtuais e bancos eletrônicos.

Além de interferir no relacionamento das pessoas com o espaço (lugares) os avanços tecnológicos modificam as referências temporais tradicionais, conforme observado por diversos autores (GIDDENS, 1991; LÉVY, 1996; TRIVINHO, 1998; LÉVY, 1999; HARVEY, 2002; CASTELLS, 2003a; HAESBAERT, 2004). Fala-se em um “desencaixe”, uma “dissociação”, uma “compressão espaço-temporal”, um “desprendimento do aqui e do agora”, que tem efeito sobre quando ocorrem as interações. No mundo da Internet é usual que as interações sejam possíveis 24 horas por dia, 365 dias por ano, o que interfere no cotidiano das pessoas, por mais que, em muitos casos, máquinas estejam no controle.

Considerando-se este novo paradigma sociotécnico⁷, em que espaço e tempo modificam-se e alteram as relações que neles ocorrem, com reflexos sobre o homem e o espaço socioambiental⁸ por ele ocupado, novas necessidades se

⁷ Para evidenciar o viés do paradigma sociotécnico, aqui abordado, busca-se apoio em Castells (2002, p. 108) que considera que o paradigma sociotécnico emerge de algumas características do paradigma tecnológico da sociedade informacional. A primeira característica é que as tecnologias agem sobre a informação da mesma forma que a informação age sobre as tecnologias, diferentemente do que aconteceu nas revoluções tecnológicas anteriores. Outra característica refere-se à penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias em todas as atividades humanas, individuais ou coletivas, que são moldadas (e não determinadas) pelo novo meio tecnológico. A lógica das redes, presente em qualquer sistema ou conjunto de relações que utilize as novas tecnologias de informação e a flexibilidade dos processos, das organizações e das instituições, derivada da capacidade de reconfiguração (pois se tornou possível inverter as regras sem destruir a organização), também é considerada uma característica deste novo paradigma sociotécnico. Por fim, a crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado ainda caracteriza o paradigma sociotécnico da sociedade informacional. Estas características serão abordadas de forma detalhada no capítulo 2.

⁸ Por espaço socioambiental entende-se um espaço que engloba todas as ações que envolvem a sociedade e a natureza (ver a primeira nota de rodapé contida nesta tese).

configuram e novas demandas se apresentam aos gestores da cidade. Os tradicionais prolongamentos da morada (LE CORBUSIER, 1984), como bibliotecas, parques, postos de saúde e escolas já não atendem mais todos os anseios da população. Há a necessidade de se repensar as políticas públicas de oferecimento dos serviços urbanos, para que estejam em sintonia com a realidade da cidade do mundo pós-moderno.

Em meados da década de 1990, a Prefeitura Municipal da cidade de Curitiba criou os chamados Faróis do Saber. Projetados inicialmente para ser *lugares* que oferecessem à população um serviço de biblioteca, além de programas culturais e de disseminação do conhecimento, eles foram implantados nas diversas regionais⁹ da cidade. Em 2000, com o objetivo de proporcionar acesso à rede mundial de computadores à população de Curitiba, um novo serviço passou a ser disponibilizado nos Faróis: computadores com conexão à Internet. Ao contrário dos serviços anteriormente prestados, que se restringiam ao acesso às informações contidas nos livros ali armazenados, a nova iniciativa passou a permitir que os Faróis do Saber atuassem como portais para o universo inesgotável de informação, cultura, educação e lazer disponível na Internet, algo muito além do que impunham os limites físicos do *lugar*.

Em seguida é apresentado um cartograma com a localização do município de Curitiba (Figura 1), pólo da região metropolitana e capital do Estado do Paraná.

⁹ Regionais são uma espécie de subprefeitura responsável pelos bairros de cada uma das nove áreas em que a cidade está dividida administrativamente.

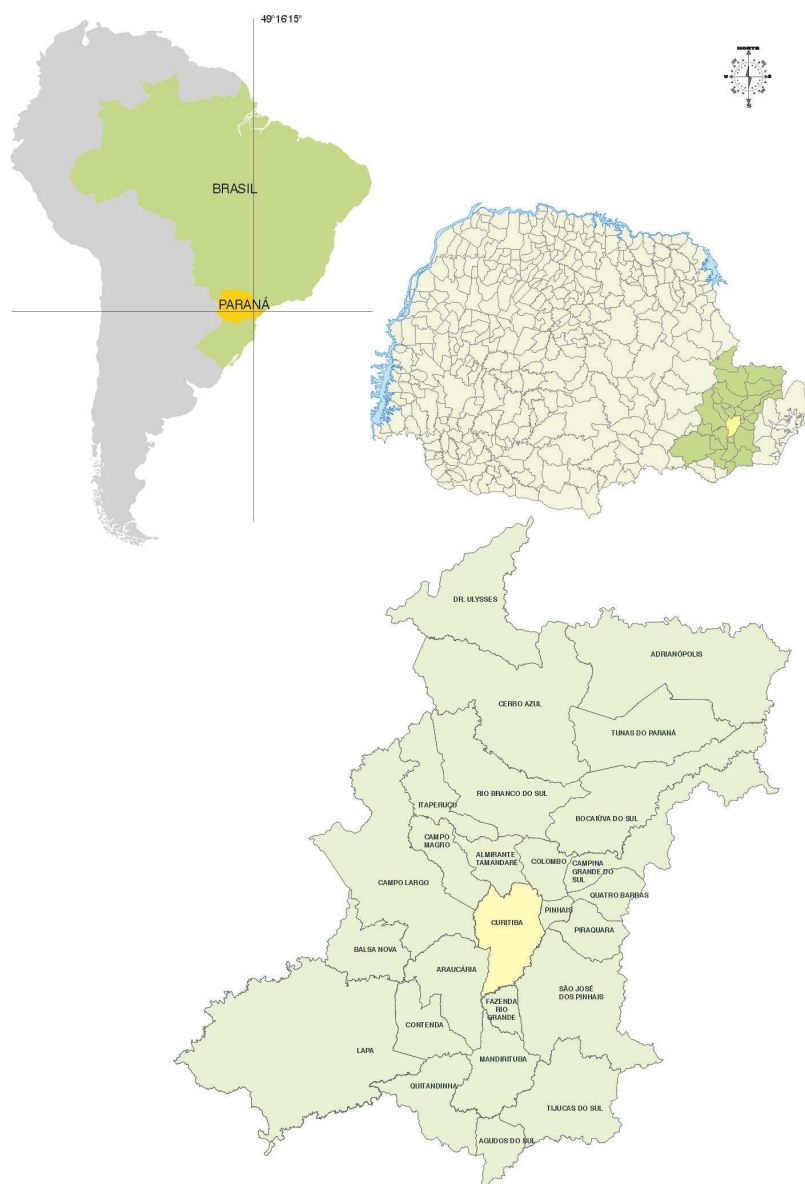


Figura 1 Localização geográfica da cidade de Curitiba

Fonte: Comec (2007)

A disponibilização do novo serviço e a intensidade com que foi apropriado pela população modificaram as características dos Faróis do Saber, proporcionando-lhes atributos de pós-modernidade, semelhantes àqueles que, acima, foram apontados como promotores da “*não-lugarização*”.

Ao acrescentar à carteira de serviços prestados a disponibilização de acesso à Internet, a partir de terminais de computador instalados nos seus mezaninos, os Faróis do Saber passaram a representar um recorte espacial interessante para um estudo dos efeitos da pós-modernidade sobre os espaços urbanos.

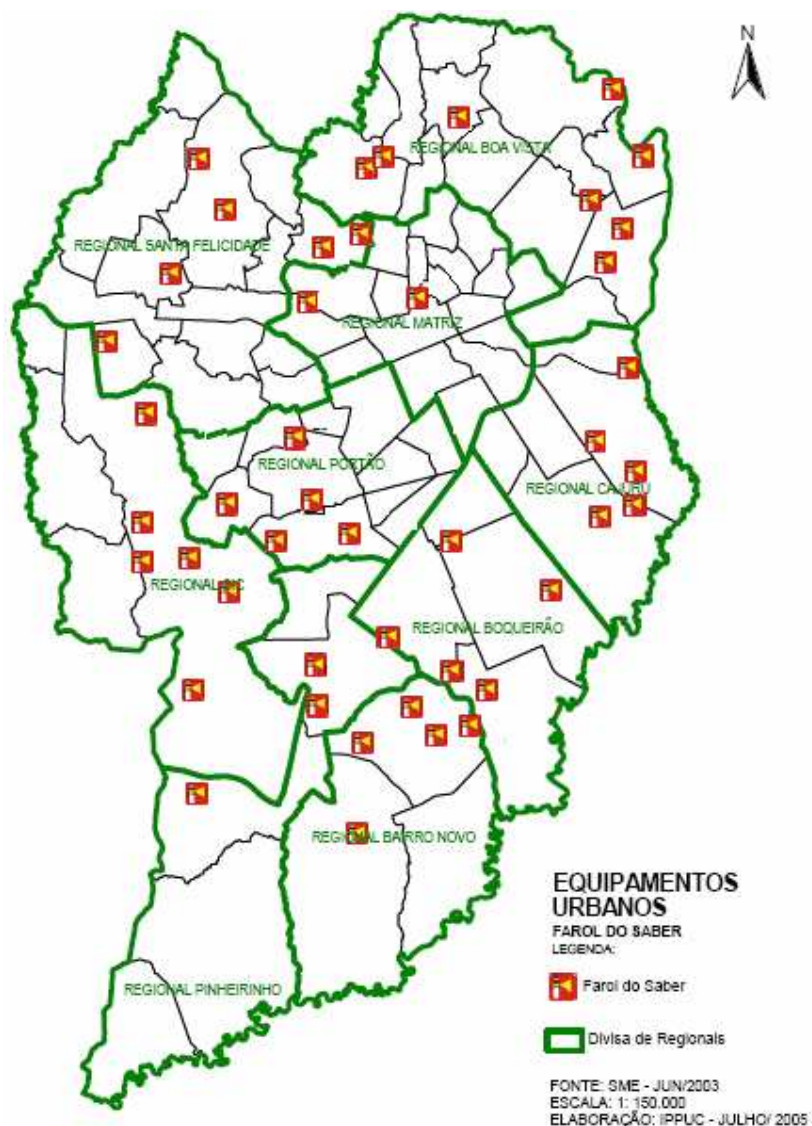


Figura 2 Recorte espacial do estudo, por regionais da cidade

Fonte: SME/Ipuc (2005)

Assim, a cidade de Curitiba e especialmente os 45 Faróis do Saber nela implantados na década de 1990 (Figura 2 e Anexo 1) foram eleitos como o recorte espacial para este estudo, que teve como objeto a apropriação do serviço de acesso à Internet – proporcionado pela Prefeitura de Curitiba à população nesses equipamentos urbanos. A tese aqui defendida é a de que, nos Faróis do Saber, *lugar* e *não-lugar* coexistem e reforçam-se mutuamente em uma relação dialética, que contribui para a reinscrição do palimpsesto urbano (Figura 3).

O problema que desencadeou esse processo investigatório está centrado na seguinte questão: a Internet, ao se apresentar como uma variável nova, promove uma relação dialética *lugar/não-lugar* de auto-reforço, na cidade pós-moderna, em que o físico e o virtual passam a coexistir?

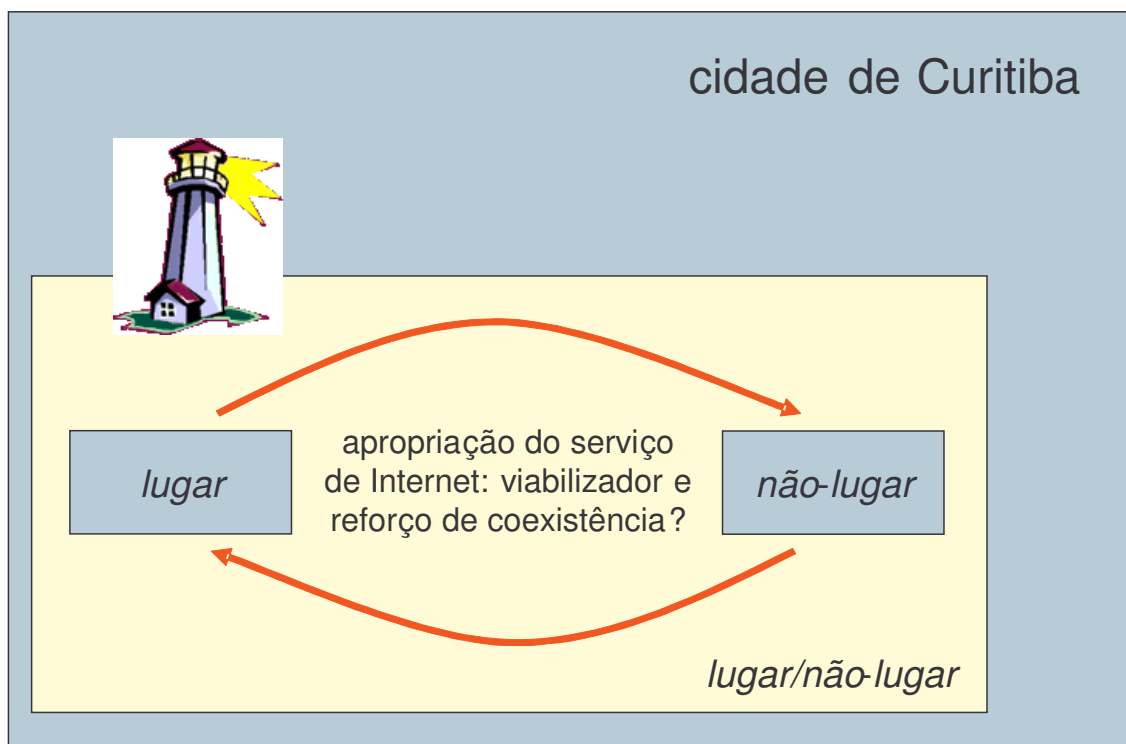


Figura 3 Relação dialética de coexistência e mútuo reforço do *lugar* com o *não-lugar* Farol do Saber

Fonte: elaborado pela própria autora

Pode-se apontar que o objetivo geral deste estudo é identificar a existência de uma relação dialética de auto-reforço entre *lugar* e *não-lugar* nos Faróis do Saber de Curitiba, em função da apropriação pela população do serviço urbano de Internet.

Para dar suporte a este objetivo geral estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

1. compreender a concepção dos Faróis do Saber como *lugares* de disseminação de conhecimento na cidade e de fomento de um serviço de acesso à Internet;
2. identificar o perfil dos usuários dos Faróis do Saber e sua relação com os serviços neles prestados;
3. discutir a forma como interagem os serviços que reforçam as características de *lugar* e os que enfatizam características de *não-lugar* ofertados pelos Faróis do Saber;
4. compreender a forma como se dá a apropriação do serviço de acesso à Internet pelos usuários dos Faróis do Saber, nas diferentes regionais da cidade de Curitiba, verificando se há sinergia com outras atividades realizadas nesses ou a partir desses espaços.

Este estudo possibilitou conciliar interesses pessoais e profissionais, influenciados pela trajetória desta pesquisadora¹⁰ com os interesses da linha de

¹⁰ Graduada em Geografia e mestre em Engenharia de Produção, que apresentou dissertação abordando o comércio eletrônico e a influência da Internet sobre a vida das pessoas e empresas.

pesquisa do programa de doutorado do MADE cuja ênfase se concentra no estudo do processo de urbanização e do ambiente urbano¹¹.

Tendo sido apresentados a problemática deste estudo, assim como seu objetivo e justificativa, passa-se agora a descrever a sua estrutura, indicando como serão desenvolvidos os conteúdos dos próximos capítulos.

O capítulo dois é dedicado à metodologia. Nele são descritas as técnicas de pesquisa utilizadas. Para proporcionar maior confiabilidade aos resultados optou-se por utilizar técnicas quantitativas, a partir da aplicação de um questionário, e qualitativas, com base na realização de entrevistas semi-estruturadas e na observação não-participante. Além disto foi feita ainda análise documental de material obtido a partir de inúmeras fontes. Acredita-se que as possibilidades de triangulação proporcionadas pela adoção de diversas abordagens complementares justifica o esforço despendido.

O capítulo três está estruturado em duas partes. A primeira apresenta uma breve contextualização do processo de fixação do homem e da ocupação do espaço urbano. Discute-se o conceito de *espaço* relacionando-o a outros conceitos que estão diretamente ligados ao seu uso/apropriação, como *cidade*, *urbano*, *lugar* e *território*. Nestas conexões, procurou-se entender de que forma o uso do espaço urbano e a realidade urbana atual foram afetados pelo advento de novas tecnologias, especialmente a Internet, que provocou ruptura do paradigma anteriormente existente. As reflexões sobre o *espaço* estão baseadas nas idéias de Manuel Castells, Ana Fani Carlos, Henry Lefebvre e Milton Santos, que proporcionam uma discussão profunda da relação do homem com o *espaço* e

¹¹ A própria concepção do doutorado permitiu uma visão holística dos fenômenos urbanos e, deste modo, tornou possível vislumbrar os impactos das novas tecnologias, especificamente da Internet levando em consideração a sua influência na modificação do "*lugar*", no contexto do meio ambiente urbano.

distinguem *espaço* de *território* e *lugar*. A matriz teórica do conceito de *território* fundamentou-se, primordialmente, em dois autores: Rogério Haesbaert e Claude Raffestin. O entendimento de *lugar* apóia-se nos ensinamentos de Marc Augé, Yi-Fu Tuan e Michel de Certeau. A segunda parte do terceiro capítulo aborda os conceitos relacionados à introdução das novas tecnologias, tratando especificamente da Internet, das redes de computadores e da formação de um espaço virtual. A fundamentação teórica provem de Pierre Lévy, Marc Augé, Edward Relph, Manuel Castells, David Harvey e William Mitchel. Também é discutido nesta segunda parte do capítulo o conceito de *apropriação*, de modo a se estabelecer sua ligação com o uso da Internet, na relação dialética *lugar/não-lugar*. Azael Camargo trata especificamente da *apropriação de serviços urbanos*. Foi a partir de suas idéias que se avançou na discussão da *apropriação de serviços urbanos de Internet*, de uma forma geral, para depois se tratar da sua *apropriação* pelos usuários dos Faróis do Saber em Curitiba, que representam a delimitação espacial deste estudo.

O capítulo quatro aborda a concepção e a história dos Faróis do Saber na cidade de Curitiba, como um *lugar/não-lugar* de prestação de serviços públicos. São apresentados o projeto de execução inicial, a concepção arquitetônica e o processo de implantação dos Faróis do Saber durante a gestão municipal do Prefeito Rafael Greca de Macedo, de 1993 até 1996. Deu-se ênfase ao processo de implantação desse equipamento urbano, que envolveu inicialmente a criação de bibliotecas e, posteriormente, sua adaptação para atuar também como local de uso de computadores e acesso à Internet.

O capítulo cinco contém a apresentação dos dados, organizados de acordo com as categorias de análise definidas para este estudo. Para facilitar a visualização da realidade encontrada, optou-se pela utilização de tabelas e

gráficos explicativos, que dividem o espaço com o texto de descrição dos achados.

O capítulo seis é o da análise de dados, com base nas duas categorias (*lugar* e *não-lugar*), à luz da teoria apresentada nos capítulos três e quatro. Está estruturado em quatro partes:

- a tese – o *lugar* Farol do Saber;
- a antítese – o *não-lugar* Farol do Saber;
- a síntese – o *não-lugar* e o *lugar* coexistem e se reforçam.

Também se discutem neste capítulo as diferentes formas de apropriação do serviço de acesso à Internet e do *lugar* Farol do Saber, considerando as nove regionais da cidade.

O capítulo sete contém as conclusões e algumas reflexões sobre futuros trabalhos que podem ser realizados envolvendo a temática abordada nesse estudo.

1 O CAMINHO DAS PEDRAS

Uma boa estrada é, ao mesmo tempo, prisão e liberdade: há que se ir por ela para aumentar a rapidez e a segurança, mas é preciso estar atento à eficácia dos atalhos e à alegria e plenitude da paisagem.

Danilo Gandin

A ciência utiliza métodos científicos para se aproximar da veracidade dos fatos, pois para que um conhecimento seja considerado científico é necessário identificar as operações mentais e as técnicas que possibilitam sua verificação (GIL, 1987; LAKATOS e MARCONI, 1996). Vários filósofos tentaram estabelecer um único método para ser aplicado aos diversos ramos da ciência, mas, ao invés disto, muitos métodos surgiram das mais variadas áreas do conhecimento, evidenciando que os métodos são determinados pelo tipo de objeto a investigar e pelo objetivo que se quer atingir.

Para este estudo adotou-se uma abordagem metodológica influenciada pelo materialismo histórico-dialético introduzido por Marx, que prega que o conhecimento científico é uma ferramenta de compreensão e de transformação da sociedade humana (CARVALHO, 2000). Fazendo uma leitura das idéias de Marx, Konder (1981) ressalta que a lógica dialética possibilita a compreensão da realidade como algo essencialmente contraditório e que está em constante mutação, em oposição à lógica formal, que é estática e não aceita contradição e conflito. Por esta ótica, considera-se que o conhecimento não é um estado, mas um processo em constante construção e reconstrução ao longo do tempo, por meio do qual as novas experiências e observações corrigem e ampliam as experiências e observações precedentes, completando-as numa eterna superação dialética.

O pressuposto da existência de contradição, que permeia a lógica marxista, determina que, para se analisar a realidade, deve-se aceitar a existência de uma idéia oposta à que se está tentando defender. O caminho para o conhecimento pode ser percorrido explorando-se a contradição, refletindo sobre a realidade a partir do objeto em estudo (empírico) e por meio de abstrações (reflexões e análises) para se chegar ao concreto, a síntese.

Neste estudo de caráter tanto quantitativo como qualitativo, os caminhos trilhados (procedimentos metodológicos), *survey*, entrevistas e observação não-participante foram essenciais para se obter uma visão holística do problema. Partindo-se do pressuposto dialético-marxista foi possível estabelecer uma relação entre *lugar* e *não-lugar* nos Faróis do Saber, que leva em consideração o conflito existente entre as duas proposições e permite que se chegue à síntese de reinscrição do palimpsesto urbano nestes equipamentos da cidade de Curitiba.

O motivo de se ter utilizado uma pesquisa *survey* foi a indicação deste método para coletar informações de pessoas a respeito de suas idéias, planos, sentimentos, crenças, bem como descobrir a origem social, educacional e financeira dos pesquisados (FINK e KOSECOFF, 1998). A pesquisa *survey* é um dos métodos mais conhecidos e utilizados nas ciências sociais, sendo baseada em três grandes objetivos: descrever, explorar e explicar. Este método é recomendado quando o pesquisador necessita obter informações ou mesmo dados sobre características, opiniões e ações de determinado grupo de pessoas (BABBIE, 1999). Também é apropriado para estudos que desejam obter respostas a questões do tipo "o quê?", "por quê?" e "como?" (FREITAS *et al.*, 2000).

Babbie (1999) alerta para o fato de que o instrumento da pesquisa *survey* deve ser aplicado a uma amostra da população a ser estudada e no ambiente natural da situação a ser investigada. Por isso tomou-se a decisão de visitar cada um dos 45 Faróis do Saber de Curitiba para a aplicação do questionário.

Foi utilizada ainda a técnica de observação simples, ou não-participante¹², para captar ações, atitudes e comportamentos dos usuários dos Faróis do Saber e do serviço de Internet, os quais foram registrados em um diário. A estratégia foi útil para se conhecer melhor o cotidiano dos usuários em sua interação com o Farol do Saber.

Por fim, foram realizadas entrevistas com pessoas envolvidas na implementação e no suporte dos Faróis do Saber e do Programa Digitando o Futuro, além dos seus gestores atuais, com o objetivo de melhor compreender questões associadas à origem, gestão e organização dos Faróis do Saber e do serviço de acesso à Internet.

Todos os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram estruturados levando-se em consideração as duas categorias de análise que fundamentaram a construção dos argumentos para se atingir os objetivos propostos: o *lugar* e o *não-lugar* Farol do Saber. Estas duas categorias se estabeleceram como a base para a relação dialética que se propõe analisar neste estudo.

A seguir, são detalhados os procedimentos adotados na aplicação destas técnicas de pesquisa ao objeto de estudo.

1.1 O QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Um dos instrumentos de coleta de dados utilizado na pesquisa de campo deste estudo foi um questionário, estruturado em blocos temáticos, aplicado aos usuários dos pontos de acesso à rede de Internet pública. Os blocos temáticos foram estabelecidos considerando-se as duas categorias de análise deste estudo:

¹² Gil (1987) explica que a observação simples é aquela em que o pesquisador permanece alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar e observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem.

o *LUGAR* e o *NÃO-LUGAR*, a partir dos quais foram geradas outras seis subcategorias de análise:

1. dados sobre o perfil sócio-educacional;
2. preferências relacionadas ao uso do Farol do Saber;
3. preferências relacionadas ao uso da Internet nos Faróis do Saber;
4. o impacto do uso da Internet no Farol do Saber sobre outros lugares da cidade;
5. atividades que são realizadas por meio da Internet;
6. percepção sobre a qualidade do serviço de Internet oferecido no Farol do Saber.

Primeiramente, considerou-se importante conhecer quem eram realmente os usuários dos Faróis do Saber, motivo pelo qual foram definidas questões que revelassem seu perfil sócio-educacional (Figura 4). Estes dados foram importantes porque permitiram a sua confrontação com as características da apropriação dos serviços oferecidos nos Faróis do Saber, nas nove regionais da cidade.

Idade: _____		Sexo: () Feminino () Masculino	
Bairro: _____		CEP: _____	Profissão: _____
Renda familiar:			
() até 1 salário mínimo		() de 1 a 3 salários mínimos	
() de 3 a 9 salários mínimos		() mais de 9 salários mínimos	
Escolaridade:			
() ensino fundamental incompleto		() ensino fundamental completo	
() ensino médio incompleto		() ensino médio completo	
() ensino superior incompleto		() ensino superior completo	
() outro: _____			

Figura 4 Subcategoria de análise: coleta de dados sobre o perfil sócio-educacional

Fonte: segmento do questionário elaborado pela autora para coleta de dados

Após conhecer o perfil dos usuários dos serviços dos Faróis do Saber, houve a necessidade de se investigar o que motiva os usuários a sair de sua casa para ir ao Farol. Indagou-se de que forma ocorre o deslocamento ao Farol, para verificar se

a relação com o Farol é uma relação de morador de bairro. Ainda com relação às preferências dos usuários, procurou-se verificar se a condição climática afeta a decisão dos usuários sobre o melhor momento de se dirigir ao Farol do Saber (Figura 5).

Quais os motivos por que você vem ao Farol do Saber? (pode marcar mais de um)		
☐ ler	☐ acessar a Internet	☐ fazer trabalhos escolares
☐ encontrar amigos	☐ estudar	☐ outro: _____
Como você normalmente vem ao Farol do Saber?		
☐ a pé	☐ de bicicleta	☐ outro: _____
☐ de ônibus	☐ de carro	
Quando você prefere ir ao Farol do Saber?		
☐ em dias de sol	☐ em dias de chuva	☐ tanto faz

Figura 5 Subcategoria de análise: preferências relacionadas ao uso do Farol do Saber

Fonte: segmento do questionário elaborado pela autora para coleta de dados

Em relação aos serviços oferecidos no Farol do Saber, o serviço de acesso à Internet é importante para a problemática deste estudo, motivo pelo qual optou-se por concentrar a análise nas variáveis relacionadas a ele (Figura 6). Considera-se que o uso dos Faróis somente como biblioteca não proporciona diferentes alternativas de apropriação. Em uma biblioteca somente é possível emprestar livros e outras publicações ou fazer a leitura deles no próprio local. Ao se apropriar de um serviço de acesso à Internet, porém, o usuário pode realizar inúmeras atividades, entre as quais ler, jogar, pagar contas e obter serviços.

Para identificar a intensidade e o período do dia em que os usuários vão ao Farol para utilizar o serviço foi definido um bloco com perguntas específicas sobre a forma como eles se apropriam do serviço de Internet.

Também considerou-se importante conhecer o grau de familiaridade que os usuários tinham com o computador antes de começar a usar o serviço de Internet do Farol, bem como identificar se os usuários acessam a Internet de outros locais ou se sua única opção de acesso à Internet é por meio do serviço prestado pelos Faróis do Saber.

O objetivo da utilização do e-mail pelos usuários também foi motivo de investigação neste questionário, a fim de verificar como as relações sociais destes usuários estão se estruturando no ciberespaço.

Com que frequência você utiliza a Internet no Farol do Saber?		
☐ quase todos os dias	☐ ao menos 1 vez por semana	
☐ ao menos 1 vez por mês	☐ menos de 1 vez por mês	
Em que período(s) do dia você utiliza a Internet no Farol do Saber? (pode marcar mais de um)		
☐ manhã	☐ tarde	☐ noite
Você sabia utilizar o computador antes de começar a utilizar a Internet no Farol do Saber?		
☐ sim ☐ não		
Você acessa a Internet de outro local? (pode marcar mais de um)		
☐ sim, de casa	☐ sim, da escola	☐ sim, de <i>lan-houses</i>
☐ sim, da casa de amigos	☐ sim, do trabalho	☐ sim, outro: _____
ou		
☐ não, só possuo acesso a partir do Farol do Saber		☐ não, até possuo acesso de outros lugares, mas prefiro o Farol do Saber
Você utiliza e-mail para trocar mensagens com: (pode marcar mais de um)		
☐ amigos	☐ colegas de trabalho	☐ desconhecidos
☐ familiares	☐ clientes e/ou fornecedores	☐ outros: _____
ou		
☐ não utilizo e-mail		

Figura 6 Subcategoria de análise: preferências relacionadas ao uso da Internet nos Faróis do Saber

Fonte: segmento do questionário elaborado pela autora para coleta de dados

Outro bloco temático de coleta de dados tratou do impacto do uso da Internet sobre a frequência a outros lugares da cidade (Figura 7). Foram apresentadas diversas possibilidades de lugares para que os usuários indicassem se houve redução da frequência de visita a eles.

O uso da Internet nos Faróis do Saber reduziu o número de vezes que você vai a algum desses lugares? (pode marcar mais de um)		
☐ ruas da cidadania	☐ praças e parques	☐ <i>shopping-centers</i>
☐ prefeitura	☐ supermercados	☐ escola
☐ bancos	☐ lojas	☐ casa de amigos
☐ bibliotecas	☐ cinemas	☐ outro: _____
ou		
☐ não, continuo me deslocando a estes lugares com a mesma frequência que anteriormente.		

Figura 7 Subcategoria de análise: impacto do uso da Internet no Farol do Saber sobre outros lugares da cidade

Fonte: segmento do questionário elaborado pela autora para coleta de dados

Descobrir quais as atividades realizadas pela Internet e a frequência com que os usuários do serviço de acesso à Internet dos Faróis do Saber dedicam-se a elas representou a preocupação de outro bloco temático (Figura 8). As atividades apresentadas foram escolhidas com base em estudos realizados anteriormente por outros pesquisadores e entidades de pesquisa (ALBERTIN, 1999; IBGE, 2005; CGI, 2006), que identificaram as atividades desempenhadas com mais frequência no Brasil por meio da Internet.

Com que frequência VOCÊ usa o computador para as seguintes atividades:		SEMPRE	QUASE SEMPRE	ÀS VEZES	QUASE NUNCA	NUNCA
1	fazer trabalhos escolares					
2	fazer outras atividades escolares					
3	ler jornais on-line e sites de notícias					
4	fazer pesquisa sobre diversos temas					
5	trocar mensagens usando e-mail					
6	jogar					
7	conhecer novas pessoas em salas de bate-papo					
8	fazer pagamentos de contas					
9	obter informações nos sites de órgãos governamentais (horário de ônibus, saldo de FGTS, INSS etc.)					
10	utilizar serviços virtuais de órgãos governamentais (impostos, guias amarelas, carnê de IPTU etc.)					
11	pesquisar o preço de produtos					
12	fazer compras via Internet					
13	acompanhar as ações do governo e do legislativo acessando sites que disponibilizam informações sobre o que estão fazendo					
14	fazer reclamações e solicitações a órgãos governamentais					
15	participar de cursos on-line (ensino a distância)					
16	disponibilizar meu currículo em sites de emprego					
17	procurar oportunidades de emprego					
18	fazer inscrição para a realização de concursos e me inscrever em processos seletivos					
19	outra: _____					

Figura 8 Subcategoria de análise: atividades realizadas por meio da Internet¹³

Fonte: segmento do questionário elaborado pela autora para coleta de dados

¹³ A escala utilizada para esta questão foi baseada na Escala *Likert*, que é um método considerado muito eficiente quando se deseja saber a atitude ou a opinião do participante sobre determinado assunto. Segundo Babbie (1999), a escala *Likert* está associada ao formato de pergunta utilizado nos questionários de *survey*, que deve consistir em sentenças afirmativas ao invés de questões e deve fornecer 5 ou 6 níveis de resposta, dentre os quais os participantes podem escolher um de acordo com sua realidade (FINK e KOSECOFF, 1998).

Para discutir se os Faróis do Saber representam um *lugar* ou um *não-lugar* procurou-se identificar como os usuários percebem a qualidade do serviço de Internet oferecido nesses equipamentos urbanos (Figura 9).

No Farol do Saber que VOCÊ frequenta:		Muito bom	Bom	Regular	Ruim	Muito ruim
1	o maquinário disponível (computadores) é ...					
2	o atendimento realizado pelos estagiários e professores é ...					
3	o processo de agendamento de um horário para utilizar a Internet é ...					
4	o fato de haver bloqueio de determinadas páginas da Internet é ...					

Figura 9 Subcategoria de análise: percepção sobre a qualidade do serviço de Internet oferecido no Farol do Saber

Fonte: segmento do questionário elaborado pela autora para coleta de dados

1.1.1 Pré-teste do questionário

O principal objetivo do pré-teste é avaliar o instrumento de coleta de dados, no caso o questionário, visando a garantir que este meça exatamente aquilo que se propõe a medir (GIL, 1987).

No caso deste estudo optou-se por realizar um pré-teste do questionário a fim de avaliar as possíveis dificuldades, bem como prever custos e o tempo que seria necessário para o seu desenvolvimento. A sua aplicação também foi importante para definir o tempo estimado de resposta do questionário pelos usuários.

O pré-teste permitiu a verificação e a correção de falhas pela reformulação do instrumento de coleta de dados, modificando-se ou eliminando-se itens problemáticos. Permitiu ainda a identificação de aspectos que precisavam ser mais bem esclarecidos por gerar dúvidas ou dificuldade de interpretação, casos em que se providenciou a modificação da redação.

O maior problema encontrado na aplicação do pré-teste foi o uso da escala Likert no bloco temático de coleta de dados sobre características do uso da Internet pelo usuário, que não havia sido planejado, originalmente, como está mostrado na Figura 9. Esta parte do questionário estava rigorosamente baseada, a princípio, em uma escala Likert de 5 pontos, com afirmações que começavam com: "Utilizo a rede de Internet no Farol do Saber porque..." para as quais o respondente era convidado a emitir sua opinião escolhendo um dos níveis da escala oferecida, que variavam de "concordo totalmente" até "discordo totalmente".

Percebeu-se que os respondentes não estavam familiarizados com este tipo de questão, uma vez que apresentaram grande dificuldade em respondê-la. Algumas pessoas não entendiam que a pergunta era sobre os motivos pelos quais elas utilizavam a Internet no Farol do Saber. Houve quem achasse que deveria responder se era possível realizar determinada atividade pela Internet e quem interpretasse ser necessário enumerar as principais atividades realizadas na Internet. Obteve-se, enfim, um número elevado de respostas inconsistentes, o que fez com que a pesquisadora decidisse reformular a questão, mudando a pergunta para: "Com que frequência VOCÊ usa o computador para as seguintes atividades:". As opções de resposta passaram a variar de "sempre" até "nunca", com situações intermediárias.

Alguns outros pequenos problemas foram detectados e corrigidos através da substituição do questionário constante do Apêndice 1, aplicado no pré-teste, pelo do Apêndice 2, que foi usado na pesquisa.

O número de questionários aplicados no pré-teste variou de acordo com a quantidade de usuários utilizando o serviço de Internet do Farol no momento da

aplicação, nos 45¹⁴ Faróis do Saber visitados. Como os usuários podem utilizar o computador por uma hora, sempre a partir de uma hora cheia decidiu-se chegar ao local 20 minutos antes de cada hora fechada. Assim seria possível aplicar os questionários após o término do período de utilização. A tentativa de aplicar o questionário também aos usuários que chegavam para utilizar o computador na hora seguinte revelou-se inadequada, haja vista que a vontade de iniciar logo o acesso à Internet fazia com que as questões fossem respondidas com pressa. Foi este o motivo pelo qual adotou-se o procedimento padrão de aplicação de questionários: esperar até que o usuário terminasse a utilização da Internet para só então abordá-lo. A estratégia não só funcionou como mostrou ser de grande eficiência. Praticamente todos os freqüentadores dos serviços de Internet dos Faróis do Saber pesquisados, tanto no pré-teste como na aplicação definitiva, aceitaram responder o questionário e, na grande maioria, o fizeram com muito boa vontade.

1.1.2 Teste piloto do questionário

Depois das alterações decorrentes da aplicação do pré-teste foi realizado um teste piloto em mais quatro Faróis do Saber, adotando o questionário reformulado.

O objetivo desta fase da pesquisa foi verificar se os instrumentos a serem utilizados na pesquisa tinham possibilidade de garantir resultados isentos de erros. Lakatos e Markoni (1996) salientam que a realização de um teste piloto possibilita ao pesquisador testar o instrumento de pesquisa sobre uma pequena porcentagem da amostra a ser estudada, antes de aplicá-lo definitivamente.

¹⁴ Apesar de serem 47 Faróis do Saber espalhados pela cidade, só foram aplicados questionários em 45, pois no Farol do Bosque do Alemão não há o programa Digitando o Futuro e o Farol Miguel de Cervantes está sob a responsabilidade da Fundação Cultural de Curitiba.

Desta forma, conforme alertam essas autoras, evita-se que a pesquisa chegue a um resultado falso ou que se descubra, tardiamente, que o esforço realizado foi em vão.

Com a aplicação do teste piloto foi possível constatar a eficácia do questionário ajustado e aumentar a segurança de que as respostas obtidas a partir da sua aplicação serviriam para respaldar os objetivos propostos para o trabalho.

1.1.3 Aplicação do questionário (coleta de dados)

A aplicação do instrumento de coleta de dados¹⁵ propriamente dita aconteceu de 31/07/2006 até 28/08/2006, para se obter dados que permitissem responder às perguntas desta pesquisa.

A coleta de dados foi realizada nos três períodos do dia. O número de Faróis visitados em cada período foi estabelecido após uma análise dos levantamentos fornecidos pela SME (2006). Eles mostram que o período da tarde é o de maior utilização pelos usuários, correspondendo a 50% do número total de horas/mês. O período da noite é o segundo mais procurado pelos usuários, representando 28% das horas/mês de uso da rede de Internet pública. O período da manhã é o menos procurado, representando apenas 22% das horas/mês utilizadas. O número total de Faróis visitados em cada turno foi definido levando-se em consideração as porcentagens acima.

A data e o período do dia em que cada Farol do Saber foi visitado ao longo dos quase trinta dias de coleta de dados em campo são apresentados no

¹⁵ Na prática, a coleta de dados significa, conforme observa Santos (1999), colocar em andamento os procedimentos planejados para se atingir os objetivos do trabalho científico.

Apêndice 3, assim como o número de questionários aplicados - o que dependeu da quantidade de usuários utilizando o serviço no momento da visita.

Toda vez que a quantidade de respostas foi igual ou inferior a dez questionários em um Farol do Saber, programou-se uma nova visita ao local no mesmo turno (período do dia) da primeira tentativa para se complementar a coleta.

Ao final foram obtidos 524 questionários de usuários, com base nos quais foi realizada a análise quantitativa que será apresentada no capítulo cinco.

1.2 A OBSERVAÇÃO E AS ENTREVISTAS

Houve situações, durante a aplicação do questionário, em que se percebeu através da observação não-participante que o depoimento da pessoa em questão acrescentaria informações adicionais importantes para a análise. Assim realizaram-se entrevistas com alguns usuários dos Faróis do Saber.

Além destas entrevistas não planejadas com usuários específicos foram realizadas entrevistas planejadas e semi-estruturadas com os gestores desses equipamentos urbanos e do serviço de acesso à rede de Internet pública. Estas entrevistas serviram para conhecer melhor os serviços oferecidos nos Faróis do Saber e o projeto Digitando o Futuro.

Sobre a gestão dos Faróis foram entrevistadas as funcionárias da Gerência de Faróis da Secretaria Municipal de Educação, Sra. Rosane Carvalho Polli e Sra. Mara Rejane Villatore, que relataram a história dos Faróis do Saber desde sua implantação até a gestão atual, bem como os problemas e carências existentes, de que forma os Faróis são gerenciados e os planos e metas estabelecidos para a sua gestão.

Sobre o projeto Digitando o Futuro, as informações iniciais vieram do Sr. Fabrício Zanini, funcionário do ICI, que foi coordenador do projeto de 2000 a 2005. Na época da entrevista (em 2006) o projeto ainda estava em operação, apesar de já haver sinais de que uma possível mudança seria realizada, em função da nova gestão municipal. Várias entrevistas foram realizadas também com o Sr. Adalberto Cerpa, atualmente na Secretaria Municipal de Educação, que, assim como o Sr. Fabrício, encontrava-se envolvido com o projeto desde a sua implantação.

Pretendia-se entrevistar ainda o ex-prefeito de Curitiba e idealizador dos Faróis do Saber, Rafael Greca de Macedo, mas isto não foi possível em virtude da sua alegada falta de tempo¹⁶.

A observação não-participante foi realizada durante o tempo em que se permaneceu em cada Farol para a coleta de dados, sendo que as informações observadas foram arquivadas em um diário. Observaram-se os aspectos da estrutura física dos Faróis, como estado de conservação do equipamento urbano e dos demais equipamentos internos, aspectos sócio-econômicos do bairro, interação com os usuários, forma de utilização do serviço, relação dos funcionários do Farol com os usuários, etc.

1.3 A ANÁLISE

A apresentação e a análise preliminar dos dados coletados durante a pesquisa de campo serão mostradas no capítulo cinco, considerando o conjunto de Faróis de cada regional da cidade de Curitiba. A discriminação por Farol só será realizada nos casos em que ficar evidente a diferença do padrão ali encontrado em relação aos demais Faróis da própria regional e da cidade. Optou-se pe-

¹⁶ Foram feitos diversos contatos telefônicos com a sua assessoria e um contado diretamente com o ex-prefeito, mas não se conseguiu agendar a entrevista desejada.

la agregação em regionais na expectativa de se encontrar eventuais diferenças associadas à localização geográfica dentro da cidade.

As regionais são uma espécie de subprefeitura responsável pelos bairros de cada uma das nove áreas em que a cidade está dividida administrativamente. As administrações regionais servem como ligação entre a população e a Prefeitura Municipal, pois elas identificam e estabelecem as prioridades de cada bairro que está sob sua responsabilidade, possibilitando uma atuação direta na solução de problemas e de propostas voltadas à melhoria da qualidade de vida da população.

Atualmente são nove administrações regionais, divididas da seguinte forma:

1. Regional Boa Vista - compreende treze bairros: Boa Vista, Bacacheri, Bairro Alto, Tarumã, Tingüi, Atuba, Santa Cândida, Cachoeira, Barreirinha, Abranches, Taboão, Pilarzinho e São Lourenço, com uma população total de 225.696 habitantes;
2. Regional Bairro Novo - compreende três bairros: Sítio Cercado, Ganchinho e Umbará; com uma população total de 124.330 habitantes;
3. Regional Santa Felicidade - compreende treze bairros: Santa Felicidade, Lamenha Pequena, Butiatuvinha, São João, Vista Alegre, Cascatinha, São Braz, Santo Inácio, Orleans, Mossunguê, Campina do Siqueira, Seminário e Campo Comprido, com uma população total de 124.330 habitantes;
4. Regional Boqueirão - compreende quatro bairros: Boqueirão, Xaxim, Hauer e Alto Boqueirão; com uma população total de 188.192 habitantes;

5. Regional Cajuru - compreende cinco bairros: Cajuru, Uberaba, Jardim das Américas, Guabirota e Capão da Imbuia, com uma população total de 195.742 habitantes;
6. Regional CIC - compreende quatro bairros: Cidade Industrial de Curitiba, Riviera, Augusta e São Miguel, com uma população total de 152.937 habitantes;
7. Regional Matriz - compreende dezoito bairros: Centro, Centro Cívico, Batel, Bigorriho, Mercês, São Francisco, Bom Retiro, Ahú, Juvevê, Cabral, Hugo Lange, Jardim Social, Alto da XV, Alto da Glória, Cristo Rei, Jardim Botânico, Prado Velho e Rebouças; com uma população 202.304 habitantes;
8. Regional Pinheirinho - compreende cinco bairros: Pinheirinho, Capão Raso, Tatuquara, Campo de Santana e Caximba, com uma população total de 130.214 habitantes;
9. Regional Portão - compreende dez bairros: Portão, Fazendinha, Santa Quitéria, Vila Izabel, Água Verde, Parolin, Guaíra, Lindóia, Fanny, Novo Mundo, com uma população total de 231.919 habitantes.

No capítulo seis é apresentado um panorama da cidade de Curitiba, a partir das 9 regionais da cidade. Ele evidencia as diferenças nas formas de apropriação do serviço de Internet e do *lugar* Farol do Saber. Antes, porém, está a discussão dos achados deste estudo, considerando a relação dialética *lugar/não-lugar*, que terá respaldo teórico na apresentação a seguir, no capítulo três.

2 DOS *LUGARES* AOS *NÃO-LUGARES* NA APROPRIAÇÃO DE UM SERVIÇO URBANO PELA POPULAÇÃO

O mesmo pedaço de espaço-território é apropriado por diferentes grupos sociais na realização de práticas de vida ao longo do dia, do mês ou do ano. No mesmo espaço cruzam-se diferentes tempos [...]. A paisagem urbana tem impressos tempos passados, as marcas do território são memórias de outros tempos e outras espacialidades.

Teresa Barata Salgueiro

2.1 ESPAÇO, TERRITÓRIO E *LUGAR*: CONQUISTA E APROPRIAÇÃO HUMANA

Em uma pesquisa cujos instrumentos serão analisados à luz do materialismo histórico-dialético não há como fugir a uma retrospectiva histórica antes de chegar ao tema propriamente dito e aos objetivos que buscarão elucidar o problema exposto no capítulo anterior, pois os avanços tecnológicos não surgiram de um instante para outro, como num estalar de dedos.

Pode-se dizer que o uso dos serviços da Internet é bastante recente, não tendo sua história mais que vinte anos. No entanto a apropriação dos serviços acompanha o homem desde a sua fixação à terra. Em determinado momento da história os seres humanos passaram a dedicar parte de seu tempo a ocupar espaços e a produzir neles diferentes produtos. Com o aprimoramento das técnicas de produção começaram a surgir excedentes que, de um modo ou de outro, passaram a ser negociados, trocados ou ainda vendidos.

Neste sentido, estudar os avanços tecnológicos e as mudanças ocorridas no planeta exige que se faça uma rápida retrospectiva histórica, que permita compreender como se deu este processo de fixação dos seres humanos no espaço, fazendo com que os mesmos deixassem de ser nômades.

O sedentarismo, além de garantir o abrigo em um *lugar* protegido de que o homem tanto precisava, permitiu a geração de sustento próprio. Proporcionou, ao mesmo tempo, a produção de excedente mencionada acima, o que, por sua vez, motivou o incremento das relações sociais de troca, contribuindo para a formação de organizações sociais mais complexas e para o surgimento das cidades.

Pode-se dizer que a fixação do homem à terra foi um pré-requisito para o surgimento das cidades. Foi, no entanto, a necessidade de organizar politicamente o espaço, a vida social e a gestão da produção coletiva que, na visão de Rolnik (2004), efetivamente as consolidou. As antigas aldeias desapareceram e emergiram as cidades. Observa-se, porém, que não foram só as estruturas sociais que se consolidaram ao longo do tempo, tornando-se mais complexas. Novas formas políticas também foram se configurando e novos conceitos, surgindo, o que resultou no nascimento de novas sociedades. Para ilustrar esta alteração de pensamento convém lembrar que na Antigüidade o espaço era algo finito, rodeado por espaços míticos, que floresciam em função da ausência de um conhecimento mais preciso. Naquela época acreditava-se que existisse uma "Terra sem Mal, o Paraíso, a Passagem Noroeste ou a Terra Australis" (TUAN, 1983, p. 96).

A idéia do espaço definido e finito da Antigüidade transformou-se à medida que o homem percebeu ser capaz de modificá-lo por meio das suas ações. Isso lhe atribuiu características mais dinâmicas e mutantes. Santos (1997b) considera que é necessário, a cada momento, substituir antigas categorias de análise por outras que permitam explicar o novo e a mudança, dentro dos contextos em que passam a ocorrer.

Dentro desta avaliação/reavaliação de categorias de análise, em virtude da dinamicidade do objeto de estudo, são necessários rigor e cautela para

impedir que conceitos próximos ou aparentemente próximos sejam confundidos, prejudicando a qualidade da discussão que se pretende realizar. É o motivo pelo qual, a partir deste momento, serão discutidos alguns conceitos que permearão este estudo, associando-os à forma como foram abordados por outros pesquisadores e esclarecendo como são utilizados nesta tese.

2.1.1 A cidade e o urbano

Os instigantes e desafiadores conceitos de cidade e urbano tornam-se fundamentais para o entendimento da problemática em questão, pois, como questionam Carlos e Lemos (2005), afinal, o que é pensar a cidade e o urbano, hoje? Como se devem pensar as contradições do mundo pós-moderno, o que aparece como novo e o que está posto como permanente; como ambos se realizam? Para os autores estes questionamentos, entre outros, chamam a atenção para o fato de que a estruturação da problemática urbana tem como ponto inicial a cidade e deve considerar que a realidade urbana generaliza-se no espaço.

A cidade é uma estrutura dinâmica, em constante mutação, onde o antigo e o novo, o passado e o presente convivem lado a lado em um permanente diálogo histórico. Este processo de historicidade é uma das características mais marcantes da cidade. Harvey (2002) a chama de palimpsesto urbano: o espaço urbano é um reflexo tanto das ações que ocorrem no presente como daquelas que ocorreram no passado, cujas marcas permanecem gravadas nas formas atuais do espaço. Nesse sentido entende-se que o ser humano recria e reestrutura o espaço, com base no espaço já existente, constituído em um momento do passado.

É neste enfoque que Harvey aponta o conceito da cidade pós-moderna. Para o autor o conceito de tecido urbano da pós-modernidade é algo

obrigatoriamente fragmentado, um palimpsesto, que revela as formas passadas sendo superpostas umas às outras, ao mesmo tempo em que ocorre uma necessária união de usos e funções, que fazem parte do cotidiano urbano. A cidade pode, então, ser considerada como um mosaico urbano, onde as funções e usos fazem a ligação entre seus diversos "pedaços".

A considerar tal linha de raciocínio pode-se dizer que na cidade pós-moderna, além dos tradicionais, emergem também novos espaços característicos desta nova fase, são os *não-lugares*, sejam eles físicos ou virtuais, que unem-se aos *lugares* já existentes ou mesmo os eliminam. Estes novos espaços surgem no ambiente urbano para abrigar a estrutura necessária da vida pós-moderna, da globalização, das redes de computadores, do ciberespaço. Para Trivinho (1998) a cidade da pós-modernidade necessita de uma infra-estrutura diferente, pois tende a ocupar o subsolo ao se tornar subterrânea (metrô, cabos, redes de fibra ótica) ou mesmo a utilizar o espaço acima delas (viadutos, passarelas, ciberespaço). O autor considera ainda que alguns pontos da cidade tendem a se condensar, outros a sumir para que o espaço seja utilizado de forma mais otimizada.

Neste palimpsesto urbano, onde o novo surge, coexiste com o antigo ou o elimina, surge também uma indagação: como pensar a cidade e o urbano? Antes de buscar respostas é pertinente apresentar a definição para os dois conceitos, não de forma a separá-los, mas sim como uma maneira de evidenciar a sinergia existente entre eles. Pode-se compreender o urbano como sendo o abstrato, o amplo, a parte externa, como as relações sociais, de trabalho, as atividades que as pessoas realizam, as trocas mediadas por computadores. Já a cidade pode ser considerada como sendo o concreto, o particular, a parte interna, a infra-estrutura física, como as residências e os equipamentos urbanos, entre outros.

Desse modo, a cidade se constitui na "ordem próxima", enquanto o urbano está ligado a uma "ordem distante" (Lefebvre apud CARLOS, 2004, p. 9).

De acordo com esta matriz teórica o urbano revela-se em um processo que generaliza a urbanização e a formação de uma sociedade urbana como possibilidade, enquanto que a cidade permite o modo de pensar e de planejar o lugar, bem como comportamentos específicos - a "cultura urbana".

A cidade pode, nesta perspectiva, ser considerada a forma e a materialização das relações sociais e o espaço, o conteúdo, ou seja, são as próprias relações sociais que se materializam no espaço. Compreende-se que são as ações humanas que provocam, alteram e dão novas formas ao espaço, de acordo com o uso, a produção e a apropriação que dele são feitos. Seguindo o viés deste pensamento Carlos (1992) considera que a cidade é um espaço no qual as relações sociais que as pessoas desenvolvem ao longo da vida são reproduzidas e, por este motivo, representa um espaço de historicidade. Para esta autora, é no espaço que se escreve e se conta a história de como os homens, "ao produzirem sua existência, fazem-no como espaço de produção, de circulação, de troca, do consumo, enfim, da própria vida: como obra de uma história contraditória" (1994, p. 36). Não se pode, porém, esquecer que o espaço do qual se fala aqui está intimamente ligado a território e *lugar*.

2.1.2 Espaço, território e *lugar*

Reforçando a existência deste aspecto de historicidade da cidade Santos (1997a) considera que o espaço deve ser tratado como um conjunto de realizações por meio de funções e de formas, que se apresentam como testemunho de um história escrita por processos do passado e do presente. Percebe-se, a partir deste ponto de vista, que o homem é um reflexo daquilo que vive e das instituições que foi capaz de criar. Deste modo, cabe ao homem repensar e reorganizar a sociedade em que vive.

Ao se considerar a totalidade da vida humana é preciso abordar a produção do espaço levando em conta o viver das pessoas, no cotidiano e nos *lugares*, pois é no cotidiano que ocorre a vida real, aparecendo aí a verdadeira relação do homem com a sociedade. É no dia-a-dia também que se estabelecem as relações sociais, os conflitos e os problemas de sua reprodução, assim como as diferentes formas de produção e de consumo do espaço. O cotidiano, segundo Lefebvre (1991), é o espaço do novo e do possível. Ou, como aponta Santos (1997a) é uma dimensão essencial do espaço, sendo este considerado como portador da herança do passado e de um projeto de futuro.

Em sua abordagem sobre o mesmo tema Carlos (1994) considera que para viver, o ser humano necessita ocupar um *lugar* no espaço. Só que a vida não envolve apenas a ocupação de uma parte ou parcela do espaço, mas o ato de realmente produzir o espaço. Tal produção do espaço não pode, porém, ficar restrita às cidades e ao aspecto econômico da produção, *strictu sensu*. Deve ser considerada como algo que abarca todas as esferas da vida, envolvendo entre outros os aspectos sociais, culturais e ambientais.

Impossível ignorar, contudo, que *lugar* é diferente de espaço. Na perspectiva de Gonçalves (2002), a pessoa efetiva o processo de significação da vida, nos *lugares* onde mora, trabalha, caminha, passeia e relaciona-se. Com o corpo, a mente e os sentimentos esta pessoa apropria-se do espaço em que sente, observa e vê. Novamente o espaço aparece como o abstrato, o que dá suporte para o *lugar*, que é o mundo vivido. Necessita, portanto, ser concreto (SANTOS, 1997b). Nesse contexto o *lugar* se estabelece como um dos *locus* da vida cotidiana.

Antes que se avance na discussão da relação do *lugar* com a problemática deste estudo, sendo ele um dos seus pilares centrais, faz-se necessária uma reflexão sobre a questão de território, já que este é constituído

de *lugares*, que são interligados (HAESBAERT, 2004). À primeira vista percebem-se semelhanças entre os termos *lugar* e território, pois tanto um como outro são resultantes de uma produção e ambos se formam a partir do espaço. Em uma análise mais profunda emergem, contudo, as diferenças entre esses dois conceitos e entre cada um deles e a noção de espaço. Pode-se dizer que o território apóia-se no espaço, mas não é o espaço propriamente dito, o qual é mais amplo que o território e acaba por englobá-lo. O território está associado à idéia de integração nacional de uma área que é ocupada, efetivamente, pela sociedade que nele realiza suas atividades (ANDRADE, 1995). É importante compreender que o território consolida-se a partir do espaço, sendo resultado de uma ação realizada por um ator, que, ao se apropriar de um espaço, de forma concreta ou abstrata, o "territorializa" (RAFFESTIN, 1993). É no território que se revelam as relações de poder.

Poder e território estão profundamente relacionados e, sendo assim, pode-se considerar que o território é um espaço delimitado e definido a partir e por relações de poder, não ficando restrito, necessariamente, aos limites do Estado. Considerando esta abordagem Andrade (1995, p.19) afirma que:

O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de *lugar*, estando muito ligado à idéia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Deste modo, o território está associado à idéia de poder, de controle.

Soja (1993) por sua vez adverte que território não é espaço, nem qualquer *lugar* é a representação social do espaço (espaço fixado e de fixação). E reforça o fato de que é indissociável das categorias de domínio e poder.

Os autores mencionados anteriormente enfatizam a relação direta entre território e poder, visão difundida de forma mais ampla. Haesbaert (2004, p.40), contudo, estabelece uma visão mais ampla, ao considerar a existência de três enfoques distintos para tratar do território:

- enfoque político: reforça a visão dominante, que se refere às relações de espaço-poder, "onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce determinado poder";
- enfoque econômico: analisa o território "como fonte de recurso e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho"; e, por fim,
- enfoque cultural: considera o território "como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido".

Este último enfoque está vinculado ainda à idéia de poder, porém, em um sentido mais simbólico, que é o da apropriação.

Dentre os conceitos de território abordados, o caráter simbólico do território, ou seja, aquele apresentado pelo enfoque cultural proposto por Haesbaert (2004) é o mais importante para respaldar a problemática proposta neste estudo. Isto porque a apropriação do território é também a apropriação dos *lugares* que o constituem e faz parte do cotidiano humano. Haesbaert (2004) também aponta para a existência do caráter funcional do território, que não pode ser ignorado, já que é impossível a ocorrência de qualquer dos enfoques em seu estado puro, uma vez que todo território "funcional" tem sempre uma carga simbólica, ainda que pouco expressiva. Ele diz ainda que todo território simbólico tem sempre um caráter funcional, por mais tênue que seja sua expressão, ou seja, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, funcional e simbólico.

Ao se considerar a relação direta entre território e *lugar*, pode-se afirmar que os *lugares* representam o suporte sobre o qual as produções espaciais e territoriais se concretizam (SEGATO, 2005). E que esta concretização se dá por meio das interações entre os atores sociais e o espaço, que se fragmentam, mas

também se somam, dando por meio deste processo um sentido próprio a cada *lugar*, na escala da vida diária que permeia o cotidiano (CAVALCANTI, 2001). O *lugar* também "é onde estão os homens juntos, sentindo, vivendo, pensando, emocionando-se. É o *lugar* que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz" (SANTOS, 1994, p. 3). Com base nesta abordagem teórica pode-se considerar o *lugar*, portanto, como sendo resultado da experiência humana, ou seja, um centro de significados construído pela experiência humana, conforme Tuan (1983, p. 6), para quem:

o significado de espaço se funde com o de *lugar*. Espaço é mais abstrato que *lugar*, o que começa como espaço diferenciado transforma-se em *lugar* à medida que o conhecemos e dotamos de valor. [...] As idéias de "espaço e *lugar*" não podem ser definidas uma sem a outra.

Tuan (1983) esclarece ainda que o espaço é formado por porções dos ambientes terrestres passíveis de ser transformadas em *lugar* em função de sua ocupação, apropriação ou de seu significado social. Os espaços ocupados pela sociedade vão sendo adaptados, transformados, apropriados, enfim, de acordo com os significados culturais de cada grupo. Estes diferentes significados dão sentido ao *lugar* fazendo com que cada região, cidade ou país possua *lugares* que o caracterizem. Claval (1997) é outro autor que ressalta a importância dos *lugares*, ao afirmar que, somente ao se dar nomes aos *lugares*, pode-se discorrer sobre o mundo, permitindo a transformação do universo físico em universo socializado.

A relação que envolve as pessoas e o sentido/significado que elas dão ao *lugar* também foi discutida em outra obra de Tuan (1980), onde o autor refere-se ao conjunto de relações emotivas e afetivas que une o homem a um determinado *lugar* como topofilia, sendo que tal referência pode apontar para a sua casa, o seu bairro, o seu povoado ou a cidade que habita. Este sentimento leva a um maior envolvimento, bem como a um comprometimento com o *lugar*, contribuindo

para a revitalização do relacionamento do ser humano com o seu ambiente e com o mundo.

Dentre o que foi apresentado percebe-se que um aspecto perpassou todos os conceitos: o de que a idéia de *lugar* está diretamente ligada à questão social, à necessidade de que os atores sociais estejam juntos, vivendo o cotidiano, realmente envolvidos com aquele *lugar* e se sentindo parte dele.

Esse envolvimento entre os atores sociais e o *lugar* é uma importante característica na criação de identidade, relação que será abordada a seguir.

2.1.3 Identidade do *lugar* e topofilia

Ao ser tratado como referência de valores, sentimentos e significados, o *lugar* fica impregnado pelos símbolos, experiências e aspirações das pessoas, que são essenciais para proporcionar-lhes identidade.

Uma das características fundamentais do *lugar* é, justamente, a identidade que as pessoas possuem com ele, a sensação de pertencimento. Esta sensação demonstra como o ser humano sente-se pertencendo a um *lugar* em especial, ao mesmo tempo em que cria uma identidade com este *lugar*, como se fizesse parte dele. Segundo Calisto e Vargas (2006, p. 2), "são as sensações de pertencimento que possibilitam a conversão do 'espaço' em '*lugar*', ou, do contrário, o sentimento de não-pertencimento possibilita a transformação de '*lugar*' em 'espaço'", ou a permanência do espaço como tal.

Apenas a partir da existência deste vínculo é que se pode ter um *lugar* e é neste sentido que Castells (1999) considera a identidade como fonte de experiência e significado de um povo, que a constrói com base em atributos culturais, os quais, em virtude do seu inter-relacionamento, destacam-se de

outras fontes de significado. Sendo assim, o *lugar* é um fator primordial na construção da identidade do ser humano e do grupo do qual faz parte.

As abordagens dos autores mencionados acima se fazem pertinentes considerando a problemática deste estudo, pois na relação dialética *lugar/não-lugar*, o significado que as pessoas dão ao *lugar* e a noção de pertencimento são variáveis importantes, no momento de realização a síntese da relação dialética.

Ainda no mesmo contexto, um argumento de Carlos (1996, p. 21) vem corroborar este estudo, pois a autora considera que o *lugar* é a base para a reprodução da vida, o que pode ser entendido a partir do tripé habitante/identidade/*lugar* estabelecido no plano vivido, no ato de conhecer e de ser reconhecido. Um exemplo desta relação tríade é o bairro, que para a autora é,

o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas – as relações de vizinhança, o ir às compras, o caminhar pelas ruas, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros e aparentemente sem sentido, que criam laços profundos de identidade habitante-habitante e habitante-*lugar*.

O que se pretende ressaltar aqui, trazendo o bairro para a discussão, é o importante papel que ele desempenha na problemática deste estudo. A relação das pessoas com o bairro é fundamental para a transformação de um espaço vazio em *lugar*, pois se as pessoas não se sentem parte do bairro, os *lugares* que as cercam vão ser meros pontos em que ocorrem transações.

Nesta perspectiva a identidade apresenta-se como uma importante variável. Relph (1980) salienta, porém, que existe uma diferença primordial entre a identidade do *lugar* e a identidade com o *lugar*.

A identidade do *lugar* se estabelece em função de características externas, como a paisagem em que está inserido e as construções existentes em seu entorno. Pode-se construir obras com características marcantes que se

transformam em pontos de referência da cidade ou até mesmo em ícones¹⁷, como é o caso do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro; do prédio do MASP, em São Paulo; e da Ópera de Arame, em Curitiba. Obras assim contribuem para a definição da identidade das cidades.

Já a identidade com o *lugar* refere-se à forma como o ser humano se envolve com determinado ambiente e aos sentimentos que acabam por ligá-lo a um *lugar* em especial. A identidade com o *lugar* é tão mais intensa quanto maior for a ligação sentimental e afetiva que o *lugar* for capaz de gerar nas pessoas.

Pode-se aqui aproveitar a idéia de topofilia proposta por Tuan (1980, p. 107), para quem:

Topofilia é um neologismo útil quando pode ser definido em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética. Em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, a água, a terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para com um *lugar*, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.

Esta relação entre o ser humano e o *lugar*, e o sentimento de identidade que se desenvolve entre eles é, todavia, algo mais abstrato e difícil de mensurar do que se pode imaginar a princípio. E quando tal relação de identidade não

¹⁷ O conceito de ícone aqui abordado está baseado na semiótica (do radical grego significa "interpretação de signos") que estuda a comunicação por meio de símbolos e as suas relações com a criação e a transmissão de significados. Os signos emergem das relações entre significantes (palavras, gestos, sinais, imagens, artefatos, entre outros) e os objetos, idéias ou intenções que são significados. Os significantes não possuem significados em si, porém tornam-se signos significativos por meio de associações, oposições, interações e combinações na convivência lingüística e social. Existem três tipos de signo. O símbolo que é um signo arbitrário cujo significado é questão de convenção e acordo (por exemplo, logotipo de uma marca famosa); o índice é um signo que é criado ou influenciado pelo que ele indica (por exemplo, placa com um desenho indicando a presença de animais na pista) e o **ícone** que é um signo relacionado à semelhança com seu objeto (por exemplo, um desenho ou uma foto) (ROHMANN, 2000, p. 360).

existe ou é meramente funcional surge uma nova categoria ou um novo subproduto do *lugar*: o *não-lugar* (WEBBER, 1964; RELPH, 1980; AUGÉ, 1994; CERTEAU, 1994; AREFI, 1999).

2.1.4 O *não-lugar*

O termo *não-lugar* foi cunhado por Webber (1964), que considerava a acessibilidade a um determinado *lugar* mais importante do que a proximidade com ele. Para respaldar seu pensamento o autor evidenciou as comunidades de interesse que se formavam mesmo quando as pessoas estavam distantes. Bom exemplo disso é o caso de pesquisadores que, embora geograficamente distantes, formavam uma comunidade baseada em um tópico comum. Para o autor a comunidade de interesse muitas vezes se sobressai em relação às tradicionais comunidades de *lugar*, evidenciando sua teoria de que o acesso é mais importante que a proximidade.

Esta foi a concepção inicial do *não-lugar*. O termo, porém, foi amplamente utilizado depois por diversos outros pesquisadores, como Augé (1994, p. 73), que considera:

Se um *lugar* pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um *não-lugar*.

Certeau (1994, p. 181) refere-se à idéia de *não-lugar* como uma simples maneira de “passar”, o processo indefinido de estar ausente e à procura de um *lugar*. O autor cita como exemplos de *não-lugares* as estradas, as ferroviárias, os aeroportos, os aviões, os trens, os hotéis, os parques e outros espaços pelos quais as pessoas passam sem estabelecer raízes, onde:

[...] existe somente um pulular de passantes, uma rede de estradas tomadas de empréstimo por uma circulação, uma agitação através das aparências do próprio, um universo de locações freqüentadas. (1994, p. 183)

Outra forma de pensar o *não-lugar* aparece nas idéias de Relph (1980), que não é contrária à dos autores mencionados anteriormente, mas paralela a elas. Para Relph (1980) é a insensibilidade ao significado do *lugar* que gera o *não-lugar*, já que o que atribui características de *não-lugar* a um espaço é a falta de profundidade na identificação que se tem com ele. Para este autor um *shopping-center*, por exemplo, que em função de suas características, da arquitetura, da limitação de tempo dos seus visitantes, de ser meramente funcional poderia ser considerado um *não-lugar*; não o é, caso se configure uma relação de identidade entre seus freqüentadores e o shopping que vá além de uma simples relação de funcionalidade. Para Relph (1980), o *não-lugar* é decorrente de uma atitude, cuja demonstração prevalente tem impedido que *lugares* autênticos sejam criados.

A autenticidade dos *lugares* é uma variável enfatizada por Relph (1980). Ele considera que a atitude de não reconhecimento da autenticidade de *lugares* resulta da incapacidade de se reconhecer as significações simbólicas e a identidade, fazendo com que se desenvolva exclusivamente uma relação de utilidade com o *lugar*, o que o transforma em um *não-lugar*. A partir desta visão o *não-lugar* seria conseqüência de uma atitude não autêntica das pessoas em relação ao *lugar*. Sendo assim, pode-se dizer que ocorre uma perda de significado do *lugar*, refletindo a percepção das pessoas em relação ao seu significado, que se transforma com o passar do tempo.

Complementar a esta abordagem é um exemplo citado por Mitchell (2002), que ilustra a atitude das pessoas em relação ao *lugar*. O autor relata sobre um vilarejo deserto com um poço localizado bem no centro e com as casas aglomeradas a uma distância que possibilitava aos moradores carregar uma jarra com água até elas, confortavelmente. Ao final da tarde as pessoas se dirigiam ao poço para pegar água e ficavam por lá conversando, fazendo negócios; as

crianças, brincando. Quando chegou a água encanada ocorreram transformações. As casas podiam ficar longe do poço, não precisando mais se concentrar no centro velho, o que possibilitou a expansão da cidade. Por outro lado, como a água chegava por canos até as torneiras as pessoas não precisavam mais ir até o velho poço. Pararam, conseqüentemente, de se encontrar ali, de conversar todo fim de tarde após encher suas jarras de água. A socialização passou a ocorrer em outros *lugares* e o *lugar* onde o poço estava localizado transformou-se em um *não-lugar*.

Por fim, vale ressaltar que, ao menos com relação a um ponto específico, Augé (1994), Certeau (1994) e Relph (1980) apresentam concordância inquestionável: todos consideram que os *não-lugares* são característicos das sociedades modernas ou ainda que a supermodernidade é produtora de *não-lugares*.

A noção de *não-lugar* tratada até este ponto do estudo se refere a ***não-lugares físicos***. No próximo capítulo, mais uma variável será inserida na discussão: a Internet como *não-lugar*. Esta proposição leva em conta o surgimento de uma nova realidade e a criação de um novo espaço, não mais físico, mas virtual: o ciberespaço. Nele a rede mundial de computadores se estabelece como um ***não-lugar virtual***.

Após esta discussão, que abordou os conceitos de território e *lugar/não-lugar*, observou-se a necessidade de se fazer uma reflexão sobre territorialidade, pois este conceito está diretamente ligado aos conceitos de apropriação e identidade, além de que, ele será muito útil na análise realizada mais adiante, a partir da apresentação dos dados da pesquisa empírica.

Como foi citado anteriormente, o território é o *lugar* concreto onde instala-se a vida em sociedade. É nele que ocorrem as relações, e, sendo assim, a terri-

torialidade pode ser considerada como uma projeção de nossa identidade sobre o território. Segundo Haesbaert (2004), o efeito da apropriação humana é que objetiva o processo de territorialização. Para Sack (apud HAESBAERT, 2005, p. 86):

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao *lugar*.

Para Santos e Silveira (2005), o sentimento de territorialidade do ser humano também envolve "a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio do homem".

Em suma, pode-se dizer que a territorialidade é uma forma única de se apropriar da terra, fazendo dela diferentes usos do território, o que se realiza por meio dos significados; e, ainda, de apropriar-se dos significados, que as pessoas vão construindo em função de suas experiências de vida em cada localidade (KOGA, 2003). O estabelecimento de um território desenvolve nas pessoas que nele habitam um sentimento consciente de sua participação, daí o sentido de territorialidade.

Há outro conceito, afim, a territorialização, que é a maneira como se concretiza ou se materializa o território. Tal conceito será abordado na seção seguinte, em que também será discutida a idéia de reterritorialização.

Após esta discussão envolvendo termos de significados tão próximos, pode-se afirmar que o espaço o território e o *lugar* são conceitos distintos. Duarte (2002) considera que não é possível estabelecer uma relação de hierarquia, tampouco definir sobreposições entre eles. Os conceitos, porém, coexistem e

interligam-se. Ainda na visão de Duarte, o espaço é o ambiente vivido pelos seres humanos de forma coletiva, composto de fixos e fluxos¹⁸; o *lugar* é uma porção do espaço com significado, que adquire sentido individual ou coletivo; o território é, por sua vez, o espaço institucionalizado, ou seja, legalizado.

Esta primeira parte da revisão da literatura serve como pano de fundo para se compreender como ocorre a formação de um *lugar* ou de um território, evidenciando que a ação das pessoas está diretamente ligada à construção desses "fragmentos" do espaço, que acabam tendo seus significados e seus usos alterados de acordo com a apropriação feita pela sociedade. Há, contudo, a necessidade de se considerar que a produção e o significado dos *lugares*, na pós-modernidade, têm sido muito influenciados pela globalização e pelo próprio uso da rede mundial de computadores, a Internet (www).

Os diferentes usos e apropriações do *lugar*, bem como a introdução da Internet no cotidiano das pessoas e a emergência de um espaço virtual (o ciber-espaço), serão discutidos a seguir.

2.2 APROPRIAÇÃO DO NÃO-LUGAR VIRTUAL – CIBERESPAÇO

2.2.1 Reflexões sobre o novo paradigma tecnológico e suas relações sócio-ambientais

Santos (2005) considera que "o *lugar* é onde os homens estão juntos, vivendo, sentindo, pulsando, *lugar* esse que emana a presença do homem, onde ele deixa sua marca". Neste sentido, o *lugar* existe em função de exercer um papel fundamental na socialização das pessoas, mas esta função social pode ser

¹⁸ Termo utilizado por Milton Santos, que será abordado na próxima seção.

alterada em função de novos eventos resultantes da pós-modernidade¹⁹ e do uso das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Ainda para Santos (2005),

a introdução de um novo paradigma tecnológico pode alterar a relação existente entre as pessoas e as atividades exercidas por elas, como o trabalho, o lazer e a forma como elas vivem em sociedade, pois um novo ritmo se instala, a forma de se relacionar altera-se, mudam os valores e, conseqüentemente, a forma do uso. Apropriação e consumo do espaço que se estabelece nesta realidade são novos.

Ao retroceder na história, Toffler e Toffler (1997) consideram que a humanidade já passou por duas grandes ondas de mudança e está vivenciando a terceira. A primeira onda foi a da revolução agrícola, que levou milhares de anos para se esgotar. A segunda onda, que envolveu o advento da civilização industrial, durou cerca de duzentos anos. Atualmente, estamos vivendo, na visão desses autores, a revolução tecnológica, a mais acelerada das ondas, a qual pode se completar em apenas algumas décadas. Castells (2002), por sua vez, aponta que a tecnologia da informação é a determinante desta nova revolução assim como as fontes de energia foram determinantes para a revolução industrial. Se, para a revolução industrial, a distribuição de energia foi um elemento central na estruturação da sociedade, a tecnologia da informação assume posição de destaque como fator estruturante social da atualidade.

O avanço desta nova revolução, que tem as tecnologias da informação como elemento essencial, é astronômico. Cada nova tecnologia apresenta um

¹⁹ Harvey (2002, p. 7) considera que o estado em que nos encontramos desde da década de 1990 é uma condição pós-moderna. Para ele o que vem ocorrendo é uma mudança abissal nas práticas culturais, bem como político-econômicas, desde mais ou menos 1972. O autor defende que a pós-modernidade está vinculada à emergência de novas maneiras dominantes pelas quais experimentamos o tempo e o espaço. Ele explica que, embora a simultaneidade nas dimensões mutantes do tempo e do espaço não seja prova de conexão necessária ou causal, pode-se aduzir bases a priori em favor da proposição de que há algum tipo de relação necessária entre a ascensão de formas culturais pós-modernas, a emergência de modos mais flexíveis de acumulação do capital e um novo ciclo de 'compressão do tempo-espaço' na organização do capitalismo".

tempo de introdução e de apropriação pela sociedade mais acelerado, provocando transformações imediatas. Na década de 1990 em menos de cinco anos a Internet atingiu os primeiros 50 milhões de usuários- abrangência que o rádio levou 38 anos pra conseguir; a televisão, 18 e o telefone, 16 – todos meios de comunicação introduzidos já na era da revolução da informação, final do século XIX e início do século XX. Mesmo tecnologias mais modernas, como o computador e a TV a cabo levaram, respectivamente, onze e dez anos para atingir 50 milhões de usuários, de acordo com Greenstein e Feinnan (2000). Cameron (1997) também apresenta números relacionados ao tempo necessário para que diversas TICs atingissem o patamar de dez milhões de usuários, números estes capazes de evidenciar que a “terceira onda”, apregoada por Toffler e Toffler (1997), avança em ritmo cada vez maior. Neste sentido pode-se considerar que se as tecnologias que esta nova "onda" traz são centrais para transformações sociais. Faz-se, portanto, necessário que o pensamento científico também as acompanhe de perto, para compreender seus impactos sobre a sociedade.

Apesar das significativas transformações que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação proporcionam para os diversos setores da economia, em função da possibilidade dos serviços inovadores que estas podem proporcionar, para este estudo optou-se por enfatizar somente o uso da tecnologia que proporciona a grande inovação nos meios de comunicação, a Internet.

Do ponto de vista histórico, a Internet evoluiu a partir de uma rede de pesquisa e desenvolvimento, a Arpanet (*Advanced Research Projects Agency Network* – rede da Agência de Projetos de Pesquisa Avançados) estabelecida nos EUA em 1969. O objetivo desta rede era possibilitar que pesquisadores, acadêmicos e agências governamentais pudessem se comunicar por correio

eletrônico, além de compartilhar dados e recursos de computação. O uso comercial desta rede começou a avançar lentamente nos EUA na década de 1980,, mas foi apenas na década seguinte que a Internet disseminou-se pelo mundo, a uma velocidade espantosa, com o advento da *World Wide Web* (LAUDON e LAUDON, 1999; O'BRIEN, 2001; CASTELLS, 2002; 2003a).

No Brasil o acesso à Internet ocorreu a partir de 1991, quando o uso foi permitido para diversas instituições de ensino e pesquisa e também para órgãos do governo. A utilização que se fazia da Internet à época era a realização de fóruns de debates, acesso a banco de dados (no Brasil e no exterior) e envio de arquivos e mensagens. Como se pode perceber o uso da Internet no Brasil era, inicialmente, limitado a um seleto grupo de pessoas. Em 1993 novo passo foi dado para a ampliação do uso da Internet no Brasil, ao se estabelecer a primeira conexão de 64 Kpbs a longa distância entre as cidades de São Paulo e Porto Alegre.

Só em 1995, porém, o Ministério das Comunicações e da Ciência e Tecnologia criou o provedor de acesso privado à Internet, gerando assim a possibilidade de uso comercial da Internet no Brasil.

A ampliação do uso da Internet e a diversidade de atividades que podem ser realizadas por seu intermédio fizeram com que ela se tornasse, segundo Castells (2003b, p. 287), mais do que uma simples tecnologia. A Internet passou a ser um meio de comunicação que constitui estrutura para a atual sociedade em rede:

A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui, na realidade, a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos.

Na chamada sociedade em rede a Internet exerce um papel fundamental para a formação e a estruturação social, conforme discutido anteriormente. Com a expansão das redes interligadas o computador, que era destinado inicialmente a fazer cálculos (utilizado por engenheiros, bancários e outros profissionais), passou a ter uma missão mais ampla, mais social do que técnica. Atualmente, o computador e a Internet são utilizados nas mais diferentes situações cotidianas, alterando a maneira como as pessoas se comportam e a forma como interagem umas com as outras e com o ambiente em que estão inseridas (ALBERTIN, 1999; LAUDON e LAUDON, 1999), são parte do cotidiano das pessoas (LÉVY, 1999; CASTELLS, 2003a; RYKWERT, 2004).

Ao analisar a dinâmica da introdução da Internet percebe-se que a sociedade está tendo que se adaptar a novos paradigmas como a passagem do sistema produtivo baseado no Fordismo para o sistema de acumulação flexível e a eliminação das barreiras espaciais do planeta, o que, por consequência, acarreta a abertura das diversas partes globo para conexão mundial. Ao longo da história encontram-se outros padrões comunicacionais que alteraram fortemente a vida das pessoas. De forma geral um meio é substituído por outro, ao que Boulding (*apud* McLuhan, 2001, p. 56, 57) chama de "limite de ruptura, no qual o sistema subitamente se transforma em outro ou ocorre o cruzamento com outro sistema". Assim ocorreu com a imprensa e a prensa a vapor e depois com o rádio e o cinema. É o que está, agora, ocorrendo com a Internet.

Ao levar em conta a amplitude e a abrangência do atual paradigma tecnológico Castells (2002, p. 108, 109) aponta cinco características que representam a base material para que a sociedade, como tal, passe a ser considerada a "sociedade da informação".

A primeira característica do novo paradigma considera que a informação é sua matéria-prima. "São tecnologias para agir sobre a informação", mas não

podem ser consideradas informação para agir sobre a tecnologia, como ocorreu nas revoluções tecnológicas anteriores.

O segundo aspecto está relacionado à penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias; pois, sendo a informação parte integral de toda atividade humana, os processos que ocorrem na vida do ser humano, tanto individual como coletivamente, acabam por ser moldados pelo novo paradigma tecnológico, muito embora não sejam determinados por ele.

A terceira característica refere-se à "lógica de redes", que pode estar presente em qualquer sistema ou conjunto de relações em função das recentes tecnologias da informação.

O penúltimo aspecto considera que o paradigma da tecnologia da informação é baseado na "flexibilidade". Em função desta característica os processos, as organizações e as instituições são reversíveis e podem ser alterados.

A quinta e última característica dessa revolução tecnológica apontada por Castells é a crescente "convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado", onde é impossível distinguir em separado as antigas tecnologias. Isso quer dizer que a microeletrônica, as telecomunicações e os computadores são todos integrados nos sistemas de informação.

Por fim, pode-se afirmar que este novo paradigma tecnológico, bem como as formas e processos sociais que são induzidos em função do processo histórico, estão transformando tanto o espaço, quanto o tempo, o que será discutido na próxima seção.

2.2.2 A ruptura da relação espaço tempo e seus reflexos sobre a sociedade

As transformações introduzidas pelo novo paradigma sociotécnico estão intimamente ligadas ao processo de globalização, pois ele aumenta a possibilidade de o homem atuar com flexibilidade, reduzindo ou eliminando os tradicionais limites de espaço e de tempo. Ianni (1998, p. 33) considera que a globalização precisa ser analisada como um processo histórico-social de amplas proporções, podendo abalar as referências sociais e mentais dos indivíduos e das coletividades. Ainda para esse autor, o mapa-múndi rompeu-se e recriou-se a partir do processo de globalização, emergindo daí novas formas de sociabilidade. O que parecia estar estabelecido, como conceitos ou concepções, perdeu seu significado ou adquiriu novo sentido. "As coisas, as gentes e as idéias movem-se em múltiplas direções, desenraízam-se, tornam-se voláteis ou simplesmente desterritorializam-se".

A relação espaço X tempo proposta por Haesbaert (2004, p. 156), considera que o espaço muda sua localização, adquirindo outro sentido relacional. "O que antes era parte de um aqui e agora conjugado passa a se dissociar espacialmente". Em pensamento análogo Giddens (1991) afirma que o que está ocorrendo na sociedade moderna é um "desencaixe", relacionado ao deslocamento das relações sociais que ocorrem no espaço físico e à sua reestruturação por meio de extensões indefinidas de tempo e espaço. Isto se deve, na opinião do autor, ao fato de os avanços tecnológicos proporcionarem uma desvinculação dos indivíduos de suas referências tradicionais de tempo e espaço.

Para Harvey (2002, p. 120) está ocorrendo na sociedade atual um fenômeno de compressão espaço-temporal, que se reflete diretamente na forma de vida das pessoas. A aceleração do ritmo de vida, relacionada ao capitalismo e às opções de deslocamento e mesmo de rompimento das barreiras espaciais, faz

com que, na visão desse autor, por vezes o mundo pareça encolher sob nossos pés. Pode-se dizer que, enquanto o espaço parece encolher (transformando o mundo em uma "aldeia global" de telecomunicações, como já previra McLuhan na década de 1970, e numa "espaçonave terra" de interdependência ecológica e econômica), os horizontes temporais também se reduzem a tal ponto que só o presente parece existir. A sociedade precisa aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos mundos espacial e temporal.

O espaço pode ser produzido, apropriado e consumido de formas distintas pela sociedade, à medida que mudam seus interesses e necessidades, mas também as suas percepções de espaço.

As relações sociais são mutantes em função do novo paradigma tecnológico e, em decorrência disto, provocam alterações na organização espaço-temporal. Godoy (2004, p. 33) considera que analisar o espaço produzido e apropriado pelo homem significa também analisar a "(des)construção do espaço produzido".

A noção de (des)construção do espaço baseia-se na concepção de que a sociedade pós-moderna, ao mesmo tempo em que produz formas espaciais correspondentes em um dado momento histórico às necessidades de produção, circulação, consumo e informação, também as dissolve e as redefine em sintonia com as novas necessidades sociais que emergem, por sua vez, em um dado momento para, em seguida, serem diluídas e transformadas.

As próprias noções de espaço, território e *lugar* discutidas anteriormente, sofrem alterações, pois a utilização da Internet rompe o paradigma até então existente. Aparecem, então, o ambiente virtual, o ciberespaço, novos tipos de *não-lugar* e os fluxos de rede.

O planeta todo está sendo "reorganizado" e, conforme afirma Castells (2002, p. 502):

Nenhum lugar existe por si mesmo, já que as posições são definidas pelos intercâmbios de fluxos da rede. Conseqüentemente, a rede de comunicação é a configuração espacial fundamental: os lugares não desaparecem, mas sua lógica e seu significado são

absorvidos na rede. A infra-estrutura tecnológica que constrói a rede define o novo espaço, como as ferrovias definiam as 'regiões econômicas' e os 'mercados nacionais' na economia industrial.

Com o uso da Internet, o espaço foi ampliado para além das fronteiras representadas pelos limites físicos. Gibson (1991), o primeiro autor a utilizar o termo ciberespaço, afirma que o novo espaço criado pela Internet vem se transformando em um espaço virtual, baseado nas redes de computadores e nos fluxos de informação que por elas trafegam. O ciberespaço é, segundo esta visão, uma extensão do real, uma dimensão da sociedade em rede, em que os fluxos de dados definem novas formas de relações sociais.

Assim, pode-se dizer que uma nova cultura está estabelecida, a chamada cibercultura, e que, juntamente com ela, desenvolve-se uma nova forma de se relacionar pela rede (TRIVINHO, 1998; CASTELLS, 2002).

Para Lévy (1999) a cibercultura pode ser considerada como um conjunto de técnicas, práticas, atitudes, comportamentos e mesmo de diferentes formas de pensamento e de valores, que se desenvolvem com o crescimento deste novo espaço. Os grupos nele inseridos desenvolvem uma moral que norteia suas atitudes e relações. Estes grupos constroem uma cultura própria no espaço em questão, formando um grupo social próprio, com regras próprias; deixam o mundo físico para formar uma reunião de pessoas vivendo numa cibersociedade, sociedade baseada em regras apresentadas sempre por meio de informações textuais. Augé (1994) também considera que está ocorrendo uma invasão do espaço pelo texto. Um exemplo disto é a incursão silenciosa dos clientes dos bancos aos caixas-eletrônicos, onde cada titular de um cartão do banco interage com a máquina baseado em instruções que aparecem na tela: "retire seu cartão", "digite sua senha", "retire seu dinheiro". Ao terminar a operação o cliente vira as costas e sai da agência, sem precisar falar uma única palavra.

É a partir desta linha de raciocínio que Castells (2002, p.442) propõe a idéia de espaço de fluxos, segundo a qual a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado funciona por meio dos fluxos - seqüências intencionais, que se repetem e são programáveis, realizadas por uma relação fisicamente desarticulada.

O espaço de fluxos inclui a conexão simbólica da arquitetura homogênea nos lugares que constituem os nós de cada rede pelo mundo. Desse modo, a arquitetura escapa da história e cultura de cada sociedade e torna-se refém do novo e admirável mundo imaginário das possibilidades ilimitadas que embasam a lógica transmitida pela multimídia: a cultura do *surfing* eletrônico, como se pudéssemos reinventar todas as formas em qualquer lugar.

Estabelece-se então uma rede on-line de comunicação e informação, (baseada em computadores conectados e linhas telefônicas), que liga usuários a outros usuários, a serviços, a agências governamentais, a empresas, entre inúmeras possibilidades, permitindo interações com outros agentes locais, de qualquer parte do mundo. Para a emergência desta rede on-line não há, porém, a necessidade de se anular a sociedade pré-estabelecida. Ambas podem se desenvolver concomitantemente, como analisa Haesbaert (2004), que considera que a estruturação de uma sociedade em rede não significa, obrigatoriamente, uma desterritorialização. Na maioria dos casos ocorrem novas territorializações, onde o elemento fundamental na formação destes territórios, a ponto de quase se confundir com eles, é a própria rede.

O que passa a ocorrer é uma sinergia entre o ambiente real e o virtual. Santos (2000) considera que, sem dúvida, o ciberespaço encontra apoio no espaço real, no entanto afirma que o espaço virtual não é o espaço em si e sim um ambiente que se utiliza-se dele.

Esta conseqüente virtualização do uso da Internet possui, na visão de Lévy (1996), duas características fundamentais:

- O efeito Moebius, que consiste na passagem do interior ao exterior e do exterior ao interior. Segundo este efeito o espaço e o tempo se misturam, não existindo mais um limite nítido entre eles.
- O desprendimento do aqui e do agora, ou seja, a desterritorialização das pessoas, por meio da qual os limites do espaço físico deixam de ser relevantes. As pessoas podem estar em qualquer lugar e isto não afeta a sua capacidade de interagir com colegas de trabalho, com a família ou mesmo com desconhecidos.

Ao se considerar a possibilidade da superação das distâncias, imaginando principalmente que ela ocorresse nas cidades, Lefebvre (1999, p.47) afirmava, já em 1970, que o ciberespaço permitiria tal atitude, mesmo que isso representasse uma anulação simbólica, por meio da comunicação digital, que agradaria muito aos habitantes do espaço urbano. Seria a utopia do espaço urbano: "A superação do fechado e do aberto, do imediato e do mediado, da ordem próxima e da ordem distante, em uma realidade diferencial na qual estes termos não se separam mais, mas mudam em diferenças imanentes".

Assim como não existe um marco ou fronteira passível de ser delimitada entre o real e o virtual, já que ambos são redefinidos na relação com o outro, também não existe uma divisão clara entre territorialização e desterritorialização, pois uma é retrabalhada pela outra. "A virtualização, não é simplesmente desterritorializadora" pois ela pode estar impregnada de processos concomitantes de reterritorialização (HAESBAERT, 2004, p. 174). Ainda para Haesbaert (2004, p. 280) a virtualização deve ser entendida como "uma dinâmica atuante na reterritorialização", isto é, na construção de novos territórios, tenham eles uma maior carga funcional ou simbólica e sejam elas mais estáveis ou cargas em constante movimento. Territorializar-se "significa também, hoje, construir e/ou

controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento".

Pode-se considerar que o tempo e o espaço foram em parte dissociados, pois como acredita Bauman (2001), está ocorrendo um desencaixe ou uma desconexão entre tempo e espaço. O autor define esta realidade como "modernidade líquida", que é o tempo abstrato da atualidade, desconectado, em parte, do espaço, assim como o espaço abstrato está sem conexão com o tempo. Esta realidade é bem diferente daquela de algumas décadas atrás, quando a vida social ocorria em *lugares* reais e as interações entre as pessoas eram face a face.

2.2.3 O *não-lugar* virtual

A introdução do novo paradigma sociotécnico, com novos espaços desconexos e padrões de comportamento baseados no uso da Internet, altera o cotidiano dos usuários à medida que eles se apropriam desta tecnologia. Para iniciar a discussão sobre a apropriação da tecnologia e suas conseqüências para o *lugar* cabe aqui ressaltar as idéias de Santos (1997b), que considera o espaço como sendo um conjunto de fixos e fluxos, onde os elementos fixos (fixados em cada *lugar*) possibilitam ações que podem alterar o próprio *lugar*, os fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as relações sociais, redefinindo cada *lugar*. Ainda para esse autor, "os fluxos seriam um resultado direto ou indireto de ações que atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam" (SANTOS, 1997b, p. 50). Essa afirmação vai ao encontro da discussão anterior, que tratou dos conceitos de *lugar* e *não-lugar*, tornando possível um novo olhar sobre a questão: ao se adotar a Internet como uma nova variável na relação *lugar/não-lugar*, *lugares* podem ser entendidos como fixos e *não-lugares* como fluxos.

Para Arefi (1999) a proliferação de contatos indiretos, graças à emergência da Internet, ao invés dos contatos face-a-face, tem provocado grandes conseqüências para a percepção do *lugar*, possibilitando a formação de subprodutos do lugar. Um desses subprodutos do lugar, que se obtém ao se acessar a Internet, são os "*não-lugares* virtuais".

A emergência do ciberespaço (*não-lugar* virtual) em que os usuários da Internet ficam imersos enquanto "navegam" na *web*, a partir dos lugares físicos de apoio à sua utilização (*não-lugares* físicos), parece ser o fruto de uma ação dialética entre o *lugar* e o *não-lugar*. Isto porque, ao optar por utilizar a Internet, o usuário necessita de um lugar físico com infra-estrutura necessária para a conexão: uma sala, computadores, mesas, cadeiras, fios, etc. Como salienta Arefi (1999), o *lugar* ou *não-lugar* físico, apesar de todas as possibilidades de virtualização proporcionadas pela Internet, ainda são importantes, porque, mesmo quando se valoriza o *não-lugar* virtual, ambos coexistem. Esta relação implica, contudo, em viver uma situação que envolve atividades coletivas e solitárias.

A transição da coletividade para a atividade solitária ocorre, principalmente, depois que a pessoa entra no espaço destinado ao acesso à Internet (*não-lugar* físico) e conecta-se à rede mundial de computadores (*não-lugar* virtual). Ao se conectar à rede o usuário acaba se desconectando do mundo físico que o cerca. O retorno à vida em coletividade ocorre quando o usuário se desconecta da rede e retorna à vida real. Augé (1994) afirma que a falta de distinção do espaço na Internet parece decorrer da ausência de relacionamento entre cultura, tempo e local que caracteriza a vida normal dos seres humanos.

Os espaços conectados em rede parecem ser lugares "não antropológicos", que não se integram bem aos lugares tradicionais e tendem a ser caracterizados pela ausência de identidade, ao invés da proliferação de múltiplas identidades. O *não-lugar*, seja ele físico ou virtual, pode ser considerado o

contrário da utopia, pois ele existe, (muito embora não abrigue nenhuma sociedade orgânica e crie tensões solitárias). "O espaço do *não-lugar* acaba por libertar de suas habituais atividades quem nele penetra, pois não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude" (AUGÉ, 1994, p. 94).

Diante disso, pode-se fazer uma analogia entre o que se entende por lugar e *não-lugar* e o que se considera real e virtual. Da mesma forma que o *não-lugar* está intrinsecamente ligado ao lugar, real e virtual também não se separam. O virtual não existe sem o real, ambos coexistem.

Pode-se também pensar o *não-lugar* como uma dimensão do lugar, não o substituindo, mas nele encontrando apoio. Augé (1994, p.74) considera que tanto o lugar como o *não-lugar* não existem de forma pura, são, antes de tudo, "polaridades fugidias"²⁰, - o lugar nunca fica totalmente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente, "sendo palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação". Ainda para este autor (AUGÉ, 1994, p. 98):

Na realidade concreta do mundo de hoje os lugares e os espaços, os lugares e os *não-lugares* misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do *não-lugar* nunca está ausente de qualquer *lugar* que seja. A volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os *não-lugares*.

Seguindo-se esta linha de raciocínio o *não-lugar* virtual só existe se encontrar bases físicas na realidade do cotidiano. Porém, esta realidade não tem mais a mesma função se estiver amparada no virtual, situação em que a "realidade cotidiana oferece o material ao ciberespaço e, ao mesmo tempo, amplia as possibilidades experienciais dele" (REYES, 2004, p. 20).

²⁰ Ato de ir e voltar com rapidez a algum *lugar*.

Ao se considerar a cidade como lugar, (e este, como parte do cotidiano de seus habitantes), emerge a necessidade de repensá-la para que se compreenda esta nova realidade.

2.2.4 Repensando a cidade como *lugar*

Em razão do grande avanço da Internet, Rocha, Bastos e Carvalho (2003) consideram que há "o mister de se repensar o *modus vivendi* do Ser no milênio que ora se inicia". Para estes autores os sistemas de referências, sejam sociais, econômicos, políticos ou físicos "não mais se coadunam" com a realidade, pois as relações que até então podiam ser consideradas estáveis e duradouras mudam a cada momento, modificando a realidade. Ou, como aponta Reyes (2004, p. 1), "viver a cidade é viver a dinâmica da realidade cotidiana, é estar inserido no fluxo da vida diária com tudo que ele propõe".

De acordo com este pensamento compreende-se que as tendências delineadas pelo novo paradigma tecnológico obrigam que se adote uma postura de repensar os velhos sistemas de referência urbana, pois desta mudança de realidade emergem alguns questionamentos (como aquele relativo à alteração do comportamento do ser humano, com a introdução de novos paradigmas). Neste ponto há que se questionar ainda: se a compra de livros dispensará a livraria tradicional em detrimento da compra via Internet; se as amizades continuarão a ser mantidas em função de encontros face-a-face ou o contato se dará pelo computador, por meio dos diversos softwares existentes para este fim; se os deslocamentos até a prefeitura continuarão a acontecer na mesma frequência ou os serviços governamentais serão obtidos por meio da Internet; e, havendo uma mudança no cotidiano, se será necessário repensar os lugares, as cidades, para que eles melhor se ajustem aos novos hábitos.

Sendo assim, não se pode fazer qualquer tipo de projeção sobre o urbano ou sobre a cidade, sem o entendimento de conceitos que permitam compreender melhor o processo de desmaterialização do espaço. Neste sentido Duarte (1999, p.36) assegura que "as novas tecnologias trazem informações inovadoras ao contexto urbano: rompem-se as velhas estruturas sociais e formais das cidades, transformam-se os hábitos e criam-se outros". Do ponto de vista do impacto sobre o ambiente urbano justifica-se a busca do entendimento de como a sociedade e as pessoas são afetadas pela criação de um ambiente virtual de interação que interfere nas relações sociais, de trabalho, educação, lazer, cidadania e democracia, entre outros, porque isto precisa ser levado em consideração ao se repensar os lugares, principalmente as cidades. Na visão de Mitchell (2002), há a necessidade de inovar – reinventar locais públicos e cidades para o século XXI.

Esta afirmação é ainda mais importante quando se constata que é nas cidades que está o maior índice de utilização da Internet, o que permite a conclusão de que as transformações mais significativas também estão ocorrendo nas cidades. Há, portanto, a necessidade de se levar em conta este novo paradigma ao pensar a cidade deste início de milênio, tanto no que tange à infra-estrutura física quanto com relação à oferta de serviços públicos à população. Conforme lembra Mitchell (2002), as redes de telecomunicações digitais não criarão novos padrões urbanos, mas vão começar a alterar os padrões existentes. Esse autor considera ainda que as novas infra-estruturas urbanas tendem a revigorar suas predecessoras, posto que estas, velhas e cansadas, já não conseguem cumprir suas funções.

Mesmo antes do surgimento deste novo paradigma sociotécnico, ao abordar a questão dos serviços ofertados à população Le Corbusier (1984) já salientava a importância de se repensar as cidades, pois, para ele, a evolução mundial trazia alterações ao comportamento de viver e às relações sociais. Esta realidade conduzia o homem a demandar serviços complementares, fornecidos por organizações

exteriores à sua morada, aos quais chamava de prolongamentos da morada. Como fazem parte da vida cotidiana da população da cidade estes prolongamentos da morada devem estar ao alcance imediato dos seus usuários.

Seguindo esta perspectiva, Rechia (2003, p. 11) considera que:

Os espaços públicos se originam da necessidade de contato, comunicação, organização e troca entre as pessoas, e que a partir deles se estabelece o estreito vínculo entre participação ativa e vida na cidade. Portanto, essa forma de ambiente é o próprio pulsar da vida urbana.

Sendo assim, sob o aspecto urbano, observa-se a necessidade de se re-equipar as cidades, disponibilizando uma infra-estrutura que possibilite a inserção das novas formas de produção social e proporcionando a re-definição e o re-deseenho dos serviços urbanos para que se tornem viáveis em função das novas infra-estruturas proporcionadas pelas cidades (SPERLING e CAMARGO, 2002). É o indício da necessidade de novas estratégias para o planejamento urbano. Rybczynski (1996) adverte que "a mudança tecnológica continuará a nos surpreender", causando, juntamente com outros fatores, instabilidade nas cidades, um "reflexo da sociedade que teve mudanças e transformações e que continua a fazer-se e refazer-se".

Ao fazer um retrocesso histórico Lojikine (1997, p. 14-15) lembra que a necessidade de suprir a população com os serviços urbanos teve início após a Segunda Guerra Mundial, quando se iniciou a concentração, nas grandes cidades, dos meios de consumo coletivo²¹, que englobam desde "os meios de transporte

²¹ Castells (1983), assim como Lojikine (1997), denomina estes espaços destinados ao uso da população na cidade de meios de consumo coletivo (habitação, saúde, educação, etc.), mas vai além, criando um subgrupo dentro dos meios de consumo coletivo, a que chama de equipamentos coletivos, não os categorizando. Jacobi (2006) considera todos estes elementos da cidade como equipamentos coletivos. Frugoli Júnior (2005), por sua vez, adiciona o termo urbano à expressão equipamento coletivo, referindo-se a equipamentos urbanos coletivos. Souza (2003) distingue equipamentos como hospitais, postos de saúde, escolas e creches, os quais chama de infra-estrutura social, das diversas redes de abastecimento (água, energia elétrica, etc.) e de esgotamento (sanitário-pluvial), iluminação pública e calçamento da malha viária, que chama de infra-estrutura técnica.

até os grandes equipamentos coletivos da cidade moderna (escolas, universidades, centros de tratamento, centros culturais, espaços verdes planejados, terrenos para esportes, administrações voltadas para o atendimento dos usuários, como os correios, ou até organismos de seguro, viagens, etc.)". Ainda para este autor, "a crescente concentração destes meios de consumo coletivos e dos serviços oferecidos vai criar, pouco a pouco, um modo de vida e novas necessidades sociais" (p. 146).

A Internet também está se transformando em um meio de consumo coletivo, em função da disponibilização de acesso à população por agentes públicos e de sua apropriação pela população, que nela busca informações, lazer e serviços.

Em uma tentativa de entender o que motiva o ser humano a usar a Internet ou ainda os benefícios que o ser humano tem ao usá-la, Morgado²² (2003) agrupou as características dos usuários em dois grandes grupos²³:

- o dos benefícios utilitários: comunicação, busca por informações, conveniência e fatores econômicos e;
- o dos benefícios hedônicos: divertimento, passa-tempo, relaxamento, convivência com amigos, participação em comunidades.

Destes dois grupos aparecem as inúmeras utilizações que as pessoas fazem da Internet, que variam de acordo com a faixa etária, classe social e ainda com os diferentes interesses e necessidades pessoais e profissionais. Diante das

22 A tese de Morgado (2003) abordou as motivações dos usuários da Internet, tanto com relação ao uso como quanto ao ato de comprar por meio da rede. Para esta tese, interessa, porém apenas a motivação para o uso.

23 A classificação destes dois grupos foi baseada em estudos realizados por Diaz e Gertener (2000), Papacharissi e Rubin (2000), Korgaonkar e Wolin (1999), Teo *et al.* (1999), Ferguson e Perse (2000) e Emmanouilides e Hammond (2000), citados por Morgado (2003) em sua tese.

telas dos monitores de vídeo descortina-se o acesso a todo tipo de informação, cultura e divertimento, serviços dos mais variados segmentos, cursos e aulas virtuais, trocas entre indivíduos, grupos e instituições, bate-papos, além de modalidades promissoras de intervenção política, cultural e social.

Um detalhe importante é que o acesso a estas opções pode ser realizado a partir de casa, de uma *lan-house* ou cibercafé, do escritório, da rua, da escola, de um telecentro, de um telefone celular, entre outros. Porém, para onde estas pessoas vão ao adentrar o ciberespaço? É possível chegar a qualquer lugar do mundo. Com poucos cliques chega-se à cidade vizinha ou ao Japão com o mesmo esforço, em função de uma particularidade da Internet, que é permitir a interação imediata entre o real e o virtual.

A possibilidade de estar em qualquer lugar do mundo ou de conversar com pessoas das mais diferentes culturas e a flexibilidade da Internet acabam por transformá-la em um ambiente fascinante para seus usuários. É um fascínio essencial para a consolidação desta tecnologia, porque contribui para a sua rápida apropriação pelos usuários. Castells (2003a) lembra que ao fazer um retrocesso histórico pode-se considerar que os usuários são os principais produtores de qualquer tecnologia, pois eles adaptam a tecnologia para seus usos e valores, conseguindo estabelecer sua utilização. Com a Internet não está sendo diferente. Sua disseminação, no entanto, é bem mais rápida e atinge um número maior de pessoas do que qualquer outra tecnologia. Um exemplo da difusão rápida da Internet é a divulgação de videocliques por ação dos usuários, sejam os vídeos de propaganda, de gafes de celebridades ou de qualquer outra natureza. Ao ser enviados por e-mail para algumas pessoas acabam crescendo em progressão geométrica em questão de horas. Pode-se, ainda, evidenciar a flexibilidade dos *sítes* de informação, que são atualizados de minuto em minuto

proporcionando aos usuários acesso aos acontecimentos do mundo inteiro praticamente em tempo real.

As potencialidades proporcionadas pela Internet possibilitam a interação do espaço urbano com o ciberespaço, ou ainda, permitem que o ciberespaço seja considerado como complemento do espaço urbano com vistas à melhoria da qualidade de vida das pessoas. Sendo assim, a oferta do serviço de acesso à Internet, como mais um serviço urbano público, deve ser considerada pelos governantes, principalmente nas cidades, para proporcionar aos cidadãos novas formas de serviços, lazer, acesso à educação, à informação e à cidadania.

Instaura-se, então, uma realidade que possibilita a opção pela adoção ou não da tecnologia. Há que se considerar, porém, que a decisão pelo uso da Internet não passa somente pela vontade de cada pessoa, pois nem todos os interessados possuem acesso a esta tecnologia. Atualmente verifica-se a formação de grupos no que se refere ao acesso à Internet e, segundo Hazan (2001), este é o grande problema do uso das novas tecnologias. No caso da internet ocorre a formação de dois grandes grupos sociais – os incluídos digitalmente e os excluídos da sociedade em rede.

Para analisar a realidade mundial em relação ao uso da Internet Castells (2003a) fez um estudo sobre a geografia dos usuários desta tecnologia no mundo e o resultado foi uma distribuição bastante desigual, tanto em termos absolutos, quanto de penetração (em termos percentuais) na população de cada país. Em 2000 a América do Norte, com seus 161 milhões de usuários, e a Europa, com 105 milhões, eram as regiões de utilização mais intensa da rede, contrastando com as demais regiões do planeta. A Ásia Oriental, por exemplo, que possui dois terços da população do planeta, contava com somente 90 milhões de usuários. No Brasil, uma pesquisa realizada pela FGV-CPS (2003) mostrou que apenas

26,7 milhões de habitantes podiam ser considerados "incluídos digitais". A grande parte restante, 149,4 milhões de pessoas, não tinha acesso à *web*.

Apesar desta grande heterogeneidade o número de pessoas “incluídas” tem aumentado no Brasil. As áreas com maior inclusão doméstica são o Distrito Federal e os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Porém, ao se considerar a inclusão digital pública, o Distrito Federal perde a liderança para o estado do Paraná, que tem sido bastante agressivo na sua política de inclusão digital da população menos favorecida. O governo federal também possui suas próprias iniciativas no sentido de proporcionar acesso às novas tecnologias pela população, pois aposta que a inclusão gera igualdade de oportunidades na Sociedade da Informação e também por estar ciente de que a grande maioria dos brasileiros não tem condições de adquirir equipamentos e serviços para obter acesso à nova tecnologia por conta própria (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2000). Neste sentido Macadar (2005) evidencia que no Brasil existem inúmeras iniciativas de disponibilização de acesso gratuito à Internet, proporcionando inclusão digital²⁴. Estes programas são oferecidos nas cidades com nomes e formas diferentes (Anexo 2). Além de programas destinados à população das cidades também estão sendo implantados alguns programas de inclusão digital em áreas rurais que utilizam sistemas via satélite ou até mesmo em barcos que levam o acesso às TICs à população ribeirinha.

Hazan (2001) salienta, entretanto, que o grande número de analfabetos e de pessoas com baixo grau de instrução, associado ao elevado preço de computadores e do acesso à *web*, constitui grande barreira para a inclusão digital no Brasil. Nos programas de inclusão digital desenvolvidos pelos governos outro

²⁴ Inclusão digital é o termo utilizado para a socialização do conhecimento e da utilização das ferramentas de informática pela população, inclusive por aqueles que já são marginalizados em função de sua condição econômico-social (MACADAR, 2005).

dificultador é o fato que alguns governantes ainda estão pensando em formas de “abastecer” a população de computadores, sem perceber que, para que a tecnologia seja realmente produtiva para o ser humano faz-se necessária a ação intelectual sobre ela. Ainda na visão de Hazan (2001 p, 1819) “o homem deve ter a possibilidade de compreender o sistema com o qual opera e não apenas utilizá-lo mecanicamente”.

Apesar das barreiras encontradas para o uso da Internet por grande parte da população mundial e brasileira Castells (2003a) considera que a rede pode ser um instrumento de fundamental importância para o desenvolvimento do Terceiro Mundo. Ele alerta, porém, que não basta difundir o uso da Internet sem alterar o contexto de sua apropriação – isto será necessário para inverter a situação atual, em que cerca de 50% da população da Terra vivem com menos de dois dólares por dia.

Nessa direção Carlos (2004, p. 12) considera que o ato de “planejar” revela-se como um fundamento básico para que o habitante de uma cidade possa se tornar um usuário dos serviços públicos oferecidos. Ou seja, há a necessidade de um planejamento urbano para proporcionar ao cidadão a oportunidade de ser um usuário dos serviços e, desta forma, conquistar a cidadania. É uma das maneiras de se fortalecer na população o “direito à cidade”.

O essencial para que a Internet seja aproveitada, portanto, como uma forma ou mesmo como ferramenta de desenvolvimento social, cultural e político (através da inclusão das pessoas na atual sociedade em rede), é que existam meios que possibilitem à população apropriar-se dessa tecnologia, de tal forma, que se torne parte do cotidiano das pessoas, construindo novos sentidos no dia-a-dia urbano.

2.2.5 A apropriação do serviço urbano de acesso à Internet

Ao iniciar esta etapa do estudo convém que se apresentem os diferentes enfoques que permeiam o termo apropriação. Este termo recebe abordagens que podem emergir de diferentes áreas do conhecimento, dependendo da revisão teórica realizada para respaldar a problemática a ser estudada.

Lefebvre (apud CARLOS, 2004) considera importante, porém, fazer a distinção entre os termos dominação e apropriação, isto porque, dependendo da abordagem que se faz, esses termos podem ser interpretados de forma análoga. Para ele, o primeiro termo refere-se à posse, ao concreto diretamente vinculado ao valor de troca, que em função da dinâmica capitalista sobrepõem-se à apropriação. O termo apropriação, por outro lado, está diretamente relacionado à coisa vivida, ao valor de uso, referindo-se mais aos símbolos. Carlos (2004, p. 8) corrobora a idéia e considera que apropriação e dominação no mundo moderno estão separadas. Deste modo, pode-se ver conflitos entre a dominação que envolve o conteúdo das estratégias políticas que produzem o espaço e a apropriação que se desenvolve enquanto prática criativa.

Neste contexto, Lefebvre (apud CARLOS, 2004, p. 33) assevera que o conceito de apropriação é um dos mais importantes que se formaram após séculos de reflexão filosófica sobre o termo. Para o autor:

A ação dos grupos humanos tem sobre o meio material duas modalidades, dois atributos: a dominação e a apropriação. A dominação sobre a Natureza material, resultado de operações técnicas, arrasa esta natureza permitindo às sociedades substituí-las por seus produtos. A apropriação não arrasa, mas transforma a Natureza – o corpo e a vida biológica, o tempo e o espaço dados – em bens humanos. A apropriação é a meta, o sentido e finalidade da vida social.

Ao tratar de apropriação, Doron e Parot (2000, p. 79), oriundos da área de conhecimento que estuda a psicologia, consideram que o termo diz respeito à proposta de Marx, tendo passado por uma reformulação, no entanto, para se

entender a psicologia. Os autores consideram que apropriação designa o processo de desenvolvimento pelo qual o ser humano reconstrói e se apossa da experiência acumulada pela humanidade no decorrer da história social.

Diante do exposto pode-se entender que a apropriação é um processo especificamente humano de reprodução das aquisições da espécie e, neste sentido, não pode ser vista de forma indissociável da interação social. O termo apropriação diz respeito tanto aos objetos materiais quanto aos eventos e ao uso da linguagem. A apropriação, deste modo, pode ser vista como um prolongamento que se estabiliza pela interiorização das significações e também através das operações de tratamento dos parâmetros do mundo físico e social. As práticas de apropriação, sejam de lugares, do espaço, de serviço (feitas pelos habitantes) são mais do que o valor de uso. São o próprio uso que se faz delas.

Considerando a apropriação de serviços urbanos mais especificamente Camargo (1998) evidencia que a ação por parte da população está ligada à idéia de consumo final, ao efeito útil do serviço realizado, que pode ter a forma material, como água e esgoto, a forma abstrata como a educação ou, ainda, uma terceira forma híbrida como a saúde e o transporte. O autor evidencia que a gênese desta ação, realize-se ela de que forma for, ocorre quando a pessoa entra em contato com a unidade terminal de um serviço e realiza ali mesmo as atividades, que podem ser assistidas por técnicos ou não, mediadas por uma tecnologia e são localizadas em um espaço construído. Ao terminar a ação o usuário do serviço toma para si o efeito útil que o serviço se propõe a fornecer. Desta forma, "esta série de atividades constituem um processo de produção e consumo do qual os usuários se apropriam, tomam posse para uso próprio" (CAMARGO, 1998, p. 7)

Frente aos conceitos apresentados anteriormente percebe-se que todos evidenciam, independentemente da área de conhecimento, a apropriação como tomar posse ou fazer uso. Neste estudo em específico, que trata da apropriação

do serviço urbano de acesso à Internet, é possível reconhecer o efeito útil que o serviço proporciona à sociedade moderna, emergindo desta apropriação novas formas de se realizar as atividades do cotidiano, novas “maneiras de fazer”.

2.2.6 A emergência de novas "maneiras de fazer"

Ao abordar a relação entre o homem e as tecnologias pode-se compreender que a sociedade, as instituições e até mesmo as empresas transformam e adaptam a tecnologia em função da apropriação, do uso que é feito dela. Para Castells (2003a, p. 10) esta é a lição básica que o exame histórico social da tecnologia aponta. O autor acredita que tal afirmação ainda é mais verdadeira quando se aborda a Internet, que é uma tecnologia de comunicação. Entende-se, assim, que esta prática social humana está baseada na comunicação, isto porque a Internet vem alterando o modo como as pessoas se comunicam.

Ao fazer uso da Internet de várias maneiras o ser humano a transforma e a adapta às suas necessidades, possibilitando a emergência de um novo padrão sociotécnico no qual é possível integrar conceitos como relações sociais e comunicação, lazer e divertimento, educação e informação, serviços e trabalho e cidadania e democracia.

Sendo assim pode-se dizer que estas novas formas de realizar atividades causam um impacto real e concreto sobre as práticas de trabalho, de aprendizagem e de relacionamento humano, além de levantar algumas questões de ordem econômica, social, antropológica e até mesmo ética, como se observa a seguir.

- Relações sociais e comunicação

A emergência do ciberespaço alterou a dinâmica das relações sociais. Os encontros que anteriormente eram realizados entre outros lugares em praças,

ruas, casas e igrejas podem, agora, acontecer virtualmente. A presença face-a-face já não é primordial nos encontros baseados em fluxos. Esta experiência de encontros no ciberespaço teve seu início juntamente com os primeiros usuários da *web*, que criaram as comunidades virtuais como uma nova forma de interação social.

Ao tratar do mundo moderno Castells (2003a) considera que estamos na era da informação. Nela as fontes de valores passaram a definir novos comportamentos e um tipo de organização social que dá suporte tecnológico destinado à sociabilidade. É uma forma de interação diferente das anteriores, mas não necessariamente inferior a elas. As comunidades virtuais apresentam como característica principal um foco cujo nome está diretamente vinculado a um interesse ou desejo do grupo efetivo participante. Surgem, deste modo, parcerias, ajudas mútuas e laços de solidariedade.

Ao analisar estas comunidades virtuais, Reighold (1998) considera que a especificidade delas está intrinsecamente ligada à função e ao interesse. É este o motivo pelo qual são chamadas de comunidades de interesse.

É interessante observar que as relações sociais não precisam estar baseadas, necessariamente, na presença física. Weber (1964), Licklider e Taylor (apud REIGHOLD, 1998) são alguns dos autores que já haviam percebido, ainda na década de 1960, o surgimento das primeiras comunidades em que as pessoas estavam separadas geograficamente. Às vezes pequenos grupos eram formados em um lugar e mesmo pessoas que trabalhavam individualmente, trocavam textos e idéias sobre determinado assunto. Para os autores, os usuários seriam uma comunidade, não de um lugar específico, mas baseada em um interesse comum. É neste contexto que Webber (1964) considera que, para a formação das comunidades de interesse, o acesso é mais importante do que a proximidade.

Frente ao exposto, apreende-se que uma comunidade virtual tem como base afinidades de interesses ou de conhecimentos a comunhão de projetos, num processo de cooperação e de troca, independentemente da proximidade geográfica. Lévy (1999) afirma que uma comunidade virtual não é irreal ou ilusória. Trata-se de uma coletividade que se organiza por intermédio da rede de correio eletrônico mundial.

O uso do correio eletrônico também revelou-se uma maneira importante de se relacionar. O e-mail representa mais de 85% do uso da Internet sendo que a maior parte desse uso é para fins profissionais e para o contato com a família e com os amigos em tempo real. Utilizando o e-mail é possível falar com alguém no Japão ou em qualquer outro lugar do mundo com a mesma rapidez com que se fala com o vizinho de porta. Pesquisas mostram que a Internet está sendo utilizada de forma instrumental e com objetivos estreitamente ligados ao trabalho, à família e à vida cotidiana (CASTELLS, 2003a).

Negroponte (1995, p. 170-171) considera que no mundo digital as distâncias têm cada vez menos importância. Um usuário de Internet, na verdade, nem sequer lembra que as distâncias existem. "Eu quase sempre recebo respostas mais rápidas de lugares distantes do que daqueles que estão perto de mim, pois o fuso horário diferente permite às pessoas responder enquanto estou dormindo, dando a impressão de que elas estão mais próximas". Esta idéia é corroborada por Drucker (2000) e Castells (2002), que afirma que a Internet acabou com a distância, ao menos na cabeça das pessoas.

No caso específico do Brasil, pode-se afirmar que a utilização da Internet para se relacionar é grande. Um exemplo deste uso intenso é o *site* de relacionamentos Orkut, que tem aqui o maior número de participantes, superando até mesmo os Estados Unidos, onde foi criado. Atualmente são 20 milhões de usuários do Orkut, sendo que deste total, 70% são brasileiros (IDG Now, 2006b).

Jonas (1997) aponta que a comunicação entre indivíduos, mediada pelas novas tecnologias, e a implicação social desta nova atitude, proporcionaram a emergência de uma tomada de consciência política sobre a incidência das TICs, sobre a disposição do território, sobre a vila e sobre a cidadania.

- Lazer e divertimento

No passado, quando se pensava em lazer nas áreas urbanas, a associação imediata era a atividades ao ar livre, que podiam ser realizadas em parques e praças, nas ruas ou em outros espaços públicos oferecidos pelas municipalidades. A televisão representou um fator de mudança de comportamento neste sentido, mais recentemente reforçado pelos jogos eletrônicos, pelo computador e pela Internet.

Morley e Parker (2003) consideram que utilizar a Internet para o lazer não é uma idéia nova, mas algumas das opções seguramente o são. Ver televisão e filmes on-line ou participar de jogos interativos em que outros internautas também tomam parte era difícil de se imaginar há alguns anos, quando os serviços de Internet só estavam disponíveis por meio de linhas discadas, muito lentas para esse tipo de atividade.

Com acesso mais rápido, proporcionado pela conexão de banda larga, os *sites* destinados ao lazer e ao divertimento, como os de jogos, passaram a ser amplamente utilizados, principalmente por crianças e adolescentes. Uma pesquisa realizada pelo Ibope/NetRatings (IDG Now, 2007) mostrou que, para mais de 1,5 milhão de crianças brasileiras entre 2 e 11 anos, a Internet deixou de ser apenas um brinquedo novo. Elas reúnem a turma nos comunicadores instantâneos, trocam figurinhas nas comunidades virtuais, jogam bola em rede e conhecem o mundo por meio dos *sites* de busca. Essas crianças pertencem a uma geração que já não tem medo do microcomputador. Os pequenos

internautas chegam até a deixar de lado a tela da TV atraídos por ambiente lúdicos, de comunicação, aprendizado e, especialmente, de interatividade em frente ao monitor do computador.

- Educação e informação

A Internet pode ser uma grande aliada na área da educação, já que possibilita a continuação da aquisição de conhecimento além da sala de aula. É possível também realizar um intercâmbio de conhecimentos entre alunos e professores de vários estados e mesmo de diferentes países, consultar bibliotecas e acessar cursos à distância. Para Takahashi *et al.* (2000, p. 71), "a educação é o elemento-chave na construção de uma sociedade baseada na informação, no conhecimento e no aprendizado". Hazan (2001) concorda com esta visão e acrescenta que, mais do que a educação, a capacitação é o conceito-chave para a inclusão digital. Ensinar o uso de tecnologias às crianças é fundamental para integrá-las, desde cedo, a uma sociedade cada dia mais informatizada. Devem ser consideradas ainda iniciativas para reduzir a dificuldade na apropriação do uso das tecnologias pelos idosos, para que também eles possam ser integrados à sociedade informatizada. Ainda para Hazan, o governo que realmente queira democratizar a informação deve planejar seu sistema de forma a abranger o maior número de pessoas possível, mesmo que para isso tenha que utilizar diversas mídias.

O acesso à informação também é um elemento fundamental para a educação e para o exercício da cidadania. Segundo Mota (1986), a informação é fundamental na construção da cidadania, pois sem que ela esteja amplamente disponível, não se consegue que os cidadãos sejam ativos, capazes de expressar suas opiniões, reivindicações e interesses. Para o autor, o direito à informação é tão importante quanto o direito ao trabalho, à saúde e à moradia.

O bloqueio à informação é uma forma de alienar a população, fazendo com que os cidadãos sigam as regras estabelecidas sem argumentar ou protestar. Os brasileiros viveram esta experiência pela primeira vez logo após o golpe militar de 1964, com a censura aos meios de comunicação. Pretendia-se inibir a circulação de informação para que houvesse uma despolitização da sociedade, tornando-a mais fácil de ser controlada (MOTA, 1986).

Em países como a China e o Irã, onde a censura é aplicada até hoje, os governos restringem o acesso a *sites* da *web* cujo conteúdo não lhes convém. Têm o acesso bloqueado, por exemplo, *sites* em que é possível obter informações com críticas ao governo, como o Geocities (onde qualquer pessoa pode inserir uma *home page*), ou ainda *sites* de notícias, como o da *British Broadcast Communication* (BBC), de acordo com Mota (1986). A censura ocorre, pois, sem ela, com apenas alguns cliques, o internauta tem o mundo ante seus olhos e pode comparar governos, políticas, mercados e culturas.

A velocidade com que o conteúdo da *web* é atualizado permite que os cidadãos acompanhem o que está acontecendo no mundo, em tempo real. Em alguns *sites* da *web* as informações são atualizadas a todo minuto. Castells (2003) lembra que, atualmente, as atividades econômicas, sociais, políticas e culturais estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela e de outras redes de computadores.

- Serviços e trabalho

A utilização de computadores tornou-se rotina e o seu uso, conjugado ao uso das telecomunicações, está revolucionando mais uma vez o ambiente empresarial e a sociedade.

Nesta nova revolução muitas indústrias começam a basear seus negócios e a sua própria existência nos computadores. O esforço humano passa a ser

cada vez menos físico, já que as novas tecnologias permitem a substituição do músculo humano por robôs automatizados e privilegiam a capacidade de pensar e de criar do ser humano.

A confluência das tecnologias de telecomunicações e informática foi, na mudança de século, causa e efeito da globalização da economia. Podemos encontrar em qualquer supermercado produtos de outros cantos do mundo ao lado dos que são fabricados na rua vizinha. Mas para que estes últimos consigam fazer frente à concorrência imposta pelos primeiros, é necessário que as empresas se adaptem aos paradigmas desta nova era digital da mesma forma que os seus melhores concorrentes globais. E a adaptação precisa ser rápida, porque o ambiente de negócios atual muda a uma velocidade assustadora e é cruel com quem não consegue acompanhá-lo. As empresas que encontram no uso do computador e de tecnologias como a Internet novas formas para vender, comprar e projetar seus produtos parecem ser as mais aptas a sobreviver neste novo cenário, devido à flexibilidade que tais tecnologias atribuem aos negócios, quando aplicadas adequadamente.

Neste panorama de rápidas mudanças uma tendência que tem se apresentado é a de as empresas se tornarem cada vez mais virtuais, não só nos tipos de produtos e serviços oferecidos, mas também na sua estrutura e organização para o trabalho. Um aspecto interessante desta virtualização é a flexibilização do local e do tempo em que o trabalho é realizado. Muitas empresas começam a permitir, e até mesmo a incentivar, que seus funcionários ou parceiros trabalhem em casa ou em qualquer outro lugar, o que também lhes garante a escolha da hora mais conveniente para o trabalho, o chamado teletrabalho (SOARES, 1995).

Esta nova modalidade de trabalho traz mudanças profundas, que devem ser levadas em consideração pela organização no momento de decidir pela sua

implantação. Ainda assim muitas organizações vêem o teletrabalho como uma oportunidade de se tornar mais flexíveis, de adaptar-se à nova tendência virtual e reduzir custos, bem como uma forma de amenizar o problema de excesso de veículos e da poluição nas grandes cidades, uma vez que seus funcionários não precisam mais se deslocar de casa até a empresa. O teletrabalho também possibilita uma melhoria de qualidade de vida, pois segundo Soares (1995) seu horário flexível proporciona mais tempo para a família, para o lazer e o descanso.

A utilização do teletrabalho altera o cotidiano e também o uso do espaço. Para Negroponte (1995, p. 126), "na era da informação você pode trabalhar e morar num único local ou em lugares diferentes, o conceito de endereço adquire um novo significado".

Outras formas de prestação de serviços também estão sendo oferecidas aos usuários da Internet. O setor privado está considerando novas modalidades de trabalho e oferecendo serviços a partir da Internet. O governo federal também está alinhado com a tendência de utilização da Internet para oferecer serviços à população, o chamado G2C (*government-to-citizen*), por meio do qual oferece serviços, como retirada de guias, consultas, pagamento de impostos, entre outros. Segundo Zavala (2002), o Brasil está na 18ª colocação no ranking mundial de desempenho do governo na *web*. Um estudo realizado pela Pricewaterhouse-Coopers confirma esta realidade, mostrando que o governo federal disponibiliza, atualmente, 72% dos serviços que presta por meio da Internet, índice superior ao de nações desenvolvidas como o Japão e a Itália, e que classifica o Brasil como líder da América Latina em prestação de serviços virtuais.

Jonas (1997) considera a existência de uma interação muito forte entre o desenvolvimento das TICs e a oferta de novos serviços, a ponto de ser difícil saber se é a progressão destas técnicas que suscita a necessidade ou o inverso. Trata-se realmente de uma sinergia entre serviços e tecnologia, e a Internet é um

ótimo exemplo para mostrar esta relação. Há 8 ou 10 anos a Internet era considerada pela grande maioria dos dirigentes das cidades como algo reservado aos universitários. Atualmente é uma grande aliada das equipes de administrações municipais, seja para disponibilizar serviços para a população, para pedir auxílio na tomada de decisões sobre projetos para as cidades, ou para oferecer um novo instrumento para o exercício da cidadania e da democracia.

- Cidadania e democracia

A discussão sobre a formação de comunidades virtuais por meio da Internet levou Sassen (*apud*, MAMEDE, 2002) a repensar o predomínio de uma das características da virtualidade, a abrangência global, que atua fortemente sobre a localidade. A autora acredita que a Internet pode levar ao fortalecimento das localidades e, de forma mais ampla, a um novo tipo de política local. A ocupação do ciberespaço pelos cidadãos, em projetos coletivos e pessoais, representa uma nova e eficiente opção de militância. Sassen exemplifica esta realidade ressaltando a existência de grande número de *sites* pessoais ativos, tanto para divulgar o lado cultural, como o social e o político dos internautas- prova incontestável de que a *web*, ao contrário do que se afirma, não contribui para a degradação das “autênticas” relações pessoais e sociais.

Para Castells (2002), existe uma:

Nova forma espacial característica das práticas sociais que dominam e moldam a sociedade em rede: o espaço de fluxos. O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Por fluxos, entendo as seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade.

Na sociedade da informação o acesso à Internet torna-se condição essencial ao exercício da cidadania. Embora, em alguns casos, exista um certo grau de deslumbramento com as novas tecnologias e seu impacto democratizante,

é incontestável que a Internet têm influenciado a dinâmica política das sociedades.

Em suma, pode-se afirmar que a emergência de novas maneiras de se realizar as atividades em função do novo paradigma sociotécnico causa alterações no cotidiano das pessoas que utilizam a Internet e sinaliza para uma possível alteração no espaço socioambiental urbano. Se por um lado estão se virtualizando serviços, produtos, lazer, trabalho e outras atividades, acabando com a necessidade de deslocamento físico de pessoas e do transporte de bens, por outro a Internet está possibilitando novos relacionamentos, que geram novos fluxos e a necessidade de espaços capazes de suportá-los.

Entender em que contexto se deu o surgimento deste novo padrão sociotécnico e quais os seus reflexos no espaço socioambiental urbano faz-se importante, dentro da problemática proposta. Foi por este motivo que o presente capítulo procurou apresentar o cenário existente antes do advento da Internet, evidenciando a relação do espaço socioambiental com conceitos como cidade e urbano, território e lugares e *não- lugares*, para, num segundo momento, voltar a abordar estes conceitos, porém com a presença de uma nova variável, a Internet. Aí se apresentou o cenário da pós-modernidade evidenciando a ruptura do paradigma existente com a emergência da TICs, principalmente da Internet.

Aparecem neste contexto novos espaços, novos lugares, novos *não- lugares* e novos fluxos que interferem diretamente no cotidiano das pessoas e no espaço socioambiental urbano, pois as pessoas, ao se apropriar da tecnologia, alteram seu modo de viver, de pensar e de agir. Em função destas mudanças pode-se considerar que alguns lugares na cidade, que foram importantes em determinada época, atualmente perderam sua utilidade.

Sendo assim há a necessidade de se repensar as estruturas existentes e a importância delas neste novo paradigma sociotécnico, principalmente nas cidades onde a utilização desta tecnologia é maior. As cidades não podem ser analisadas e planejadas sem que se considerem os novos espaços que os fluxos da rede estabelecem, afinal o subsolo está sendo mais utilizado para abrigar os cabos de fibra ótica e também há o espaço sobre as cidades aonde os fluxos trafegam, as infovias.

Neste sentido abordou-se também a importância de se planejar as ações e os projetos a serem implantados nas cidades, levando-se em conta o novo paradigma tecnológico, sem esquecer, porém, que o acesso à *web* não ocorre de forma homogênea e que a cada dia mais atividades do cotidiano podem ser realizadas por meio da Internet. Há a necessidade por parte dos gestores municipais, estaduais e mesmo do governo federal de proporcionar à população carente de tecnologia uma forma de acesso à rede mundial de computadores. Ao apropriar-se deste serviço a população passa a fazer parte de um universo interminável de informação, educação, lazer e serviços, bem como a ter a possibilidade de exercer a cidadania, mais um dos benefícios que a rede proporciona.

É com esta preocupação em repensar cidades e lugares em função da inserção da Internet no contexto urbano que, no próximo capítulo, será abordada a implantação de um serviço de acesso à Internet pela gestão municipal da cidade de Curitiba.

3 O FAROL DO SABER

A idéia é a de um farol como porta da Escola.
 Um farol como marca da segurança do bairro.
 A Escola como endereço do conhecimento.
 Luz que dá segurança no futuro.
 A Escola como endereço de Luz.
 Luz que ilumina o bairro,
 marca proteção do povo,
 define o espaço de informação.
 Além da torre, onde o vigia,
 normalmente utilizado para guardar apenas a Escola,
 passará a guardar toda a vizinhança,
 a nova biblioteca definirá
 o portal de segurança da Escola e do Bairro.
 A visão dos livros expostos,
 em prateleiras tradicionais,
 com a magia de suas lombadas,
 a semelhança das bibliotecas da Antigüidade,
 será moldurada para o saber que a Escola
 pretende democratizar e repartir
 entre os que entram, qualquer que seja sua idade.
 Quem não entra, fica com vontade de entrar.
 O equipamento reveste-se da sedução e do mistério
 das coisas a serem descobertas e reveladas.
 A cidade hasteia 120, 150 novos fachos de luz
 na escuridão dos bairros.
 As crianças passam a perceber
 que há Luz no local que estudam.
 Luz de livros, Luz de conhecimento acumulado,
 Luz além da eletricidade do farol.
 É um edifício simples, símbolo poderoso do bem
 que desejamos à geração de crianças,
 cerca de 280 mil entre 4 e 14 anos,
 e a todos os cidadãos destes anos 300 de Curitiba.

Rafael Greca de Macedo

3.1 A IMAGEM DA CIDADE

Curitiba é conhecida mundialmente por ser uma cidade inovadora, sendo considerada como modelo de planejamento urbano inteligente e criativo. Esta fama de cidade bem planejada teve início na década de 1960 e ao longo destas últimas quatro décadas a cidade ficou conhecida por vários *slogans*, como cidade ecológica, capital social, entre outros. Segundo Vicentini (2001), Curitiba representa uma das cidades brasileiras onde mais ações planejadas para a redefinição do espaço urbano ocorreram. Porém, Mendonça (2002) ressalta que os *slogans* e

as imagens que foram atribuídos a Curitiba, associando-a à idéia de cidade modelo a ser copiada pelas demais cidades, não correspondem à realidade. Ainda segundo o autor, o que se observa

são ações decorrentes de intencionalidades do poder político local e regional, principalmente de grupos que se mantêm no poder nos últimos quarenta anos, voltadas à criação de uma cidade "imagética" que, uma vez colocada como produto no mercado competitivo, realiza uma expressiva atratividade econômica e populacional (MENDONÇA, 2002, p.187).

Já na década de 1940 foi elaborada a primeira proposta de planejamento urbano. O Plano Agache, como ficou conhecido, estabelecia áreas para a cidade de acordo com as diferentes funções: militar, educacional, residencial, etc. Nos anos de 1970 novos planos urbanísticos foram colocados em prática, elaborados e respaldados pelo Ippuc, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Data desta época a implantação do sistema de transporte coletivo, a inauguração da Cidade Industrial, a construção de grandes parques, a recuperação de áreas degradadas e também a modernização do centro da cidade. Baseada na concepção modernista, Curitiba ficou conhecida como a "cidade modelo ou modelo de urbanismo" (VICENTINI, 2001, p. 20).

A transformação cultural da cidade também data da década de 1970, quando foi criada a Fundação Cultural de Curitiba, concebida para promover na cidade um desenvolvimento urbano-cultural, baseado em algumas premissas básicas: estimular as artes e a criatividade, estudar a memória da cidade, estabelecer programas culturais nos bairros, desenvolver planos de recreação e preservar o patrimônio histórico. O objetivo maior da Fundação Cultural de Curitiba era "incrementar a animação dos recém-criados espaços públicos no município, na busca de uma identidade para a cidade e seus moradores" (RECHIA, 2003, p. 25). Ainda para esta autora:

A transformação cultural talvez tenha sido mais um dos aspectos significativos dessa fase. Ela teve início com a promoção paulatina de uma identidade própria para a cidade, fundamentada em referenciais urbanos. Os instrumentos inicialmente utilizados buscavam a revitalização dos setores históricos e tradicionais da cidade

e a apropriação de parques públicos por meio de um programa cultural que conectava lazer e cultura.

Os espaços da cidade começavam a ser referência, pois os projetos arquitetônicos imprimiam um caráter próprio a cada um deles. Muitos destes lugares são identificados pela população da cidade, como é o caso da Rua das Flores, no centro da cidade. Afinal, como lembra Tuan (1983), cada característica de um lugar acaba por torná-lo distinto, fácil de identificar e lembrar.

Pode-se dizer que os esforços de modernização urbana realizados nas décadas de 1970 e 1980 tiveram o objetivo de equipar a cidade, instalando equipamentos urbanos em todos os setores, como educação, recreação, transporte, etc. Ao examinar este quadro sob outros ângulos, Garcia (1997) considera que um dos elementos centrais deste projeto de modernização de Curitiba foi a construção de uma nova imagem urbana para a cidade.

A imagem pretendida para a cidade realmente se instalou a partir de várias campanhas de marketing. De "Cidade Modelo"²⁵, Curitiba passou para "Capital Ecológica" na década de 1990, seguindo o novo padrão de planejamento urbano, de estabelecer nas cidades um equilíbrio entre o meio ambiente e a sociedade. O projeto de reciclagem do lixo foi o ícone da cidade nesta época, fazendo com que a vertente ecológica se incorporasse ao imaginário da população:

[...] em Curitiba o caso da implantação inovadora do programa "Lixo que não é Lixo", separação prévia dos resíduos domiciliares recicláveis nas próprias residências. Iniciado em 1989, o programa foi amplamente divulgado pela mídia local e nacional e projetou o nome da cidade internacionalmente (LIMA, 2002, p.104).

²⁵ Para SÁNCHEZ (2003, p. 333), o título de "cidade modelo" está relacionado ao processo de legitimação política da cidade em suas diversas fases e "tem outorgado à administração municipal de Curitiba o papel de exportadora de tecnologias urbanísticas, seja no âmbito dos transportes urbanos, do desenho dos espaços públicos ou, mais recentemente, da gestão urbana ambientalmente sustentável. Com efeito, em diversos *lugares* do Brasil, os governos municipais tentam copiar 'soluções curitibanas' e, na escala internacional, periódicos especializados afirmam que qualquer cidade poderá ser como Curitiba um dia, desde que sejam adotadas as soluções ali implantadas".

A partir da concepção de equipar a cidade e construir uma imagem positiva, na década de 1990 mais um projeto foi elaborado e implantado, o qual contribuiu para reforçar a identidade da cidade: o Farol do Saber.

3.2 O FAROL DO SABER E A IMAGEM DA CIDADE

O projeto do Farol do Saber visava promover um lugar diferenciado, que possibilitasse a instalação de uma minibiblioteca nos bairros e também proporcionasse acesso à cultura, à educação e ao lazer à população desses bairros, principalmente os mais distantes do centro, onde está localizada a Biblioteca Pública do Paraná. Com arquitetura arrojada, estas bibliotecas também se tornaram, rapidamente, símbolos da cidade.

Os detalhes históricos e arquitetônicos dos Faróis do Saber, locus deste estudo, são apresentados na seção 3.3, na qual é abordada a maneira como mais um projeto foi desenvolvido na cidade, almejando, além do suprimento das necessidades de serviço do cidadão curitibano, proporcionar visibilidade para a cidade e consolidar uma imagem gestada nos gabinetes públicos municipais. Para Garcia (1999) o projeto de "lançamento" de cada produto urbano é minuciosamente planejado com o objetivo de diferenciá-lo, de forma revolucionária, dos demais produtos em circulação e conquistar ampla adesão por parte da comunidade²⁶. Esta autora (1999, p. 57-58) considera ainda que:

Na cidade de Curitiba, inovação e ousadia são de fato as duas palavras mágicas de recorrência no discurso acerca dos novos programas,

²⁶ Contudo, segundo Garcia (1999), os projetos de modernização e de desenvolvimento social da cidade não visam beneficiar apenas o cidadão. Estes projetos visam atingir possíveis investidores, além dos moradores, buscando criar uma nova imagem para a cidade, sempre baseada em um forte apelo social. Isto seria o conhecido "*city marketing*", principal instrumento para alavancar os diversos processos de promoção da cidade. Ainda para Garcia (1999) há um exagero no uso de técnicas mercadológicas para "vender" a cidade. Quando se atinge um nível de *marketing* como o de Curitiba, cria-se um sentimento de orgulho em relação à cidade, cegando os seus moradores para a realidade em seu entorno, que não consiste apenas de fatos favoráveis. O projeto dos Faróis do Saber foi criado na época em que a nova imagem para a cidade de Curitiba estava sendo estabelecida, porém, para os fins desta tese, o papel dos Faróis do Saber na construção desta nova imagem (*city marketing*) não apresenta grande relevância e dele não se tratará em maior profundidade.

projetos e intervenções. O permanente recurso à criatividade dos urbanistas para qualificar cada nova intervenção acaba se tornando um redundante artifício mitificador que subordina e obscurece toda a gama de condicionantes políticas, institucionais, econômicas e culturais que, com efeito, fazem possível a realização destes projetos.

Além de ser um ícone da cidade de Curitiba, os Faróis do Saber servem como referência nos bairros onde estão instalados. Neles são disponibilizados serviços como o empréstimo de livros, local para leitura e acesso à Internet; eles também constituem um *lugar* de encontro da comunidade, fazendo parte do cotidiano de um grupo da população urbana. Ao analisar esta relação da comunidade do bairro com os Faróis do Saber, emprestam-se as idéias de Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 40), que consideram que um bairro é quase por definição um domínio do ambiente social, constituindo para o usuário uma parte conhecida do espaço urbano na qual, sendo positivo ou negativo, ele se sente reconhecido. Isto faz com que esta porção do espaço público transforme-se, pouco a pouco, "em um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço".

Ao ser apropriado pela população o Farol do Saber torna-se parte do cotidiano urbano das pessoas, já que, na visão de Rechia (2003, p. 29), os ambientes planejados "para potencializar o lazer e a cultura, podem ser transformados em *lugares* pela própria comunidade, a qual lhes confere valor e significado por meio de seus usos e práticas".

Ainda discutindo a relação do bairro com a vida cotidiana das pessoas, Tuan (1983) ressalta que o *lugar* pode adquirir profundo significado para o adulto, por meio do contínuo acréscimo de sentimento, ao longo dos anos. Esta afirmação pode representar a justificativa da ligação afetiva profunda das pessoas de mais idade com a casa e o bairro onde moram. Ali está a sua história de vida.

3.3 O LUGAR FAROL DO SABER

De acordo com o entendimento de Augé (1994), Arefi (1999) e Weber (1964), uma biblioteca pode ser considerada um *não-lugar*, pois apresenta as características deste "subproduto do lugar" (AREFI, 1999). Para esses autores, uma biblioteca é um ambiente de passagem, pois as pessoas entram e saem sem manter vínculo afetivo com o *lugar*, buscando apenas atividades solitárias como a localização de alguma informação, empréstimo de livros, pesquisa, entre outros.

A concepção do Farol visava, porém, que este equipamento fosse mais que uma simples biblioteca. A idéia do então prefeito de Curitiba e grande idealizador do projeto Rafael Greca de Macedo era fazer de um espaço vazio (muitas vezes um terreno baldio) um *lugar* com o qual as pessoas se identificassem e de cujos serviços se apropriassem, transformando o *lugar* (produzido) em parte do cotidiano urbano (consumido/apropriado). A caracterização dos Faróis do Saber apresentada na proposta de implantação é a seguinte (MACUCO e BRUZAMOLIN, 1994, p. 6):

O Farol do Saber é uma minibiblioteca de bairro; no entanto, é diferente de uma biblioteca comum. É mais, muito mais do que isto. É um ponto de referência disseminador da cultura e do saber, onde as atividades propostas deverão ser desenvolvidas de maneira interessante, diferente, inovadora e gostosa, a ponto de despertar o interesse e a participação voluntária de seus freqüentadores.

Os Faróis do Saber surgem como antídoto ao conhecimento "acabado", "pronto" e "certo", ao discurso de "certezas" de mestre, para se tornar um espaço de lazer, um espaço gerador do espírito crítico e de questionamento, propiciando o acesso ao livro, à recriação do conhecimento, assim como o de encontro com o mundo das artes e dos bens culturais, visando o preparo para o exercício da cidadania.

Sob este prisma, pode-se afirmar que, ao ser implementada, a concepção dos Faróis do Saber foi plenamente aceita pela população dos bairros. Os Faróis são hoje *lugares* que possibilitam acesso à informação, à educação, à cultura e ao lazer. São ainda pontos de encontro das pessoas do bairro, como ficará

evidenciado a partir dos resultados da pesquisa de campo. O "sucesso" do projeto Faróis do Saber está relacionado com a receptividade da população à implantação do *lugar* e, posteriormente, à apropriação dos serviços lá oferecidos. Rechia (2003, p. 59) evidencia "o comprometimento da comunidade para a concretização de projetos urbanos e sugere uma análise do planejamento urbano, entendendo a cidade como *lugar* privilegiado para o desenvolvimento de uma identidade local".

É interessante apontar que a comunidade continua utilizando o Farol com muita frequência, o que mostra que este equipamento urbano implantado há mais de dez anos, em uma gestão municipal politicamente oposta à atual, foi realmente apropriado pela população que o utiliza. E isso mesmo com os sérios problemas de infra-estrutura que os Faróis apresentam atualmente, como falta de vidros, banheiros estragados, buracos nas paredes, equipamentos de informática sucateados, impressoras quebradas, entre outros (Figura 10). Esses aspectos denotam o atual processo de degradação deste equipamento urbano, que não está tendo a atenção necessária da atual gestão municipal, apesar de sua importância para a população que o utiliza.

Atualmente, são 47 Faróis do Saber. Eles foram implantados em três etapas na década de 1990 em diferentes bairros de Curitiba (ver a Figura 11 e o Apêndice 4). Doze Faróis estão localizados em praças da cidade (Faróis de Praça) e outros 35 estão agregados a escolas municipais (Faróis de Escola), embora proporcionem serviço à comunidade em geral.

A definição sobre a localização de cada Farol a ser implantado emergiu de um estudo que dividiu a cidade em duas áreas – norte e sul – (tendo-se como referência o marco zero da cidade). Ele mostrou a demanda pelo serviço e a caracterização sócio-econômica das diversas áreas da cidade.



Figura 10 Farol do Saber Pe. Antônio Vieira (Regional CIC) - falta de conservação.

Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Na porção norte de Curitiba, segundo Macuco e Bruzamolín (1994), priorizou-se bairros antigos, em que a maior parte dos moradores tem renda familiar de até cinco salários mínimos. Ao se definir os locais de implantação dos Faróis do Saber também foi considerada a possibilidade de acesso da população oriunda de municípios da região metropolitana.

Todos os locais escolhidos para a implantação dos Faróis de Escola envolveram terrenos anexos a escolas municipais, em áreas definitivamente ocupadas, de fácil acesso, e que não exigissem grande esforço de deslocamento

por parte dos moradores da região. Os locais para a implantação dos Faróis de Praça foram escolhidos visando atender às demais escolas municipais e estaduais no seu raio de abrangência e, em alguns casos, procurando atingir também moradores de áreas vizinhas. Além de atender antigos núcleos populacionais, a implantação dos Faróis da área norte se deu nas áreas em que estava ocorrendo a evolução urbana da cidade de Curitiba na década de 1990, principalmente nas regionais Santa Felicidade e Boa Vista.

Na área sul da cidade a maioria das comunidades que se enquadravam no perfil para receber o equipamento urbano estava localizada mais na periferia, principalmente nas regionais CIC e Bairro Novo, onde também estava ocorrendo um processo de ocupação. A população proveniente destas áreas tem renda de até três salários mínimos. Porém, em algumas vilas ou em assentamentos ordenados, a renda familiar é ainda inferior (MACUCO e BRUZAMOLIN, 1994).

Inicialmente era prevista a instalação de cem Faróis do Saber na cidade. Porém, com a saída do então prefeito e idealizador dos Faróis do Saber, Rafael Greca de Macedo, somente 46 deles foram implantados. Neste sentido, faz-se necessário abordar a questão da incrível falta de continuidade das ações públicas com as mudanças de gestão. Isso ocorre não somente em Curitiba, mas na maioria das cidades brasileiras, onde bons projetos são prejudicados pelo simples fato de que foram iniciados por partidos adversários (quando não por pessoas do mesmo partido, sem, porém, afinidade política com o sucessor)²⁷. Até se entende que, ao assumir o cargo, o prefeito, o governador e o presidente queiram realizar projetos de acordo com suas próprias posições políticas e

²⁷ No caso do Farol do Saber é evidente, a ligação destes equipamentos com o seu idealizador o então prefeito Rafael Greca. Em Curitiba Farol do Saber é sinônimo de Rafael Greca. Sendo assim pode-se até considerar que a falta de continuidade seja reflexo da falta de interesse em continuar inalterando o nome de um adversário político.

aspirações. É, porém, com este tipo de posicionamento que muitos projetos iniciados durante um governo não tem continuidade na gestão seguinte, prejudicando a população diretamente e também o desenvolvimento do país como um todo.

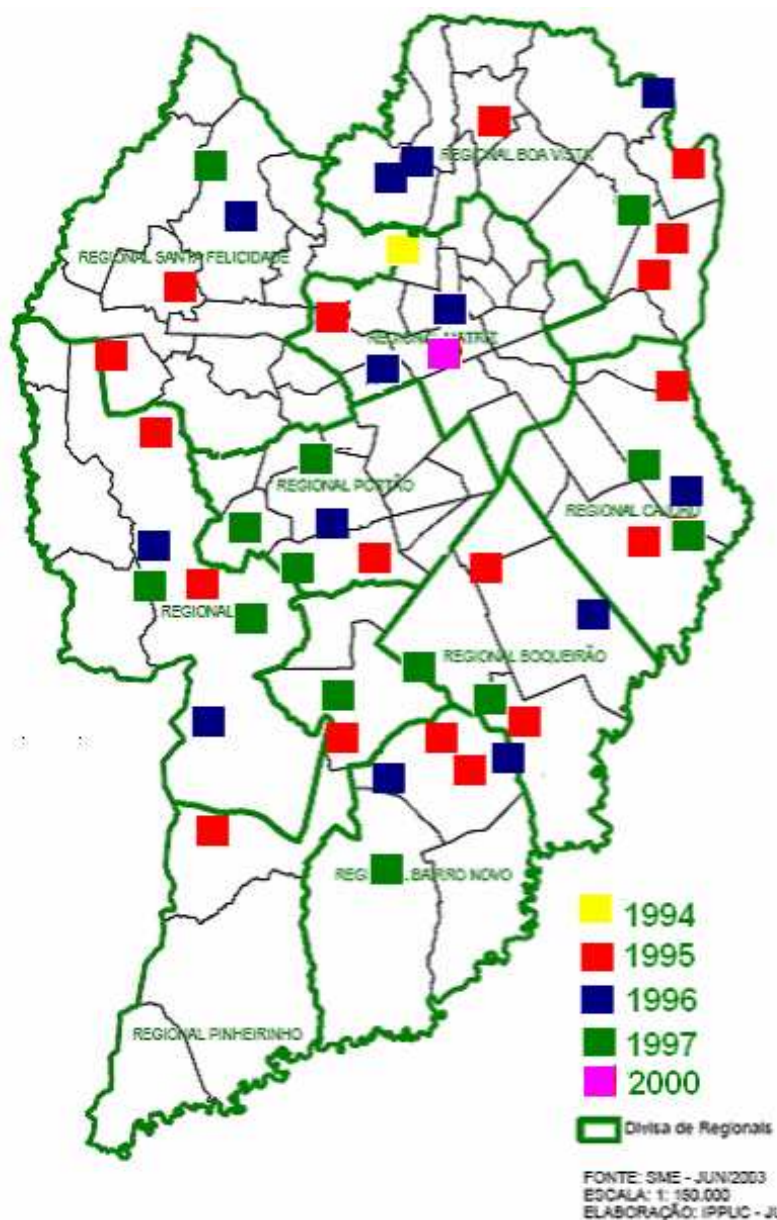


Figura 11 Cronologia de implantação dos Faróis do Saber em Curitiba

Fonte: Ippuc (2005) – adaptado pela autora

Mais de dez anos depois da implantação do último Farol do Saber a população ainda lamenta a descontinuidade do projeto. I. De acordo com dados do serviço 156²⁸ da Prefeitura Municipal de Curitiba (ICI, 2007), nos últimos 3 anos mais de 25 ligações recebidas pediam a implantação de novos Faróis do Saber, além das inúmeras solicitações de manutenção destes equipamentos urbanos.

Sendo assim, considera-se que, acima de qualquer postura política, é fundamental que a fragmentação e a falta de continuidade das políticas públicas e ações que vêm dando certo deixem de ser regra em função de mudança de gestão, como foi o caso dos Faróis do Saber.

Os Faróis do Saber de Curitiba foram inspirados no Farol de Alexandria, que servia para sinalizar a metrópole egípcia em que foi construída a primeira biblioteca do mundo antigo. Esta cidade representou um importante centro de cultura e da economia, aproximando povos e “iluminando a Antiguidade com a luz do conhecimento” (MACUCO e BRUZAMOLIN, 1994).

McLuhan (2001, p. 116) trata da idealização da biblioteca de Alexandria. Para ele:

Com a escrita alfabética ocorreram várias alterações no comportamento das pessoas. Nos templos os sacerdotes estavam mais voltados para registrar fatos do passado do que para a conquista militar que estava ocorrendo. Aí surge o choque entre os sacerdotes que monopolizavam o conhecimento e aqueles que desejavam aplicá-lo a novas conquistas. Foi este tipo de rivalidade que inspirou Ptolomeu II a fundar a grande biblioteca de Alexandria, como centro do poder imperial. A biblioteca servia à organização política do império num sentido que não poderia interessar aos sacerdotes.

²⁸ A Central de Atendimento e Informações 156 é um canal aberto à população que tem por objetivo viabilizar um sistema de comunicação ágil e eficiente entre o cidadão e a Prefeitura de Curitiba, permitindo o atendimento da demanda de informações e solicitações da população. Segundo a Prefeitura Municipal de Curitiba todo e qualquer cidadão pode fazer uso da Central 156 (ICI, 2007).

Na vida real e no imaginário das pessoas o farol representa um sinal de luz visível à distância, um guia, ou *lugar* de apoio em terra firme para acolher as tripulações dos navios. O projeto dos Faróis do Saber fundamentou-se nesta simbologia, evidenciando a preocupação dos planejadores urbanos da cidade com a inovação e com a identidade do *lugar*, o que se reflete nos símbolos e na arquitetura dos Faróis.



Figura 12 Farol do Saber José de Alencar – Bairro Pinheirinho

Fonte: Fotografia tirada pela autora.

A forma arquitetônica do prédio (Figura 12) também está baseada na simbologia anteriormente descrita. A construção de 88 m², com uma torre de dez metros, tem dois pavimentos. O piso térreo tem duas entradas (uma para os estudantes da escola ao lado da qual o Farol está localizado e outra para a comunidade em geral). Neste piso ficam instaladas as bancadas para os funcionários, as estantes de livros, os fichários, as mesas para consulta, um computador, um banheiro e uma mini-cozinha. Por uma escada em espiral instalada na torre chega-se ao segundo piso, o mezanino²⁹, onde estão os computadores para acesso à Internet, mesas de apoio e uma mesa para o estagiário.

Do mezanino é possível chegar à torre do Farol do Saber, uma abóbada metálica com sacada em toda a sua volta. A estrutura foi concebida com estas características, pois, de acordo com o projeto original, este local serviria de posto para a guarda municipal, que "cuidaria do bairro". Atualmente não há guardas nos Faróis e o espaço a eles destinado serve de depósito, na maioria dos Faróis do Saber. No cume desta abóbada está posicionado um galo de metal, que, adicionalmente ao próprio Farol, tem o significado de "despertar para a leitura".

A grande maioria dos Faróis do Saber (quarenta e um) possui a estrutura acima descrita, que, com estas características únicas, foi se tornando aos poucos mais um símbolo da cidade. Quatro deles, contudo, foram projetados de forma diferente, embora não menos simbólica que os demais: os Faróis Gibran Khalil, Rua 24 Horas, Farol da Cidade e o do Bosque do Alemão. Por fim, dois Faróis do Saber não possuem características físicas e simbólicas marcantes que os

²⁹ No projeto inicial de implantação, este espaço estava destinado à leitura e às atividades literárias. Somente a partir de 2000 este espaço foi destinado ao uso de computadores.

destaquem, já que estão alocados dentro de salas de dois CAICs³⁰ instalados na cidade.

O primeiro Farol foi instalado em novembro de 1994. No ano seguinte, 1995, ocorreu a primeira fase de implantação em massa, quando doze Faróis do Saber foram inaugurados, onze deles seguindo o projeto padrão dos Faróis e um com concepção diferente dos demais, o Farol da Cidade (Figura 13).

Em um primeiro momento, pode-se pensar que este Farol é diferente somente porque é maior que os demais. Porém, o objetivo dele também é distinto. Já naquela época a idéia era proporcionar, no Farol da Cidade, um espaço para o uso de computadores e novas tecnologias (JUSTEN e KUCHARSKI, 1995, p. 3).

[...] assim o Farol da Cidade se propõe a reunir, em um pólo disseminador de informações, o maior número de dados sobre a cidade para pesquisa intercâmbio entre interessados, especialistas e administradores, no âmbito estadual, nacional e internacional.

O acervo desse Farol foi organizado de forma a contemplar temas técnicos referentes à administração das cidades, projetos urbanos, arquitetura e urbanismo, ocupação e uso do solo, documentos históricos e documentos que mostram as soluções encontradas por Curitiba e por outros centros urbanos empenhados na melhoria das condições de vida de seus cidadãos. O Farol da Cidade também possui aparelhos de TV, videocassete e DVD, além dos computadores para acesso à Internet.

O Farol da Cidade pretende utilizar os recursos da informática e das telecomunicações para promover aproximações e intercâmbios significativos, objetivando o progresso, a qualidade de vida e a paz no mundo (JUSTEN e KUCHARSKI, 1995, p. 3).

30 Centros Integrados de Atenção à Criança e ao Adolescente, criados pelo Governo Federal na década de 1990, que previam o atendimento em creche, pré-escola e ensino fundamental; saúde e cuidados básicos; convivência comunitária e desportiva.



Figura 13 Farol da Cidade

Fonte: Fotografia tirada pela autora.

No ano de 1996 mais dezenove Faróis do Saber foram construídos, um alocado em duas salas da Biblioteca Victor Hugo Waldomiro Bileski, no CAIC Guilherme L. Braga Sobrinho, no Sítio Cercado, e um outro Farol, no local onde já funcionava, desde 1979, a Biblioteca Infantil da Fundação Cultural de Curitiba, na Praça da Espanha. Além do Farol instalado no CAIC, dentre os Faróis construídos em 1996, outros dois Faróis possuem estrutura diferente do padrão. O Farol do Bosque Alemão, localizado dentro de um dos parques da cidade, é uma pequena casa inspirada na história infantil de João e Maria, conhecida como Casa da Bruxa. Este Farol oferece à população atividades literárias, principalmente infanto-juvenis como a "hora do conto", quando professoras vestidas de bruxa contam histórias para as crianças da comunidade. O Farol do

Bosque do Alemão é o único que não disponibiliza computadores com acesso à Internet à população.

O outro Farol que foge ao padrão é o Gibran Khalil (Figura 14), também conhecido como Memorial Árabe, que está localizado em uma praça no centro da cidade. Este Farol é, na visão dos seus idealizadores, um "símbolo de paz entre os homens" e faz uma homenagem ao grande poeta libanês que dá o nome ao prédio. A construção foi inspirada na arquitetura árabe e apresenta uma enorme parede de vitral e escadas de mármore, o que o transformou também em ponto turístico da cidade. Além de acervo de livros compatível com o existente em outros Faróis, o Gibran Khalil abriga livros de escritores árabes doados pela comunidade árabe, que utiliza este espaço para divulgar e colocar ao alcance de outros povos a sua cultura e tradição. Por estar localizado na região central e próximo a vários pontos de ônibus, este Farol atrai usuários de várias partes da cidade e também da região metropolitana, que aproveitam a hora de almoço ou a saída do trabalho para utilizar os serviços nele proporcionados (internet e biblioteca). Também utilizam este Farol os alunos do Colégio Estadual do Paraná e moradores da Casa do Estudante Universitário, que se localizam nas proximidades. Segundo dados do ICI (2006) este é o segundo Farol no ranking de acessos, 2646/mês, ficando atrás somente do Farol da Rua 24 horas, que é o Farol mais utilizado da cidade, com uma média de 8770 acessos/mês em 2004.

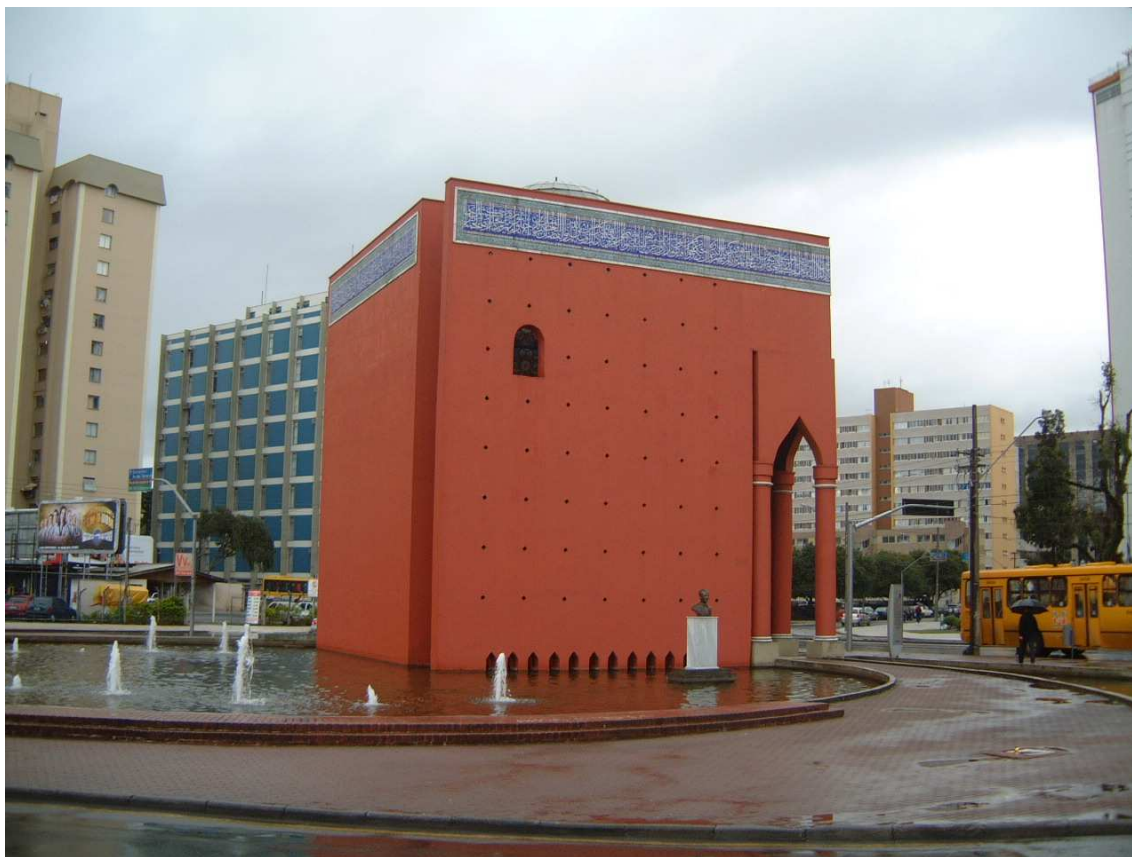


Figura 14 Farol do Saber Gibran Khalil

Fonte: Fotografia tirada pela autora

Na última etapa de implantação dos Faróis do Saber, em 1997, mais treze unidades foram construídas e uma alocada na Biblioteca do CAIC Cândido Portinari, no bairro CIC.

Em 2000, a sede do programa Digitando o Futuro foi instalada na Rua 24 horas, criando assim o 47º Farol do Saber de Curitiba. O Farol da Rua 24 horas (ver Figura 15) possui estrutura física diferente da padrão. Este ponto de acesso fica localizado no centro da cidade, em uma rua coberta que foi concebida para funcionar 24 horas. Ele contém 16 computadores, que ficam no mezanino de uma loja. Na parte inferior ficam as atendentes e computadores para pessoas com necessidades especiais. No início, o horário de atendimento era de 24 horas por

dia. Com a decadência da Rua 24 Horas e as questões de segurança que se seguiram houve a necessidade de uma reavaliação do horário de funcionamento. Atualmente é possível utilizar o Farol das 7h00 até as 00h00.



Figura 15 Farol do Saber da Rua 24 Horas

Fonte: Fotografia tirada pela autora

Observa-se uma característica única nestes quatro Faróis descritos acima, Farol da Cidade, Gibran Khalil, Bosque Alemão e Rua 24 Horas: além de servirem à população, também foram projetados para ser pontos turísticos, símbolos da cidade. Rechia (2003, p.61) destaca:

A estratégia urbanística é a de agregar paisagens naturais, modelos arquitetônicos modernos e projetos culturais em diversos espaços públicos como marca da cidade. Observa-se uma certa coerência de linguagem arquitetônica nos ambientes criados ou preservados, constituindo-se em premissa básica para o alcance da unidade de significados necessária à imagem sintética da "cidade que deu certo".

Ainda na visão de Rechia (2003 p. 59) cidades como Curitiba e São Paulo, entre outras, "devem ser cúmplices da explicitação de marcas ou símbolos do *lugar* ocupado ou buscado, numa ânsia de particularidade que as distinga e que congregue habitantes e turistas, cada vez mais presentes em seu cotidiano". É uma idéia semelhante à que parece nortear o trabalho de arquitetos e planejadores que, mais do que nunca, têm concentrado esforços em proporcionar às cidades uma identidade que as torne únicas.

Sendo assim, o sucesso dos Faróis do Saber, considerando a sua apropriação pela população e a sua projeção simbólica, fez com que os planejadores buscassem novos serviços que pudessem ser ofertados naqueles equipamentos urbanos, procurando aumentar ainda mais a identificação da população com o *lugar* Farol do Saber e a apropriação dos serviços lá oferecidos. Desta forma, os Faróis do Saber podem ser considerados como mais um "produto" urbano lançado em Curitiba.

3.4 O NÃO-LUGAR FAROL DO SABER

Seguindo a estratégia de ampliar a identificação e a apropriação dos Faróis do Saber foi lançado, em 10 de junho de 2000, o projeto da Rede de Internet Pública de Curitiba, na gestão do então prefeito Cássio Taniguchi. Este foi o primeiro sistema público de acesso gratuito à Internet no Brasil. Batizado de Rede Digitando o Futuro, visava dar oportunidade para que as pessoas pudessem ter acesso à Internet e, principalmente, à informação e à cidadania.

Para a execução e manutenção da rede um novo órgão foi criado, o Instituto Curitiba de Informática (ICI). A meta inicial era garantir acesso à Internet e e-mail grátis para 95 mil pessoas, em 48 pontos da cidade. 432 computadores, 48 impressoras e 48 scanners estavam instalados, à época, nos Faróis do Saber e Ruas da Cidadania³¹. Havia também uma preocupação com as pessoas que não tinham intimidade com o computador e nem com a Internet. Para auxiliar estas pessoas e transformá-las em usuárias, dando suporte permanente ao público, o ICI treinou 104 estagiários ou estudantes de informática de nível médio.

Junto com a Rede Digitando o Futuro o ICI criou um portal (no endereço <http://www.curitiba.org.br> ou <http://www.digitandoofuturo.org.br>), que permitia ao usuário criar uma conta de e-mail grátis e ter acesso a um sistema de busca de *sites*, *chats*, enquetes, agências de notícia, cartões postais e aos principais serviços da Prefeitura de Curitiba e dos governos do Estado e Federal. Em 2001 a Prefeitura Municipal de Curitiba oferecia mais de 27 serviços à população em sua página eletrônica.

A população curitibana demonstrou, já no primeiro mês, grande aceitação ao projeto. Aproximadamente 20 mil pessoas procuraram os terminais públicos de acesso à Internet naquele período. A apropriação do serviço de Internet foi aumentando e o auge do seu funcionamento ocorreu em 2004, quando foram agendados mais de 80 mil horários por mês. O número de e-mails cadastrados nesta mesma época era de 150 mil, com uma média de inclusão de 150 novos usuários por dia. O total de usuários cadastrados em 2004, após três anos de programa, era de mais de 220 mil (ICI, 2006). Comparando com o programa Telecentros de São Paulo pode-se dizer que este número é muito significativo,

³¹ São as filiais da prefeitura nos bairros, em que são disponibilizados à população local os principais serviços públicos estaduais e municipais (água, luz e telefone), bancos e comércio, além de espaço para prática de esportes e atividades culturais e de lazer.

pois em São Paulo, no mesmo período, o número de usuários chegou a 500 mil (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2004). Em Curitiba três em cada vinte habitantes eram usuários do Farol do Saber. Em São Paulo a proporção era de um em vinte habitantes utilizando os Telecentros naquele ano³².

Outra inovação que visava ampliar a possibilidade de utilização do serviço de acesso à Internet pela população era um serviço móvel, chamado de Inter Clique. Nos dias de semana um ônibus percorria os bairros e praças. Nos finais de semana, percorria os parques e/ou eventos que estavam ocorrendo na cidade. Após operar por algum tempo com grande aceitação pela população este serviço foi desativado em função do não interesse por parte da nova gestão municipal. Mais uma vez a vontade política prevaleceu, ocorrendo a descontinuidade de um projeto que beneficiava a população. De acordo com dados do ICI (2006), em junho de 2004 o ônibus móvel teve 2696 acessos, sendo este número praticamente igual ao do Farol Gibran Khalil, o segundo Farol no ranking de acessos, que teve no mesmo período 2646 acessos.

O Digitando o Futuro funcionou de acordo com sua concepção inicial até o início de 2005, quando ocorreu a troca de prefeito, assumindo Beto Richa em substituição a Cássio Taniguchi. Em 2005 e em 2006 até o mês de setembro o programa continuou a existir, porém a qualidade do serviço piorou, já que nenhuma melhoria ou investimento foi realizado durante este período no programa. Até os cursos que eram ofertados freqüentemente foram suspensos e a manutenção de equipamentos não era realizada com a mesma agilidade, deixando muitas vezes a população sem o serviço de Internet pública.

³² Considerando-se a população estimada pelo IBGE para 2004 como sendo 1.727.010 habitantes para Curitiba e 10.838.581 habitantes para São Paulo.

Um exemplo desta situação foi presenciado no Farol do Saber Dona Pompília na regional do Bairro Novo, que tinha em 2004 uma média de 2423 acessos por mês³³.



Figura 16 Aviso na porta do Farol Dona Pompília, onde em função da falta do serviço de Internet, 100 pessoas ficavam sem Internet a cada dia.

Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Na atual gestão o programa está sendo reformulado, visando aperfeiçoar os serviços e melhorar a infra-estrutura necessária para a conexão de Internet, com a instalação de uma rede de fibra ótica na cidade. Até o final da nova gestão

³³ Para efeito de comparação o Farol Gibran Khalil, segundo no ranking dos Faróis, tinha uma média de 2646 acessos por mês em 2004.

a promessa é que o novo projeto, Cidade do Conhecimento³⁴, amplie o número de pontos de acesso e modernize os equipamentos de modo a garantir maior inclusão dos cidadãos curitibanos no mundo digital e a sua participação na “cibercultura”.

Criam-se *lugares* como os Faróis do Saber, porém, ao se apropriar e utilizar o serviço de acesso à Internet, as pessoas acabam utilizando aquele espaço apenas como um meio para atingir outro objetivo, que é acessar a rede mundial de computadores. Desta forma, os Faróis do Saber tornam-se também *não-lugares*: o mezanino, lugar onde os computadores estão disponíveis à população, é uma sala que serve de apoio para que os usuários se conectem à Internet e fiquem, por um período máximo de uma hora diária, mergulhados no ciberespaço e alienados do espaço físico onde estão inseridos.

3.5 O NÃO-LUGAR VIRTUAL A PARTIR DO FAROL DO SABER

Embora fisicamente presentes no *não-lugar* Farol do Saber, os usuários do serviço de Internet utilizam aquele espaço como um meio para acessar outro espaço, virtual, que é o ciberespaço. Por isso, pode-se dizer que, a partir de um “*não-lugar* físico” chegam a um “*não-lugar* virtual”.

Ao entrar no ciberespaço, independentemente de onde estejam fisicamente, os usuários podem executar inúmeras atividades que só são

³⁴ Em novembro de 2006, foi realizada uma entrevista com a jornalista Glaci Ito, do IPPUC, que explicou sobre o novo projeto a ser implantado pela Prefeitura Municipal de Curitiba, em substituição ao Digitando o Futuro. O novo programa já está em funcionamento e se chama Cidade do Conhecimento. A idéia é espalhar pela cidade uma rede de fibra ótica que possibilite inúmeros pontos de acesso ao serviço de Internet, além dos já existentes nos Faróis do Saber, Ruas da Cidadania e escolas municipais. A prefeitura prevê a realização de parcerias com estabelecimentos privados para a fixação de terminais públicos de acesso à Internet. Quanto à reestruturação da infra-estrutura física dos Faróis do Saber e dos computadores, que estão sucateados, Glaci Ito informou que o novo projeto prevê reequipar estes equipamentos urbanos, porém esta ação não é prioritária no curto prazo.

possíveis por meio da Internet. Neste sentido as idéias de Lévy (1999) servem para reforçar o papel do ciberespaço como nova forma de comunicação, que emerge da interconexão mundial de computadores. Servem também para resgatar o sentido do termo, que não especifica somente a infra-estrutura física da comunicação mediada por computador, mas também o universo que ela engloba, da mesma maneira como os seres humanos que navegam e que alimentam esse universo, esse *não-lugar* virtual.

Após estes dois capítulos teóricos pode-se dizer que já se têm os dois elementos que respaldam a relação dialética *lugar/não-lugar*, nos Faróis do Saber.

Antes, porém, de se realizar uma análise mais aprofundada da relação dialética *lugar/não-lugar* no Farol do Saber, à luz da teoria apresentada, serão apresentados os dados coletados na pesquisa de campo e realizada uma análise preliminar da apropriação do serviço de acesso à Internet pelos usuários dos Faróis do Saber, baseada nas seis subcategorias de análise propostas para este estudo (vide próximo capítulo).

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Ao se organizar dados brutos coletados em campo, com determinados objetivos em mente e a partir de uma abordagem cognitiva característica do pesquisador, não é mais possível reclamar a isenção e o distanciamento tão desejados pelos pesquisadores positivistas. A lógica subjacente à elaboração de tabelas e gráficos afeta os resultados obtidos e deve ser considerada ao se desenvolver e analisar estudos quantitativos.

Feitas estas considerações iniciais sobre a limitação do método, passa-se a apresentar os dados coletados e uma análise preliminar sobre o que eles revelam.

Como um dos objetivos específicos deste estudo envolvia a identificação da eventual existência de diferentes padrões de apropriação do serviço de Internet nas nove regionais da cidade de Curitiba, a apresentação dos dados e a análise preliminar envolverão, na maioria dos casos, a sua discriminação por regional.

4.1 PERFIL SÓCIO-EDUCACIONAL DOS FREQUENTADORES DOS FARÓIS DO SABER

A primeira subcategoria de análise definida para o estudo referia-se ao perfil sócio-educacional dos frequentadores dos Faróis do Saber. Com relação a esta subcategoria foram coletados dados sobre idade, sexo, bairro de moradia, código postal, profissão, renda familiar e escolaridade.

A amostra de 524 usuários dos Faróis do Saber que responderam ao questionário de pesquisa revelou que se trata de um público jovem. Como se pode observar na Figura 17 mais de 65% dos respondentes são crianças ou

adolescentes. A única regional que destoou do padrão geral foi a Matriz, em que não havia nenhuma criança nos Faróis durante as visitas e onde o número de adultos jovens superou o de adolescentes.

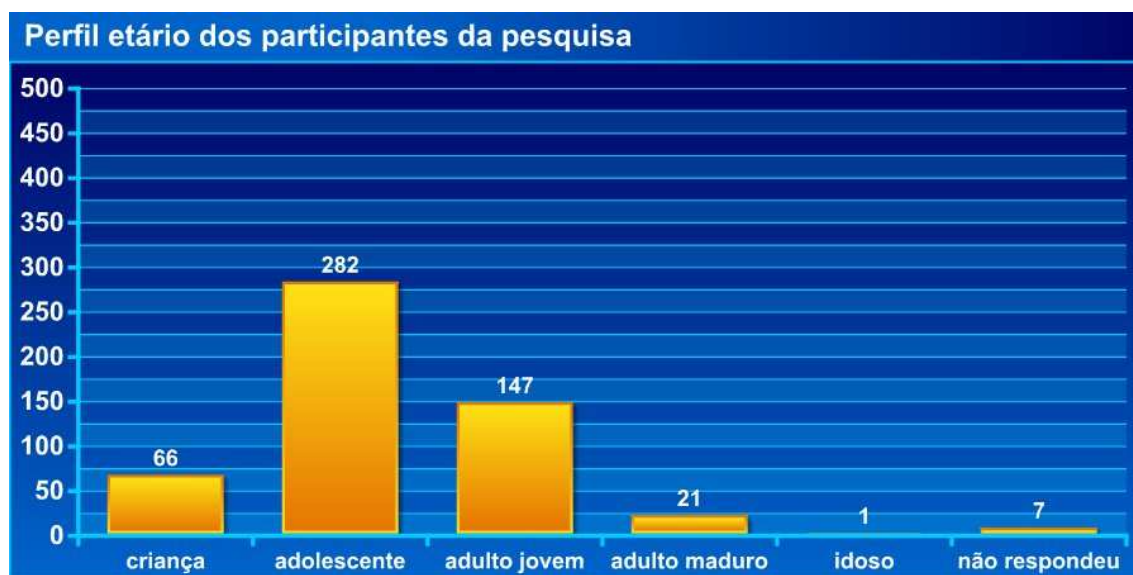


Figura 17 Perfil etário dos usuários dos Faróis do Saber³⁵

Fonte: gráfico elaborado pelo autor.

A juventude dos usuários dos Faróis do Saber não surpreende, haja vista que, embora estejam abertos para toda a comunidade, 35 dos 45 Faróis em que foi realizada a pesquisa são ligados a escolas da prefeitura (de ensino fundamental). Além disso, uma pesquisa realizada pelo IBGE (2005) mostrou que a utilização da Internet no Brasil está concentrada nos grupos etários mais jovens: entre as pessoas de 15 a 17 anos de idade, 34% acessam a *web*. O

³⁵ Foram utilizados critérios do Estatuto da Criança e do Adolescente e da Organização Mundial da Saúde para a determinação dos seguintes limites para as categorias apresentadas no gráfico: criança: idade inferior a 12 anos; adolescente: idade inferior a 18 anos; adulto jovem: idade inferior a 40 anos; adulto maduro: idade inferior a 60 anos; idoso: idade superior a 60 anos.

segundo grupo etário que mais usa a Internet é o de 10 a 14 anos, para o qual a taxa de acesso é de 25%.

As mulheres freqüentam mais os Faróis do Saber que os homens, como mostra a Tabela 1, a seguir. Com exceção dos Faróis das regionais Boa Vista e Pinheirinho, em que usuários do sexo masculino estão em maior número, em todas as demais regionais o fluxo de mulheres, nos dias em que foi realizada a pesquisa, foi superior ao de homens, a ponto de elas representarem quase 60% do total de usuários. Em uma primeira análise estes resultados parecem contradizer outras pesquisas mais amplas. O IBGE (2005) afirma que 22,0% dos homens brasileiros acessam a Internet, enquanto, entre as mulheres, a porcentagem é de 20,2%. Os próprios dados do IBGE, contudo, mostram que, embora as mulheres em geral acessem menos a Internet, elas apresentam taxas de utilização maior quando se faz uma estratificação em função da idade: são em número maior que os homens nas faixas etárias mais jovens (isto acontece para todas as faixas até 25 anos, no estudo do IBGE).

Tabela 1 Gênero dos usuários dos Faróis do Saber

Regional	sexo feminino	sexo masculino	não respondeu
Bairro Novo	63,8%	34,5%	1,7%
Boa Vista	47,3%	51,6%	1,1%
Boqueirão	68,1%	31,9%	0,0%
Cajuru	78,7%	21,3%	0,0%
CIC	60,9%	37,5%	1,6%
Matriz	51,4%	48,6%	0,0%
Pinheirinho	43,8%	56,3%	0,0%
Portão	52,5%	45,8%	1,7%
Santa Felicidade	57,9%	38,6%	3,5%
Total	58,0%	40,6%	1,1%

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Ao ser questionados sobre sua profissão, 61,8% dos usuários dos Faróis do Saber que responderam à pesquisa declararam ser estudantes.. Este dado

também corrobora o padrão brasileiro evidenciado na pesquisa do IBGE (2005), a qual registrou que 35,9% dos estudantes acessam a Internet, algo que só acontece com 16,0% dos outros habitantes do país.

Tabela 2 Porcentagem de estudantes entre os usuários dos Faróis do Saber

Regional	% estudantes
Bairro Novo	65,5%
Boa Vista	67,7%
Boqueirão	61,7%
Cajuru	65,6%
CIC	72,0%
Matriz	40,5%
Pinheirinho	45,8%
Portão	67,8%
Santa Felicidade	54,4%
Total	61,8%

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Como se pode perceber analisando-se a Tabela 2 as regionais Matriz e Pinheirinho são as únicas em que os profissionais superam os estudantes no uso do serviço de acesso à Internet.

Com relação à renda familiar, mais de 50% dos usuários do serviço de acesso à Internet nos Faróis do Saber que responderam à pesquisa vêm de famílias com renda inferior a três salários mínimos, como pode ser observado na Tabela 3.

A regional Matriz apresentou um perfil diferenciado com relação à renda familiar. Nos Faróis instalados na área que está sob sua responsabilidade administrativa os participantes da pesquisa afirmaram ter salários mais elevados do que nos Faróis das outras regionais.

Tabela 3 Renda dos freqüentadores dos Faróis do Saber

Regional	< 1 sal. mínimo	< 3 sal. mínimos	< 9 sal. mínimos	> 9 sal. mínimos	não respondeu
Bairro Novo	20,7%	37,9%	20,7%	1,7%	19,0%
Boa Vista	17,2%	44,1%	21,5%	1,1%	16,1%
Boqueirão	6,4%	46,8%	23,4%	0,0%	23,4%
Cajuru	31,1%	45,9%	13,1%	0,0%	9,8%
CIC	12,5%	45,3%	26,6%	0,0%	15,6%
Matriz	8,1%	37,8%	43,2%	2,7%	8,1%
Pinheirinho	18,8%	39,6%	20,8%	0,0%	20,8%
Portão	18,6%	39,0%	25,4%	3,4%	13,6%
Santa Felicidade	17,5%	45,6%	15,8%	0,0%	21,1%
Total	17,2%	42,7%	22,5%	1,0%	16,4%

Fonte: tabela elaborada pela autora.

De acordo com o IDG Now (2006a), uma pesquisa do IBOPE mostrou que no Brasil seis milhões de pessoas utilizam a Internet a partir de locais públicos, pagos ou gratuitos. Deste total, 4,4 milhões de pessoas acessam a Internet de locais públicos pagos como *lan-houses* e cibercafés, nos quais gastam, em média, entre 15 e 20 reais por mês. Somente 1,6 milhão de pessoas acessa a *web* de locais gratuitos. Nos locais pagos, as classes A e B têm participação de 42%, contra 40% da classe C e 18% das classes D e E. Já nos locais gratuitos, a participação das classes A e B cai para 36%, enquanto aumenta a participação da classe C (42%) e das classes D e E (22%). Essas informações são parcialmente ratificadas pelos dados da renda familiar dos participantes da pesquisa nos Faróis do Saber de Curitiba, os quais deixam claro que os usuários desses equipamentos urbanos pertencem, em geral, às classes sociais menos abastadas (ver a 0).

4.2 PREFERÊNCIAS RELACIONADAS AO USO DO LUGAR FAROL DO SABER

A segunda subcategoria de análise definida para o estudo referia-se às preferências relacionadas ao uso do *lugar* Farol do Saber.

Diferentemente do que era esperado, constatou-se que o maior motivo da ida aos Faróis do Saber é acessar a Internet e não freqüentar a biblioteca, principal serviço oferecido no local anteriormente. Fazer trabalhos escolares, estudar e ler foram indicados por muitos como motivos para freqüentar esse *lugar*, mas nenhum destes motivos demonstrou ser tão significativo quanto o uso da Internet (ver a Tabela 4). No caso dos Faróis do Saber da regional Matriz este motivo foi indicado por 100% dos usuários e em nenhuma das outras regionais, com exceção do Pinheirinho, foi inferior a 80%.

Tabela 4 Motivos para ir aos Faróis do Saber

Regional	acessar a Internet	trabalhos escolares	estudar	ler	encontrar amigos	outro
Bairro Novo	86,2%	62,1%	37,9%	24,1%	17,2%	3,4%
Boa Vista	83,9%	58,1%	30,1%	20,4%	10,8%	1,1%
Boqueirão	85,1%	42,6%	21,3%	23,4%	8,5%	0,0%
Cajuru	93,4%	54,1%	34,4%	27,9%	4,9%	6,6%
CIC	87,5%	56,3%	31,3%	20,3%	7,8%	1,6%
Matriz	100,0%	35,1%	27,0%	24,3%	2,7%	8,1%
Pinheirinho	66,7%	39,6%	39,6%	31,3%	4,2%	4,2%
Portão	84,7%	54,2%	28,8%	33,9%	16,9%	1,7%
Santa Felicidade	82,5%	47,4%	33,3%	31,6%	8,8%	1,8%
Total	85,3%	51,5%	31,7%	26,0%	10,1%	2,9%

Fonte: tabela elaborada pela autora.

O motivo que demonstrou ser o menos significativo dentre os explicitados na questão foi encontrar amigos, também evidenciado na Tabela 4. No geral, apenas um em cada dez participantes da pesquisa afirmou que se desloca a um Farol do Saber com este objetivo em mente. Nos Faróis da regional Matriz, a proporção de usuários que consideram o local um ponto de encontro de amigos foi a menor, somente 2,7%.

Na grande maioria dos casos o deslocamento até o Farol do Saber se dá a pé (ver a Tabela 5). Em algumas regionais, a bicicleta e o carro apresentam alguma expressão como meio de transporte, jamais superando, porém, o limite de 10% dos casos. O ônibus é significativo apenas no caso dos Faróis da Regional Matriz, espe-

cialmente o da Rua 24 Horas e o Farol Gibran Khalil, em que representa cerca de 35% dos deslocamentos.

Tabela 5 Forma de deslocamento até o Farol do Saber

Regional	a pé	ônibus	bicicleta	carro	combinação*
Bairro Novo	79,3%	0,0%	8,6%	5,2%	6,9%
Boa Vista	89,2%	2,2%	3,2%	0,0%	5,4%
Boqueirão	83,0%	2,1%	4,3%	0,0%	10,6%
Cajuru	86,9%	0,0%	4,9%	1,6%	6,6%
CIC	93,8%	1,6%	1,6%	0,0%	3,1%
Matriz	56,8%	35,1%	0,0%	0,0%	8,1%
Pinheirinho	87,5%	0,0%	6,3%	4,2%	2,1%
Portão	83,1%	3,4%	1,7%	6,8%	5,1%
Santa Felicidade	66,7%	8,8%	7,0%	5,3%	12,3%
Total	82,3%	4,6%	4,2%	2,5%	6,5%

* a coluna combinação agrega os respondentes que afirmaram utilizar, alternativamente, mais de um meio de transporte ou não responderam à questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Para a maior parte dos freqüentadores dos Faróis do Saber (63,9%) as condições climáticas não interferem na sua intenção de visitar esses equipamentos urbanos. Outros 31,3% preferem ir ao Farol em dias de sol. Apenas uma pequena fração (2,7%) dos participantes da pesquisa prioriza os dias de chuva para ir ao Farol, como pode ser visto na Tabela 6.

Tabela 6 Preferências climáticas para a visita ao Farol do Saber

Regional	chuva	sol	tanto faz	não respondeu
Bairro Novo	0,0%	36,2%	62,1%	1,7%
Boa Vista	3,2%	32,3%	64,5%	0,0%
Boqueirão	2,1%	40,4%	53,2%	4,3%
Cajuru	0,0%	31,1%	68,9%	0,0%
CIC	3,1%	26,6%	67,2%	3,1%
Matriz	2,7%	13,5%	81,1%	2,7%
Pinheirinho	6,3%	20,8%	70,8%	2,1%
Portão	1,7%	37,3%	57,6%	3,4%
Santa Felicidade	5,3%	36,8%	54,4%	3,5%
Total	2,7%	31,3%	63,9%	1,7%

Fonte: tabela elaborada pela autora.

4.3 PREFERÊNCIAS RELACIONADAS AO USO DA INTERNET NO FAROL DO SABER

A terceira subcategoria de análise definida para o estudo referia-se à frequência de uso da Internet no Farol do Saber.

Com exceção da regional do Boqueirão, que apresentou taxa ligeiramente inferior, em todas as demais regionais pelo menos 70% dos respondentes se dirigem ao Farol do Saber para acessar a Internet pelo menos uma vez por semana, como pode ser visto na Tabela 7.

Tabela 7 Frequência de visita ao Farol do Saber

Regional	quase todo dia	ao menos uma vez por semana	ao menos uma vez por mês	menos de uma vez por mês	não respondeu
Bairro Novo	31,0%	43,1%	13,8%	12,1%	0,0%
Boa Vista	43,0%	35,5%	14,0%	7,5%	0,0%
Boqueirão	40,4%	25,5%	23,4%	8,5%	2,1%
Cajuru	41,0%	41,0%	9,8%	8,2%	0,0%
CIC	56,3%	31,3%	7,8%	3,1%	1,6%
Matriz	45,9%	37,8%	8,1%	8,1%	0,0%
Pinheirinho	37,5%	35,4%	16,7%	10,4%	0,0%
Portão	32,2%	47,5%	15,3%	3,4%	1,7%
Santa Felicidade	43,9%	29,8%	10,5%	12,3%	3,5%
Total	41,4%	36,5%	13,2%	8,0%	1,0%

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Conforme constatado anteriormente, por meio de relatórios de horário de frequência disponibilizados pelo ICI (2006), o período da tarde é o mais popular entre os usuários dos Faróis do Saber. A Tabela 8 apresenta os dados, discriminados por regional. Apesar de, como já foi mencionado, tratar-se de um público jovem (estudantes em sua maioria), o que poderia ter grande influência sobre os horários de visita aos Faróis a discriminação da amostra em função da idade não demonstrou diferenças significativas entre as faixas etárias. A maior parte dos adultos maduros e dos idosos pesquisados também prefere ir ao Farol à tarde.

Tabela 8 Período do dia em que os usuários utilizam o Farol do Saber

Regional	manhã	tarde	noite
Bairro Novo	31,0%	72,4%	0,0%
Boa Vista	11,8%	77,4%	14,0%
Boqueirão	6,4%	91,5%	4,3%
Cajuru	36,1%	72,1%	9,8%
CIC	14,1%	85,9%	4,7%
Matriz	35,1%	83,8%	24,3%
Pinheirinho	25,0%	50,0%	10,4%
Portão	16,9%	81,4%	13,6%
Santa Felicidade	26,3%	77,2%	8,8%
Total*	21,6%	76,9%	9,7%

* As frequências não somam 100% para os três turnos porque alguns usuários freqüentam o lugar em mais de um período do dia.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

As respostas à pergunta do questionário sobre se o usuário já sabia usar o computador antes de começar a acessar a Internet nos Faróis do Saber trouxe revelações interessantes. Cerca de 80% dos participantes da pesquisa responderam afirmativamente, sem grandes diferenças entre os freqüentadores das diversas regionais da cidade. Na regional Matriz, contudo, esta taxa sobe para quase 95%.

Tabela 9 Conhecimento prévio de informática

Regional	não sabia usar o computador	já sabia usar o computador
Bairro Novo	18,5%	81,5%
Boa Vista	15,6%	84,4%
Boqueirão	22,2%	77,8%
Cajuru	20,0%	80,0%
CIC	25,4%	74,6%
Matriz	5,6%	94,4%
Pinheirinho	33,3%	66,7%
Portão	21,1%	78,9%
Santa Felicidade	24,1%	75,9%
Total*	20,7%	79,1%

* Foram excluídos 21 registros referentes a participantes que não responderam essa questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

A principal alternativa à utilização do serviço de acesso à Internet nos Faróis do Saber, indicada pelos participantes da pesquisa, são as *lan-houses* ou cibercafés.

39% dos respondentes afirmaram que também utilizam esses serviços. Dentre os usuários dos Faróis da regional Matriz esta porcentagem é ainda mais elevada, chegando a quase 60%. O acesso a partir da própria casa ou da casa de amigos e parentes também tem expressão: mais de 20% dos participantes afirmam dispor de acesso à Internet em casa. O nível de utilização a partir do trabalho é baixo (apenas 6,3%, no geral), mas é importante lembrar que, na Tabela 10, não foram excluídos os usuários que apenas estudam, maioria dos participantes da pesquisa. Excluindo os estudantes sobe para 17,6% o número de respondentes que acessam a Internet a partir do trabalho, ainda assim uma porcentagem baixa. Levando-se em consideração o perfil de renda indicado na amostra (cerca de 60% afirmaram ter renda familiar inferior a três salários mínimos) pode-se apontar uma provável justificativa para a baixa taxa de utilização da Internet no local de trabalho – a de que as tarefas realizadas são menos qualificadas e, portanto, prescindem do uso do computador.

Tabela 10 Outros locais de acesso à Internet

Regional	lan-houses	casa amigos / parentes	própria casa	escola	trabalho	curso informática	outros	só do Farol
Bairro Novo	44,8%	24,1%	34,5%	29,3%	1,7%	0,0%	0,0%	13,8%
Boa Vista	40,9%	29,0%	17,2%	19,4%	7,5%	2,2%	1,1%	11,8%
Boqueirão	36,2%	27,7%	25,5%	10,6%	4,3%	2,1%	0,0%	27,7%
Cajuru	41,0%	13,1%	13,1%	6,6%	6,6%	6,6%	3,3%	27,9%
CIC	25,0%	21,9%	17,2%	20,3%	1,6%	3,1%	3,1%	29,7%
Matriz	59,5%	32,4%	27,0%	21,6%	5,4%	0,0%	2,7%	5,4%
Pinheirinho	37,5%	22,9%	10,4%	6,3%	14,6%	0,0%	0,0%	22,9%
Portão	37,3%	27,1%	30,5%	30,5%	5,1%	6,8%	0,0%	18,6%
Santa Felicidade	35,1%	36,8%	22,8%	14,0%	10,5%	0,0%	0,0%	12,3%
Total	38,9%	23,5%	21,6%	17,7%	6,3%	2,5%	1,1%	18,9%

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Como a Internet é um meio de comunicação, além da exposição aos mais variados conteúdos procurou-se identificar, por meio de uma pergunta específica, com quem os usuários trocam mensagens eletrônicas. As respostas para esta questão estão apresentadas na Tabela 11. Percebe-se, claramente, que a

Internet é utilizada para reforçar ou alterar a forma pela qual se mantém o contato com os amigos (67,7% dos usuários indicam este uso). Destaca-se a situação dos usuários da Matriz, que indicaram usar mais o e-mail para comunicação com os diversos grupos de interlocutores sugeridos na pesquisa do que os usuários das outras regionais, exceção apenas para a categoria “desconhecidos”.

Tabela 11 Destinatário de e-mails

Regional	amigos	colegas trabalho	desconhecidos	famílias	clientes e fornecedores	procurar emprego	outros
Bairro Novo	69,0%	5,2%	5,2%	31,0%	1,7%	3,4%	0,0%
Boa Vista	65,6%	7,5%	7,5%	34,4%	4,3%	2,2%	1,1%
Boqueirão	61,7%	4,3%	4,3%	23,4%	4,3%	4,3%	2,1%
Cajuru	67,2%	18,0%	6,6%	26,2%	0,0%	1,6%	1,6%
CIC	62,5%	7,8%	4,7%	26,6%	4,7%	0,0%	1,6%
Matriz	89,2%	32,4%	8,1%	51,4%	8,1%	2,7%	2,7%
Pinheirinho	66,7%	14,6%	8,3%	22,9%	6,3%	0,0%	0,0%
Portão	67,8%	6,8%	11,9%	44,1%	6,8%	0,0%	5,1%
Santa Felicidade	71,9%	10,5%	12,3%	26,3%	5,3%	0,0%	1,8%
Total	67,7%	10,9%	7,4%	31,5%	4,4%	1,5%	3,8%

Fonte: tabela elaborada pela autora.

4.4 IMPACTO DO USO DA INTERNET NO FAROL DO SABER SOBRE OUTROS LUGARES DA CIDADE

A quarta subcategoria de análise definida para o estudo referia-se ao impacto do uso da Internet no Farol do Saber sobre outros lugares da cidade.

17,4% dos participantes da pesquisa afirmaram que o uso do serviço de acesso à Internet reduziu a frequência com que se dirigem à casa de amigos. Essa sinalização é ambígua, contudo, porque justamente os usuários dos Faróis da Matriz, que utilizam o e-mail mais intensamente para contactar amigos (89,2%, de acordo com a Tabela 11) são os que afirmam que houve menos impacto na frequência de visita aos amigos (só 5,4% acreditam que isso aconteceu, conforme a Tabela 12). Identifica-se, também, alguma redução na frequência de visitas a bibliotecas e a

Ruas da Cidadania (15,1% e 12% dos participantes, respectivamente, acusaram isto). Para os demais locais sobre os quais foi realizado este questionamento, menos de 10% dos participantes indicaram redução de frequência de visita.

Tabela 12 Redução da frequência de visita a determinados lugares, em decorrência do uso do serviço de acesso à Internet nos Faróis do Saber

Regional*	Casa de amigos	Bibliotecas	Ruas da Cidadania	Escola	Praças	Shoppings	Bancos	Prefeitura	Lojas	Cinemas	Supermercados	Outros	Sem mudança
Bairro Novo	31,0	17,2	24,1	17,2	10,3	8,6	3,4	1,7	3,4	1,7	3,4	1,7	37,9
Boa Vista	21,5	15,1	8,6	3,2	6,5	6,5	5,4	4,3	2,2	6,5	3,2	2,2	58,1
Boqueirão	8,5	4,3	10,6	4,3	4,3	2,1	10,6	8,5	2,1	4,3	4,3	2,1	59,6
Cajuru	18,0	16,4	9,8	4,9	3,3	4,9	3,3	3,3	4,9	3,3	3,3	1,6	60,7
CIC	17,2	18,8	9,4	4,7	10,9	7,8	3,1	3,1	4,7	4,7	1,6	1,6	57,8
Matriz	5,4	16,2	10,8	0,0	13,5	5,4	5,4	5,4	2,7	0,0	0,0	0,0	70,3
Pinheirinho	22,9	8,3	14,6	4,2	2,1	6,3	6,3	8,3	8,3	4,2	6,3	0,0	50,0
Portão	15,3	22,0	8,5	15,3	1,7	8,5	8,5	5,1	5,1	3,4	3,4	3,4	50,8
Santa Felicidade	8,8	14,0	14,0	5,3	1,8	1,8	3,5	5,3	3,5	1,8	0,0	0,0	64,9
Total	17,4	15,1	12,0	6,7	5,9	5,9	5,3	4,8	4,0	3,6	2,9	1,5	56,3

* Valores em porcentagem (%).

Fonte: tabela elaborada pela autora.

4.5 ATIVIDADES QUE SÃO REALIZADAS POR MEIO DA INTERNET

A quinta subcategoria de análise definida para o estudo referia-se às atividades que são realizadas por meio da Internet.

As diversas tabelas que foram elaboradas para a análise dos dados relacionados a esta subcategoria encontram-se no Apêndice 5. Embora essas tabelas evidenciem, em alguns casos, comportamentos ligeiramente distintos entre os usuários dos Faróis do Saber das diversas regionais da cidade, neste item não se fará essa distinção por brevidade. As diferenças serão retomadas no capítulo 6, ao se tratar da apropriação que é feita do serviço pelos usuários. Por ora, optou-se por resumir os dados do Apêndice 6 na Tabela 13, para facilitar a discussão que é realizada a seguir.

Tabela 13 Freqüência de respostas *sempre* e *quase sempre* para as questões sobre o uso do computador para executar determinadas atividades

Atividade	sempre	quase sempre	sempre + quase sempre	número participantes
trocar mensagens por e-mail (ver a Tabela 15)	38,8%	12,3%	51,1%	503
realizar pesquisas (ver a Tabela 16)	34,5%	23,3%	57,8%	502
realizar trabalhos escolares (ver a Tabela 17)	27,5%	20,0%	47,5%	505
realizar outras atividades escolares (ver a Tabela 18)	16,4%	17,4%	33,8%	501
ler jornais <i>online</i> e <i>sites</i> de notícias (ver a Tabela 19)	13,9%	9,6%	23,5%	502
ler jornais <i>online</i> e <i>sites</i> de notícias (só adultos*) (ver a Tabela 20)	22,2%	14,6%	36,8%	158
conhecer pessoas e salas de bate-papo (ver a Tabela 21)	11,9%	6,3%	17,2%	504
jogar (ver a Tabela 22)	11,2%	6,8%	18,0%	498
pagar contas (só adultos*) (ver a Tabela 23)	3,2%	3,2%	6,4%	157
pesquisar preço de produtos (ver a Tabela 26)	5,2%	4,2%	9,4%	499
pesquisar preço de produtos (só adultos*) (ver a Tabela 27)	8,3%	4,5%	12,8%	157
fazer compras pela Internet (só adultos*) (ver a Tabela 28)	0,6%	2,5%	3,1%	161
obter informações em <i>sites</i> governamentais (só adultos*) (ver a Tabela 24)	11,6%	7,9%	19,5%	164
utilizar serviços virtuais de órgãos governamentais (só adultos*) (ver a Tabela 25)	8,1%	3,7%	11,8%	161
acompanhar ações do governo e do legislativo (só adultos*) (ver a Tabela 29)	4,9%	3,7%	8,6%	162
fazer reclamações e solicitações a órgãos governamentais (ver a Tabela 30)	5,6%	3,7%	9,3%	162
participar de cursos <i>online</i> (ver a Tabela 31)	1,6%	2,6%	4,2%	498
participar de cursos <i>online</i> (só adultos*) (ver a Tabela 32)	1,3%	3,2%	4,5%	158
disponibilizar currículo em <i>sites</i> de emprego (só adultos*) (ver a Tabela 33)	22,7%	14,7%	37,4%	163
procurar oportunidades de emprego (só adultos*) (ver a Tabela 34)	31,9%	12,3%	44,2%	163
inscrever-se para concursos e testes seletivos (só adultos*) (ver a Tabela 35)	23,6%	12,4%	36,0%	161

* Nestes casos foram eliminados os registros referentes a crianças e adolescentes e considerados apenas os dados dos usuários adultos.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

A análise dos números contidos na Tabela 13, acima, evidencia que a Internet é usada com maior intensidade para enviar e receber e-mails (51,1% dos participantes afirmaram fazer isso *sempre* ou *quase sempre*), fazer pesquisas (57,8%), trabalhos escolares (47,5%) e outras atividades ligadas à escola (33,8%). Ela também demonstra grande relevância para a busca por informações em jornais *online* (36,8%), o envio de currículos (37,4%), a busca por empregos (44,2%) e a inscrição em processos seletivos (36,0%), quando são desconsiderados os dados de crianças e adolescentes³⁶.

A utilização da Internet para pesquisas já havia sido apontada como uma das atividades preferidas dos usuários em uma pesquisa realizada pelo CGI (2006). Ela revelou que 65% das pessoas entrevistadas utilizavam a Internet para fins de pesquisa e educação. O CGI apurou ainda que o nível de utilização da Internet para fins educacionais e de treinamento é inversamente proporcional à idade do usuário, ou seja, quanto maior a idade, menor a frequência de uso para esses fins, mostrando, também naquele estudo que o uso da Internet é dependente da variável etária.

A opção pela participação em jogos e salas de bate-papo por meio da Internet apresenta intensidade moderada nos Faróis do Saber. O percentual do uso da Internet para a realização dessas atividades (18,0% e 17,2% dos usuários afirmaram realizá-las *sempre* ou *quase sempre*, respectivamente) só não foi mais elevado, porém, porque as regras para a utilização de *sites* e serviços que se destinam a esta finalidade não estavam muito claras para os usuários à época em que foi conduzida a pesquisa de campo. Em alguns Faróis o uso era liberado e

³⁶ Dentre essas atividades para as quais foi realizada a exclusão dos registros de crianças e adolescentes, a única que já apresentava grau razoável de significância era a leitura de jornais *online* e *sites* de notícias que, antes da discriminação, já apresentava um elevado nível de utilização: 23,5% dos usuários que participaram da pesquisa afirmaram realizar essa atividade *sempre* ou *quase sempre*.

em outros havia restrições. A observação realizada possibilitou, contudo, perceber a preferência dos usuários adolescentes por *sites* de bate-papo, especialmente pelo *site* de relacionamento Orkut. Aliás, nesse mesmo bloco temático, havia uma pergunta aberta para que o usuário indicasse outra atividade por ele realizada com frequência e o uso do Orkut e do MSN foram as atividades mais lembradas.

O uso da Internet para fins de comércio eletrônico ou mesmo para a consulta de preços demonstrou ser pífio³⁷. Isto também ocorreu com a participação em cursos *online* ou em outras formas de educação à distância. Nem mesmo quando se consideram apenas os usuários adultos obtêm-se níveis de utilização mais expressivos, jamais ultrapassando os 12,8% obtidos para pesquisa de preços entre os adultos.

Apenas ligeiramente mais intenso é o uso da Internet para busca de informações em *sites* do governo³⁸ (19,5%), uso de serviços de órgãos oficiais (11,8%), acompanhamento de ações governamentais (8,6%) ou para reclamar ou fazer solicitações ao setor público (9,3%), que, por serem preocupações mais adultas, também tiveram, em sua preparação, os dados discriminados em função da faixa etária.

³⁷ A pesquisa realizada pelo CGI (2006) aponta na mesma linha: apenas 10,8% dos usuários de Internet da classe socio-econômica C entrevistados naquela pesquisa já realizaram compras pela Internet. Dentre os usuários das classes D e E a fatia é ainda menor: apenas 4,7%.

³⁸ O CGI (2006) apontou que apenas 14,2% dos usuários de classe C e 7,7% dos de classes D e E utilizam a Internet para obter informações de autoridades e órgãos públicos, o que parece compatível com os resultados obtidos aqui.

4.6 QUALIDADE DO SERVIÇO DE INTERNET OFERECIDO NO FAROL DO SABER

Por fim, a sexta e última subcategoria de análise definida para o estudo referia-se à avaliação da qualidade do serviço de Internet oferecido no Farol do Saber.

Mais uma vez, assim como foi feito para o item anterior, a Tabela 14 apresenta um resumo dos dados. Uma apresentação mais detalhada e discriminada por regional consta do Apêndice 6.

Tabela 14 Frequência de respostas *sempre* e *quase sempre* para as questões sobre a percepção da qualidade do serviço oferecido nos Faróis do Saber

Item avaliado	muito bom	bom	muito bom + bom	número participantes
qualidade do maquinário disponível	11,9%	42,6%	54,5%	505
qualidade do atendimento realizado pelos estagiários e professores	40,3%	47,1%	87,4%	499
qualidade do processo de agendamento de um horário para utilizar a Internet	36,8%	48,6%	85,4%	500
opinião sobre o bloqueio de determinadas páginas da Internet	12,7%	19,6%	32,3%	504

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Percebe-se a partir da análise da Tabela 14 que, em geral, os usuários dos Faróis do Saber encontram-se satisfeitos com o serviço que lhes é prestado, principalmente no que tange aos aspectos de relacionamento com os estagiários e professores. Isto é evidenciado pelos elevados índices de resposta nos níveis *bom* e *muito bom* para as questões sobre a qualidade do atendimento (87,4%) e sobre o processo de agendamento (85,4%). Com relação à qualidade do maquinário (computadores e conexão com a Internet) o grau de satisfação é menor (54,5% consideram *bom* ou *muito bom*), o que reflete o abandono em que

se encontram esses equipamentos urbanos em virtude da descontinuidade administrativa.

Foi medido ainda o grau de satisfação dos usuários com relação à política de se bloquear o acesso a determinados *sites*. Apenas 32,3% dos usuários que participaram da pesquisa demonstraram estar satisfeitos com as restrições impostas ao uso de *sites* de relacionamento e lazer, embora, como já se tenha afirmado anteriormente, essa política não estivesse implantada de forma homogênea nos diversos Faróis, à época da pesquisa.

Tendo sido apresentados os dados da pesquisa de campo, o capítulo seguinte contempla a análise dialética *lugar/não-lugar* nos Faróis do Saber, respondendo às questões de pesquisa propostas para este estudo, por meio da articulação dos achados da pesquisa com a teoria, para atingir os objetivos estabelecidos.

5 A DIALÉTICA *LUGAR/NÃO-LUGAR* E O PALIMPSESTO URBANO (A APROPRIAÇÃO DO SERVIÇO DE INTERNET PÚBLICA PELOS USUÁRIOS DOS FARÓIS DO SABER)

O memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar. Já nesse lugar palimpsesto, a subjetividade se articula sobre a ausência que a estrutura como existência e a faz "ser aí" (CERTEAU, 1994).

Caminhando pelas cidades encontram-se evidências de várias épocas, que demonstram um pouco da trajetória histórica de cada lugar. Não importa se são casas, monumentos, praças ou simplesmente pedaços de paredes e ruínas, é tudo vestígio de outras épocas marcando o espaço urbano. Percebe-se ao mesmo tempo a existência de lugares novos e modernos, resultantes das inovações tecnológicas que se instalam no ambiente urbano. As realidades se misturam: o antigo e o tempo passado convivem com o novo, o moderno, o agora. As diferentes fases da história das cidades coexistem e interferem umas nas outras, formando um palimpsesto urbano.

Observa-se, também, que lugares que foram importantes em uma época da história agora não mais o são, perdem parcial ou totalmente a sua identidade ao ser transformados em outro lugar. Nas antigas cidades, por exemplo, as casas que pertenceram a barões foram transformadas em sedes de grandes empresas ou destruídas para a construção de arranha-céus, agora imponentes ocupantes do espaço que outrora dominavam. Paralelo a isto ocorre uma transformação do significado do lugar, refletindo a percepção das pessoas em relação às mudanças físicas e de outra ordem que nele ocorrem, à medida que o tempo passa.

A perda de significado pode levar à fragmentação do lugar ou, como evidencia Arefi (1999), ao surgimento de novos subprodutos do lugar.

Para discutir o surgimento de novas formas espaciais urbanas busca-se suporte na dialética de Hegel³⁹. Esta filosofia ou método filosófico servirá como uma “ponte” para se chegar às conclusões deste estudo. O próprio significado da palavra dialética está relacionado à existência de uma contradição, que pode ser resolvida por meio do debate. A problemática deste estudo envolve um *lugar*, que comporta um *não-lugar*, o que gera contradição, e, portanto, possibilita o debate.

A lógica dialética de Hegel é um processo em três etapas, geralmente denominadas tese, antítese e síntese (ROHMANN, 2000, p. 112). Nesta tríade apresenta-se uma proposição, que é refutada por seu oposto e, por fim, transformada, mediante a interação das duas, em um híbrido novo e superior. Para Hegel esse era o processo fundamental das mudanças históricas. Ele identificava "momentos dialéticos" ou etapas da história, nos quais os conceitos e as instituições existentes geravam conflitos internos que acabavam por ser superados na criação de um novo "momento".

Momentos dialéticos foram identificados na análise do objeto de estudo deste trabalho: há o *lugar* Farol do Saber (tese – ser) e o *não-lugar* Farol do Saber (antítese – não-ser). A partir da contradição entre a tese e a antítese pretende-se caracterizar, neste capítulo, a emergência de um terceiro momento (síntese – vir-a-ser), a partir do qual o lugar virtual (*não-lugar*) reforça o significado e a relevância do *lugar* físico (Farol) para a comunidade que o frequenta.

³⁹ Este estudo utiliza apenas a idéia da tríade *tese-antítese-síntese* da teoria de Hegel. Não se pretendeu aprofundar a discussão sobre esta importante teoria, porque isto fugiria ao escopo deste trabalho.

5.1 A TESE: O *LUGAR* FAROL DO SABER

Após ter percorrido 45 Faróis do Saber na Cidade de Curitiba realizando observação direta e distribuindo questionários (a ser preenchidos pelos seus usuários, que foram posteriormente analisados - ver o Capítulo 5), pode-se afirmar que, apesar de a literatura considerar bibliotecas como *não-lugares*, o Farol do Saber, especificamente, é um *lugar*. Ele assim passou a ser considerado por causa da atitude das pessoas, e não só porque elas apropriaram-se dos serviços oferecidos, mas também do *lugar* em si, como parte do bairro onde moram, tornando-o parte do seu cotidiano.

As respostas ao questionário revelaram que, na grande maioria das vezes os usuários deslocam-se a pé até o Farol do Saber de sua preferência (ver a Tabela 5). É uma demonstração de que esse equipamento urbano possui atratividade localizada, ou seja, restrita aos moradores do bairro, que vivem nas proximidades do local onde está instalado. Freqüenta-se o Farol do Saber da mesma forma que se freqüenta a escola, a igreja e outros lugares do bairro.

Não há dúvida de que a escolha por este meio de locomoção está relacionada à idade dos freqüentadores dos Faróis do Saber⁴⁰ e à sua condição sócio-econômica⁴¹, o que lhes restringe as possibilidades de deslocamento (a faixa etária e a renda são incompatíveis com a propriedade de veículos automotores ou, ao menos, com a sua utilização de forma extensiva). Ainda assim o deslocamento a pé já representa, por si, um estímulo para que se

⁴⁰ Como se viu na Figura 17 os adolescentes prevalecem. Lévy (1999) já detectara o crescimento exponencial do uso da Internet pelos jovens desde o início da década de 1990, algo que não acontecia na mesma escala para outras faixas etárias.

⁴¹ A Tabela 3 indica que são provenientes, na maioria, de camadas economicamente menos favorecidas da população. Isto não decorre apenas da forma como ocorreu a apropriação dos Faróis do Saber, mas, antes, da intenção do planejador em proporcionar à população dos bairros mais carentes acesso à cultura, à informação e ao conhecimento (MACUCO e BRUZAMOLIN, 1994).

desenvolva entre o usuário e o espaço que o envolve a relação de afinidade e pertencimento fundamental para a caracterização de um *lugar*, pois atenua a pressão que o tempo exerce sobre as atividades realizadas pelas pessoas na sociedade pós-moderna. Deslocar-se a pé pode, neste sentido, funcionar como um elemento desacoplador entre a parte da rotina que está rigidamente associada ao cumprimento de horários, obrigações e metas (em que se está mais preocupado com a eficiência das transações do que com a apazibilidade delas advinda) e o tempo disponível para se realizar atividades de interesse pessoal, em um ritmo mais lento.

Durante a observação realizada nos Faróis do Saber chamou a atenção que a relação dos freqüentadores com o espaço é uma relação de identificação. Em vários momentos foi possível observar professores chamando os usuários pelo nome e demonstrando um interesse real pelo que eles estavam fazendo ali. Isso evidencia a ligação pessoal que se estabelece entre eles, a qual vai além de simples transações no processo de fornecimento e apropriação de um serviço. Esse tipo de relacionamento das pessoas com o *lugar* foi evidenciado por Carlos (1996, p. 21), que ressalta que o *lugar* pode ser entendido a partir do tripé habitante/identidade/*lugar*. Para a autora "a prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros e aparentemente sem sentido cria laços profundos de identidade habitante-habitante, habitante-*lugar*".

Observou-se também que a ida ao Farol é um programa familiar, já que, em muitos casos, vários membros da mesma família (mãe e filhos, irmãos, primos) deslocam-se juntos para utilizar os serviços lá oferecidos.

Embora os motivos que levam os usuários aos Faróis do Saber estejam, prioritariamente, relacionados a objetivos específicos e de caráter aparentemente individual (acessar a Internet, realizar trabalhos escolares, estudar e ler), convém ressaltar que uma parte dos usuários declara dirigir-se a esses *lugares* para

encontrar amigos (ver a Tabela 4). De fato não é raro ver dois ou três usuários compartilhando o mesmo computador durante o horário de acesso à Internet atribuído a um deles, apesar de tal procedimento conflitar com as regras de utilização do serviço⁴². Esta prática foi constatada por observação, durante as visitas aos Faróis. A coletivização de uma atividade planejada para ser individual é mais um indício de que esses equipamentos urbanos, na maioria dos casos, não são considerados por seus usuários como espaços meramente transacionais (*não-lugares*). Ou seja, eles não se dirigem aos Faróis exclusivamente para realizar uma determinada tarefa, com um foco tão rigoroso na sua consecução que os impeça de se envolver com outras pessoas e com o *lugar*, em interações que reforçam afinidade e identidade. Calisto e Vargas (2006, p. 2) enfatizam que são as sensações de pertencimento que possibilitam a conversão do *espaço* em *lugar* e elas estão presentes na interação dos usuários dos Faróis do Saber com o equipamento urbano, com os funcionários que prestam o serviço e com os outros freqüentadores do mesmo ambiente.

No caso dos Faróis a apropriação do serviço de acesso à Internet reforça esta conversão do espaço em *lugar* pois, como lembra Camargo (1998), a apropriação de um serviço urbano está ligada à idéia de consumo pela população, ao efeito útil realizado pelo serviço. Independentemente das intenções dos planejadores do espaço e dos serviços ofertados, os usuários apropriam-se deles na forma e intensidade que lhes convêm.

Uma das evidências do elevado nível de apropriação do serviço de acesso à Internet nos Faróis do Saber pela população é a freqüência com que os usuários o

⁴² Em conversas informais durante as visitas aos Faróis do Saber, professores e usuários do serviço revelaram que isto era inadmissível no tempo em que o programa Digitando o Futuro seguia sua concepção original, sob o controle do ICI. A flexibilização decorrente da atual falta de diretrizes para a continuidade do oferecimento do serviço, em virtude da troca de gestores municipais, possibilita que a apropriação do serviço e do espaço se dê de acordo com a vontade dos próprios usuários, em detrimento da concepção original.

utilizam, evidência esta apresentada na Tabela 7. A intensa utilização do serviço de Internet deixa claro que os Faróis passaram a fazer parte da vida cotidiana destes usuários, já que uma parcela significativa os visita quase que diariamente⁴³.

A questão sobre a preferência de visita ao Farol em dia de sol ou de chuva proporcionou evidência adicional de que a apropriação daquele espaço independe de condições climáticas específicas. Imaginava-se que os usuários dos Faróis do Saber pudessem optar por se dirigir a estes locais em ocasiões em que não pudessem, em virtude do tempo (chuvoso), utilizar outros equipamentos públicos, como praças, campinhos de futebol e outros espaços ao ar livre. Isto não se confirmou. Foram muito poucos os usuários que afirmaram preferir ir ao Farol do Saber em dias de chuva, quando, presumivelmente, outros locais de interesse poderiam não estar disponíveis ou apresentar menor atratividade. O fato de muitos preferirem ir ao Farol em dias de sol pode estar relacionado à forma de deslocamento, predominantemente a pé, já que o deslocamento em dias chuvosos é menos apazível. Ainda assim a grande maioria dos participantes declarou-se indiferente às condições do tempo (ver a Tabela 6), o que leva a pensar que os serviços oferecidos nos Faróis do Saber concorrem diretamente

⁴³ Um aspecto interessante a ser ressaltado é que o tempo que os usuários dedicam ao acesso à Internet a partir de *lan-houses*, das casas de amigos e outros locais, se dá em adição ao tempo que eles já indicaram dispensar à *web* a partir dos Faróis do Saber, o que torna ainda mais evidente o fato de que navegar na Internet se transformou em uma atividade do seu dia-a-dia. O elevado número de participantes que disseram também utilizar serviços pagos, em *não-lugares* como *lan-houses* e cibercafés (Tabela 10) evidencia que o serviço oferecido pela prefeitura não é suficiente para atender todas as necessidades dos seus usuários. Os principais motivos relatados pelos usuários para também freqüentarem *lan-houses* e cibercafés, onde o acesso à Internet é pago, foram o fato de o acesso ser limitado a uma hora por dia nos Faróis do Saber, os computadores não apresentarem sempre boas condições de uso e haver bloqueios a *sites* que eles gostariam de acessar. Observou-se que, nas proximidades de muitos Faróis do Saber, existem *lan-houses* que parecem funcionar de forma a complementar os serviços ofertados a partir dos equipamentos públicos da prefeitura. Isto pode demonstrar uma reconfiguração do espaço em função do surgimento de um novo fenômeno urbano. (Foram visitadas *lan-houses* estabelecidas nas proximidades dos Faróis nas Regionais CIC e Portão, onde foram entrevistados os donos dos estabelecimentos e alguns usuários. Constatou-se a existência de sinergia e complementaridade aos serviços gratuitos ofertados nos Faróis do Saber).

com outros serviços e opções de lazer e cultura tradicionalmente disponibilizados à população.

As evidências discutidas acima tornam clara a existência do sentimento de pertencimento que os usuários nutrem pelo Farol do Saber. Ou ainda, como propõe Relph (1980), é perceptível o sentido "de estar dentro" do *lugar* (*insideness*), fazer parte e identificando-se com ele. Para o autor, quanto mais profunda é a relação com o *lugar*, maior é a identidade que se tem com ele.

Partindo da realidade encontrada nos Faróis do Saber pode-se dizer que, da concepção original até hoje - mais de 10 anos depois e passadas três gestões municipais distintas -, os Faróis do Saber criaram raízes na cidade. Interessantemente, este enraizamento se deu por dois aspectos distintos.

O primeiro aspecto envolveu a apropriação dos Faróis pelos usuários, que os transformaram em *lugares*. Ir a estes *lugares* passou a fazer parte do cotidiano das pessoas do bairro. Tal realidade retrata exatamente as idéias de Tuan (1983), quando afirma que os espaços são transformados em *lugares* em função da ocupação, da apropriação e do significado que as pessoas dão a eles. Depois de ocupados pelas pessoas os Faróis foram sendo apropriados de acordo com os significados culturais do grupo de usuários que os frequenta. São estes significados que dão sentido aos *lugares* e, ao mesmo tempo, contribuem para a caracterização da identidade da cidade.

O segundo aspecto está relacionado às ações da cidade de Curitiba para "produzir" ícones que promovam a sua imagem inovadora. Por este prisma pode-se afirmar que os Faróis do Saber são mais um símbolo da cidade, afinal, como lembra Almeida (2004), cada cidade é única, porque possui características únicas, podendo ser uma paisagem natural, um rico patrimônio histórico ou ainda um lugar construído. Quaisquer destes fatores, isoladamente ou em conjunto, podem

constituir importante fonte de diferenciação, com base na qual se constrói a imagem da cidade.

Ícones podem ser criados como formas de reforçar a identidade dos próprios moradores com a cidade e para reforçar a imagem (positiva) da cidade no restante do estado, do país ou do mundo. Em geral, porém, estes ícones são desprovidos de "alma". Não é possível estabelecer com eles maior interação, porque são construídos para ser vistos e não vividos. Correm também o risco de ser associados ao administrador público que os implantou e, em virtude disto, ser relegados a um segundo plano ou descontinuados por seus sucessores.

Embora os Faróis do Saber possam até ter sido criados com a preocupação maior de gerar ícones que diferenciassem a cidade de Curitiba, como criticam os opositores do *city marketing* (SÁNCHEZ, 1997), tenham sofrido (e continuem sofrendo) os reflexos da descontinuidade político-administrativa, a apropriação dos espaços e dos serviços neles ofertados pela população, tem garantido a sua sobrevivência.

5.2 A ANTÍTESE: O NÃO-LUGAR FAROL DO SABER (FÍSICO E VIRTUAL)

Aproveitando o enraizamento dos Faróis do Saber, estabelecidos como ícones da cidade e como *lugares* de disseminação de conhecimento, foi implantado, em 2000, o programa Digitando o Futuro. O intuito era o de promover inclusão digital e disponibilização de acesso à Internet à população. O uso da Internet trouxe uma nova realidade para os Faróis. Segundo dados do ICI (2006), após o início do programa Digitando o Futuro houve um aumento significativo no número de freqüentadores dos Faróis do Saber. Este aumento se deu, principalmente, em função do uso da Internet, mas, ainda de acordo com os relatórios do ICI, este contingente maior de pessoas também causou impacto no número de empréstimos de livros. Assim, o novo serviço e a nova tecnologia puderam, ao mesmo tempo, transformar-se em uma atividade cotidiana adicional

e reforçar o antigo hábito cultural de ler livros, já que criaram um estímulo até mais forte que o original para a ida à biblioteca.

O fluxo de pessoas aumentou no *lugar* Farol do Saber e a apropriação dos serviços intensificou-se, mas as relações sociais entre os usuários e deles com os funcionários ocorrem somente até que eles sentem à frente do computador. A partir do momento em que estão no mezanino utilizando a Internet os usuários entregam-se ao individualismo e a solidão impera no *lugar*. São sete pessoas, utilizando sete computadores de forma isolada. A interação com outros indivíduos passa a ocorrer pelo ciberespaço, na maioria das vezes, de forma assíncrona. Em alguns casos observou-se que os usuários estavam conversando com a pessoa ao lado, porém por meio do computador (usando ferramentas e *sites* como o Orkut ou o MSN). Esta característica de virtualização das interações sociais humanas foi ressaltada por Augé (1994), que considera estar ocorrendo uma invasão do espaço pelo texto: os usuários deixam o mundo físico e formam uma reunião de pessoas vivendo numa cibersociedade, uma sociedade baseada em regras apresentadas sempre por meio de informações textuais.

Em virtude disto considera-se que os mezaninos dos Faróis do Saber são *não-lugares* físicos, assim como qualquer outro ponto utilizado como base física para o acesso à Internet, seja ele a casa, o escritório ou uma *lan-house*. Como evidencia Relph (1980) é a insensibilidade ao significado do *lugar* que gera o *não-lugar*, já que o que atribui características de *não-lugar* a um espaço é a falta de profundidade da relação de identidade que se tem com ele.

É prudente discutir aqui, ainda que de forma breve, o problema do isolamento social que pode decorrer do uso indiscriminado da Internet. Embora este não seja o foco do presente estudo, não se pode deixar de refletir sobre a situação em

que, mesmo estando fisicamente próximas, as pessoas nem sequer converseem umas com as outras enquanto navegam na Internet⁴⁴ (*não-lugar* virtual).

Navegar pelo espaço cibernético deixou de ser apenas uma atividade ligada ao trabalho. Transformou também em um hábito doméstico, ocupando o tempo antes destinado a outras formas de lazer e ao convívio social. Considerando estes aspectos observa-se que a Internet está trazendo mudanças significativas no comportamento social e individual das pessoas. Augé (1994, p. 110) salienta que "é no anonimato do *não-lugar* que se experimenta solitariamente a comunhão dos destinos humanos".

Consolida-se, no anonimato do *não-lugar* físico Farol do Saber, a emergência de novas "formas de fazer", ou seja, se não ocorre a substituição total da antiga maneira de se realizar determinadas atividades, a Internet ao menos afirma-se como um novo meio de executá-las, como se pode depreender da Tabela 13.

O e-mail aparece como a atividade mais freqüente, o que demonstra que as pessoas encontraram nele uma nova forma de se comunicar e de se relacionar, principalmente com amigos e familiares⁴⁵. A Tabela 11 demonstrou a preocupação dos usuários dos Faróis do Saber em se comunicar com os amigos, utilizando as possibilidades de conectividade da Internet (e-mail). Paradoxalmente, ao passo em que isso ocorre, os amigos também são afetados de outra forma: passam a receber menos visitas em casa (ver a Tabela 12). As duas ações fazem parte do novo paradigma tecnológico, característico da pós-modernidade.

⁴⁴ Esta nova maneira de viver tem impacto profundo na socialização das pessoas (GRAEML, VOLPI e GRAEML, 2004), a ponto de muitos autores criticarem o uso excessivo do computador em virtude do isolamento que pode decorrer deste comportamento. Segundo Nie e Lutz (2000) a Internet está gerando uma onda de isolamento social e alimentando o fantasma de um mundo sem contato humano ou emoções.

⁴⁵ Isto vem de encontro a alguns estudos que mostram o uso do e-mail como gerador de um impacto positivo sobre a socialização e a interação com amigos e parentes distantes (CASTELLS, 2003a).

O elevado uso do e-mail pelos usuários da Internet nos Faróis do Saber foi considerado um resultado inusitado, levando-se em consideração o perfil sócio-econômico deles. Como acontece com qualquer recurso tecnológico de comunicação a Internet só permite a interação com um interlocutor que disponha de acesso à mesma tecnologia, o que implica que os receptores das mensagens eletrônicas enviadas a partir dos Faróis do Saber tenham, necessariamente, um computador conectado à Internet para poder ler os emails.

Menos surpreendente foi a taxa de utilização do serviço para a realização de pesquisas e trabalhos escolares, já que a grande maioria dos usuários é estudante e considerando a própria localização dos Faróis do Saber, normalmente ao lado de uma escola pública.

Ao ser indagados sobre a redução de frequência de visita a outros locais após o início do uso da Internet a maioria dos respondentes afirmou que continua deslocando-se fisicamente e freqüentando outros lugares da mesma forma que antes (ver a Tabela 12). Tal afirmação é, porém, contestável, haja vista que o uso da Internet compete pelo tempo dos internautas com outras atividades por eles executadas. Por isso, por mais que não tenham se apercebido da redução da frequência com que realizam outras atividades isto seguramente aconteceu, em maior ou menor escala. Uma fração relativamente pequena dos usuários, mas ainda relevante, constatou redução na visita à casa de amigos e também a bibliotecas e Ruas da Cidadania.

Apesar de o uso da Internet estimular um distanciamento físico em benefício de uma aproximação virtual constatou-se, ao longo das visitas realizadas aos 45 Faróis do Saber, que os seus usuários marcavam encontro no Farol. Isso prova que a apropriação do serviço de acesso à Internet vem acompanhada da apropriação também do espaço como ponto de encontro de amigos.

Ainda de acordo com a Tabela 12 não se evidenciou, a partir deste estudo, alteração significativa no fluxo de pessoas a outros lugares da cidade em função da apropriação do serviço de acesso à Internet. Não se pode ignorar, porém, que uma nova rede técnica - o ciberespaço - está à disposição da população, assim como está disponível uma nova rede social, em função das diversas formas de sociabilidade *online*. A cidade muda ao ritmo das mudanças técnicas e sociais, das quais *home banking*, celulares, votação eletrônica, telecentros, compras e serviços *online* entre outros, são apenas alguns exemplos (LEMONS, 2004).

Embora não tenham sido detectadas mudanças intensas nos fluxos e na relação dos usuários do serviço de Internet dos Faróis do Saber com a cidade, à medida que as pessoas passam a utilizar novos espaços e serviços é necessário medir a intensidade com que isto se dá. Só assim é possível antecipar os impactos que os hábitos recém-adquiridos terão sobre outros serviços ofertados e, no futuro, sobre a própria cidade.

Considerando, enfim, que as redes eletrônicas são *não-lugares* dissociados do contexto em que foram criadas (as cidades), Augé (1994) questiona se seria possível criar nessas redes um contexto social para suportar a interação e a sociabilidade. O autor preocupa-se em identificar formas de evitar que os *não-lugares* formados pelas redes fiquem absolutamente isentos de características relacionadas aos *lugares* com os quais têm alguma ligação. Dito em outras palavras, significa que seria possível atribuir a esses *não-lugares* características específicas dos "tecidos sociais" das sociedades que os constroem e com as quais coexistem.

5.3 A SÍNTESE: O NÃO-LUGAR E O LUGAR COEXISTEM

O questionamento de Augé (1994) revela um aspecto importante da discussão deste estudo: a relação dialética entre *lugar* e *não-lugar* Farol do Saber,

que deve ser analisada sob o seguinte prisma: o Farol do Saber já estava estabelecido como um *lugar* no bairro, onde as pessoas usavam os serviços de biblioteca e programas culturais. A implantação de uma iniciativa de provimento de acesso à rede mundial de computadores e a apropriação deste serviço pela maioria dos usuários gerou um *não-lugar*, no *lugar* outrora estabelecido. O *não-lugar*, por sua vez, acabou propiciando um reforço na identidade do Farol do Saber como *lugar*. Augé (1994, p. 74) já percebia que não existem *lugares* e *não-lugares* em sua forma pura, os *lugares* se recompõem nos *não-lugares*, "relações se reconstituem neles [*não-lugares*]". Ainda para esse autor, o *lugar* nunca é totalmente apagado e o *não-lugar* não se realiza integralmente, pois necessita de um suporte. Ambos coexistem como "palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação".

O Farol do Saber, além de ser palco para a coexistência e para o mútuo reforço de *lugar* e *não-lugar*, proporciona resposta, ainda que parcial, à indagação de Mitchell (2002) sobre onde iremos nos reunir no mundo mediado eletronicamente. Para os usuários do Farol a existência e a apropriação da tecnologia possibilitam encontros virtuais por meio do *não-lugar* virtual. Este *não-lugar*, porém, também proporciona encontros reais entre aqueles que o buscam para experiências virtuais.

Durante a coleta de dados foram presenciadas várias situações em que os jovens ficavam conversando no lado de fora ou mesmo no andar inferior, à espera do horário de utilização dos computadores ou depois dele. Em muitos Faróis as próprias professoras incentivavam os usuários a ficar ali, argumentando que estar lá era uma alternativa a ficar na rua. Percebe-se, portanto, que o Farol virou um ponto de encontro das pessoas do bairro, principalmente dos adolescentes, que são a maioria dos usuários do serviço de provimento de acesso à Internet.

A coexistência de *lugar* e *não-lugar* nos Faróis do Saber é evidência de que o *não-lugar* ali gerado é impregnado pelos "tecidos sociais" evocados por Augé para lhe atribuir algum nível de associação com a sociedade que lhe deu origem. Esta constatação encontra respaldo, aliás, nesse próprio autor, quando afirma que:

A supermodernidade [...] encontra naturalmente sua expressão completa nos *não-lugares*. Por estes, ao contrário, transitam palavras e imagens que retomam raiz nos *lugares* ainda diversos onde os homens tentam construir uma parte de sua vida cotidiana (AUGÉ, 1994, p. 100).

Em suma, o Farol do Saber como *lugar* construído, de que a população se apropriou e com o qual se identificou, tornando-o parte do cotidiano do bairro, é um *lugar* com características identitárias, relacionais e históricas⁴⁶. Com a introdução do serviço de acesso à Internet, porém, uma **parte** deste *lugar*, o **mezanino**, passou a possuir características de *não-lugar*. Trata-se de um *não-lugar* físico, que serve como apoio ou ponte para os usuários acessarem a Internet, permitindo a eles mergulhar no ciberespaço e "desconectar-se" do mundo real. Os usuários estão ocupando fisicamente aquele espaço, porém suas ações ocorrem em um espaço virtual, em um *não-lugar* virtual. *Lugar* e *não-lugar* (físico e virtual) dividem o mesmo espaço nos Faróis do Saber, mas não se neutralizam ou anulam. Ao contrário, coexistem de maneira sinérgica, reforçando-se um ao outro por meio da atração que causam, isoladamente ou em conjunto, nos freqüentadores daquele espaço.

⁴⁶ Esses são requisitos, como enfatizado por Augé (1994), para a caracterização de um espaço como *lugar*.

5.4 BAIRROS E REGIONAIS: AS DIFERENÇAS NA APROPRIAÇÃO DO SERVIÇO DE ACESSO À INTERNET E DO *LUGAR* FAROL DO SABER

Os dados coletados na pesquisa de campo e analisados preliminarmente no capítulo 5 indicam que a coexistência entre *lugar* e *não-lugar* não se dá de forma homogênea em todos os Faróis da cidade.

Diferenças culturais, sociais e econômicas oriundas do processo de ocupação da cidade foram responsáveis pelo estabelecimento de "manchas urbanas" com características próprias. Tais características refletem na maneira de viver dos moradores das diferentes regionais e também na forma como os usuários apropriam-se dos Faróis do Saber como um dos equipamentos urbanos disponibilizados à população, e dos serviços neles ofertados.

Apesar de Curitiba ser dividida em nove regionais a maioria dos estudos de discriminação dos dados em função delas identificou diferenças mais significativas apenas entre a regional Matriz e as demais. Isto se deu tanto com respeito às características de apropriação do serviço como na relação dos usuários com o *lugar*.

Inicialmente será tratada a questão da apropriação do serviço de acesso à Internet, que na regional Matriz foi apontada, entre todos os usuários, como o principal motivo que os leva ao Farol.

Uma primeira diferença diz respeito ao perfil sócio-educacional dos freqüentadores dos Faróis da Matriz, que é fundamental para uma postura diferenciada frente ao serviço oferecido. Eles são em geral mais velhos (nesta regional encontra-se o grupo percentualmente mais significativo de adultos jovens e o menor grupo de adolescentes). É ainda a regional que apresenta menos estudantes entre os usuários dos seus Faróis (ver a Tabela 2) e a maior renda familiar (Tabela 3).

Em função do diferente perfil sócio-educacional, os usuários da Matriz priorizam atividades distintas dos demais, dentre aquelas que se pode realizar usando o computador e o acesso à Internet disponibilizado nos Faróis do Saber. Eles lêem mais notícias *online* e isto acontece mesmo quando se excluem as crianças e adolescentes da análise. O uso do email também é mais acentuado do que nas demais regionais e os destinatários, além de amigos e familiares (como em todas as regionais) são também em grande percentual os colegas de trabalho (Tabela 13 e Tabela 11).

Outra atividade realizada pela Internet que se sobressai nos Faróis da Matriz é a pesquisa de preço de produtos, que nas demais regionais era praticamente inexistente. A utilização da Internet para a realização de inscrição de processo seletivo, apesar de aparecer de maneira significativa em todas as regionais, também é bem maior na regional Matriz (Tabela 13). As diferenças são justificáveis em função da idade, da renda e da profissão desses usuários.

Os usuários dos Faróis da Regional Matriz são mais exigentes quanto à percepção da qualidade dos computadores existentes neste equipamento urbano. A grande maioria deles considera os computadores regulares. Esta postura crítica pode estar relacionada com o maior poder aquisitivo desses usuários e também com o alto índice, quase a totalidade (Tabela 9), de usuários que já tinham um conhecimento prévio de informática, anterior ao uso destes equipamentos nos Faróis do Saber.

As diferenças relatadas acima são suficientes para caracterizar a existência de dois grupos distintos no que se refere à apropriação do serviço de acesso à Internet. O aspecto mais importante que os diferencia, contudo, é a forma de apropriação do *lugar* Farol do Saber.

Percebeu-se durante a observação não participante que nos Faróis localizados na regional Matriz a relação de identidade com o *lugar* é menos significativa do que nas demais regionais. Uma das causas para esta característica está relacionada à própria localização (principalmente de dois dos três Faróis desta regional), que praticamente os impede de estabelecer uma relação identitária com os usuários.

O Farol Gibran Khalil está localizado em uma praça cercada de pontos de ônibus, que se deslocam para diversas partes da cidade e para alguns municípios limítrofes, evidenciando o local como "passagem" para pedestres em trânsito. Outros fatores limitadores são as características funcionais dos ambientes que circundam esta praça: a sede de uma multinacional, um estacionamento, uma quadra de grama sintética, um *shopping center* e um zoológico.

O Farol da Rua 24 Horas, conforme o próprio nome já denuncia, é um local de passagem.

Sem dúvida, nestes Faróis predominam as características impessoais de um *não-lugar*. O sentimento de pertencimento está ausente, imperando nestes lugares o sentimento de "estar fora" (*outsideness*). As pessoas parecem considerar esses lugares como meramente funcionais, merecendo ser visitados apenas em função das transações que eles possibilitam, o que reforça as idéias de Relph (1980), já discutidas anteriormente. Ocorre nesses casos uma alienação para com os principais ingredientes que compõem a experiência de *lugar*, conforme observam Calisto e Vargas (2006).

Além da localização, outro aspecto que também reflete a distância dos usuários do Farol é a forma como uma grande parte deles se desloca para visitá-lo: de ônibus (Tabela 5). Esta realidade torna menos provável a geração de identidade com o ambiente, como foi relatado que ocorre nas demais regionais,

onde os usuários, na grande maioria, deslocam-se a pé. É mais uma vez do caráter funcional destes Faróis.

Esses aspectos revelam que nos Faróis da Matriz, principalmente no Gibran Khalil e no da Rua 24 Horas, o *não-lugar* prevalece sobre o *lugar*, não existindo neles a coexistência harmônica entre *lugar* e *não-lugar* que se evidenciou nos demais Faróis da cidade.

Após esta discussão envolvendo a análise dos dados coletados na pesquisa de campo à luz da teoria apresentada, para atingir os objetivos propostos, no próximo capítulo serão realizadas as conclusões deste estudo.

6 CONCLUSÕES

Ao longo do tempo, as características originais das cidades se alteram, assumindo uma dimensão particular a cada novo contexto. Foi assim com a utilização da luz elétrica, energia a vapor, a introdução da televisão, do telefone entre tantas outras inovações que interferiram na vida das cidades.

A população vai aos poucos se apropriando de cada novidade, adaptando-a e transformando o seu modo de viver, suas relações sociais e o espaço em que vive, em função dela. Daí emergem novas estruturas sociais e urbanas, como uma consequência das ações sociais de cada época, que se sobrepõem umas às outras, formando um palimpsesto de contribuições individuais, as quais se neutralizam ou se reforçam, apagando ou resgatando os efeitos de intervenções anteriores e construindo a trajetória única que caracteriza e dá identidade a cada núcleo urbano.

Assim, no capítulo três deste estudo buscou-se apresentar a relação existente entre espaço, cidade, *lugar*, *não-lugar* e território, primeiramente sem a introdução do novo paradigma tecnológico, mostrando-se o cenário existente antes do advento da Internet. Ainda naquele capítulo, evidenciou-se a ruptura do paradigma existente, com a introdução da Internet no cotidiano urbano, ressaltando-se as alterações por ela causadas nos lugares, cidades e sobre as noções de espaço e tempo. Por fim, apresentou-se a necessidade de se repensar as cidades para que se adaptem para suportar as inovações trazidas pela pós-modernidade. Aquele capítulo serviu como respaldo teórico para se buscar atingir os objetivos propostos neste estudo, o que foi feito nos capítulos seguintes, por meio da apresentação dos resultados da pesquisa de campo, da sua análise e da reflexão daí resultante.

A introdução de um novo paradigma tecnológico causa a necessidade de se repensar antigos conceitos e adaptá-los à realidade. No capítulo quatro, mostrou-se o processo de implantação pela gestão municipal, do serviço de Internet pública nos Faróis do Saber, para possibilitar a compreensão da concepção destes equipamentos públicos como *lugares* de disseminação de conhecimento e de fomento de um serviço de provimento de acesso à Internet.

Com base na teoria apresentada, estabeleceram-se duas categorias de análise para balizar o estudo empírico: o *lugar* e o *não-lugar*, que foram divididas em seis subcategorias, necessárias para responder aos objetivos propostos para esse trabalho de pesquisa.

Com as três primeiras subcategorias de análise (dados sobre o perfil sócio-educacional; preferências relacionadas ao uso do Farol do Saber e preferências relacionadas ao uso da Internet no Farol do Saber) foi possível realizar as análises necessárias ao atingimento do segundo objetivo específico proposto, que era identificar o perfil dos usuários dos Faróis do Saber e sua relação com os serviços neles prestados.

Verificou-se que os usuários do serviço de Internet nos Faróis do Saber são principalmente crianças e adolescentes, estudantes, provenientes de famílias com renda inferior a três salários mínimos, em sua maioria. Constatou-se também que o principal motivo que leva os usuários aos Faróis do Saber é a utilização do serviço de acesso à Internet. O deslocamento desses usuários até o Farol é realizado a pé, o que evidenciou a grande relação de apropriação dos serviços pelos moradores do bairro em que o Farol está instalado, revelando a atração localizada deste equipamento urbano. Um resultado que mostra o quanto o Farol se tornou importante para os seus usuários se relaciona à condição climática. Os usuários vão ao Farol independentemente de se o dia está ensolarado ou não, o

que evidencia a preferência por este *lugar*, em detrimento de outros espaços do bairro, como praças, campinhos de futebol, entre outros.

Ao serem questionados sobre as preferências de uso da Internet no Farol do Saber, os usuários revelaram que utilizam o serviço de acesso à Internet lá fornecido ao menos uma vez por semana, com mais frequência no período da tarde. Isto mostra que a atividade está sendo inserida no seu cotidiano. Esta constatação foi reforçada pelo resultado da questão relativa a outros locais de acesso à Internet. Quase a metade dos usuários também acessa a Internet de cibercafés e *lan-houses*, além das horas que despendem no Farol do Saber. A alta utilização do e-mail também é evidência da inserção da Internet no cotidiano desses usuários, que estão utilizando esta nova forma de comunicação para reforçar laços de amizade e interagir com familiares.

Com os resultados relacionados à quarta subcategoria de análise (o impacto do uso da Internet no Farol do Saber sobre outros lugares da cidade) e com alguns dos resultados das subcategorias anteriores foi possível atingir o terceiro objetivo proposto, que era discutir a forma como interagem os serviços que reforçam as características de *lugar* e os que enfatizam características de *não-lugar* ofertadas pelos Faróis do Saber. Neste sentido, ficou evidente que os usuários se deslocam ao *lugar* Farol do Saber, junto com amigos, conversando, se relacionam com os professores, entre outras atitudes características de *lugares*. Porém, quando sobem para o mezanino e sentam em frente ao computador, durante os 60 minutos seguintes, utilizam o *não-lugar físico* que caracteriza aquele espaço para mergulhar em um *não-lugar virtual*.

Os resultados obtidos a partir da quinta e da sexta subcategorias de análise (atividades que são realizadas por meio da Internet e a percepção da qualidade do serviço de Internet oferecido no Farol do Saber) e alguns dos resultados das demais subcategorias respaldam parcialmente o quarto objetivo

proposto, que era compreender a forma como se dá a apropriação do serviço de acesso à Internet pelos usuários dos Faróis do Saber, verificando se há sinergia com outras atividades realizadas nesses ou a partir desses espaços. Em relação a estes aspectos, foi possível concluir que os usuários se apropriam de algumas atividades que podem ser realizadas por meio da Web, como pesquisas, trabalhos escolares, envio de emails e atividades relacionadas à busca por emprego de forma mais intensa que outras. Há uma subutilização de diversas atividades, que podem ser realizadas pela Internet, as quais seriam capazes de agregar conhecimento e facilitar a vida das pessoas.

Não realizar estas atividades pela Internet pode estar relacionado com o desconhecimento da existência dessas novas formas de fazer, com o receio de utilizar uma nova tecnologia ou até mesmo com a inabilidade de utilizar a nova tecnologia para tal. A existência de monitores mais bem treinados nos Faróis do Saber poderia suprir esta falta de conhecimento de como se beneficiar dessas atividades, proporcionando aos usuários o acesso a outros benefícios que a Internet poderia lhes proporcionar. Por outro lado, a priorização de determinadas atividades em detrimento de outras, também representa uma característica da apropriação da Internet: os usuários têm livre arbítrio para decidir o quê e como utilizar, daquilo que lhes está sendo proporcionado.

Os dados revelados a partir das seis subcategorias, analisados em separado para as nove regionais administrativas da cidade, suportam parte do quarto objetivo específico deste estudo, que era verificar se ocorrem diferenças na forma de apropriação do serviço de acesso à Internet, levando-se em consideração as regionais.

Com as respostas obtidas para os objetivos descritos acima, atingiu-se o objetivo geral, o qual envolvia a identificação da configuração de uma relação dialética de auto-reforço entre *lugar* e *não-lugar*, nos Faróis do Saber de Curitiba,

em função da apropriação pela população do serviço urbano de Internet, que mereceu detalhada discussão no capítulo 6. Essa relação ficou evidente nos Faróis do Saber de oito das nove regionais da cidade. Apenas na regional Matriz, em que dois dos três Faróis visitados foram construídos em locais de passagem, com atividades de entorno meramente funcionais, não se caracterizaram relações de afinidade e identidade dos usuários com o lugar, o que, em alguns casos ficou nitidamente perceptível. Nesses casos, ocorreu apenas a apropriação do serviço, sem que se desenvolvessem laços afetivos com o ambiente.

Como a falta de identificação com o *lugar* ocorreu somente em alguns poucos espaços, em que não se conseguiu ir além do oferecimento de funcionalidade, é possível se inferir que, diferentemente das preocupações apontadas por alguns estudiosos da pós-modernidade, ela não elimina a necessidade de as pessoas manterem contatos sociais e relações de afetividade com o espaço que ocupam, seja ele físico ou virtual. Embora os Faróis do Saber tenham como principal serviço ofertado à população o acesso à Internet, isto não reduziu, na maioria das vezes, a sua capacidade de desenvolver nos seus usuários o sentimento de pertencimento e identidade com o *lugar*, evidenciando a coexistência harmônica do *lugar* com o *não-lugar* ali existentes.

Assim, acredita-se que uma contribuição prática importante que este trabalho traz, a qual pode ser utilizada pela prefeitura da cidade de Curitiba para melhorar a eficácia dos seus esforços de planejamento e gestão urbana, é a constatação de que, embora os *lugares* Faróis do Saber tenham sido negligenciados por novos prefeitos, que os consideravam como ícones de gestões anteriores, eles representam ícones da cidade. Foram apropriados pela população, que transformou esses espaços em verdadeiros *lugares* (seguindo a conceituação de *lugar* que envolve afinidade e pertencimento, aqui adotada) e os incluiu em seu cotidiano. O serviço de acesso à Internet reforçou ainda mais o

vínculo dos usuários com os Faróis do Saber, que definitivamente merecem maior atenção das autoridades locais e o estabelecimento de políticas públicas duradouras, que sejam menos impactadas pelas transições eleitorais.

Da mesma forma como acontece com os Faróis do Saber, outros espaços da cidade têm potencial para se transformar em *lugares* (e assim o fazem) devendo ser percebidos e estimulados pelos planejadores e gestores do município. Afinal, a relação de identidade proporcionada pelos *lugares* da cidade melhora a qualidade de vida dos habitantes e os faz valorizarem cada vez mais a própria cidade.

A principal contribuição deste estudo para a academia é ampliar a discussão dos conceitos de *lugar* e *não-lugar*, expandindo-os e relacionando-os com a virtualidade proporcionada pelas TICs. Cada vez mais essas tecnologias fazem parte da vida das pessoas, influenciando o seu cotidiano, determinando novos hábitos e a forma como se relacionam umas com as outras, seja no ambiente social, profissional ou de lazer. Dedicou-se especial atenção ao *lugar* físico e ao *não-lugar* virtual proporcionados pelos Faróis do Saber, mas abriu-se caminho para uma nova discussão sobre a possibilidade de desenvolvimento de *lugares* virtuais⁴⁷.

Feitas essas considerações sobre a relevância deste estudo, tanto para os planejadores e gestores da cidade quanto para a academia, cabe ainda salientar suas limitações. A pesquisa se baseou fundamentalmente nos dados coletados por meio de questionários aplicados aos usuários, dentro dos próprios Faróis do Saber, os quais demonstraram a existência das relações de

⁴⁷ O tempo despendido em interações sociais em comunidades virtuais de afinidade, como o Orkut, *Second Life*, entre outros despertou a atenção da pesquisadora, que vê nesses ambientes os principais requisitos para a configuração de um *lugar* virtual: identidade, pertencimento, afinidade e o compartilhamento de um mesmo espaço, ainda que virtual.

pertencimento e afinidade que caracterizam os *lugares*, na maioria dos casos. Contudo, não se obteve informações de outras pessoas que residem nas proximidades dos Faróis do Saber e ainda assim não os freqüentam. Essas pessoas teriam muito a contribuir com um estudo que objetivasse compreender o que faz com que um espaço se transforme em um *lugar* para alguns e não seja sequer visitado por outros. Uma outra limitação deste estudo se refere ao fato de os questionários terem sido aplicados aos usuários dos Faróis do Saber dentro deles. O fato de os respondentes estarem fisicamente presentes no ambiente sobre o qual se estava pesquisando pode ter contribuído com algum viés para os resultados da pesquisa. É possível que se o questionário tivesse sido apresentado a usuários dos Faróis do Saber na pracinha do bairro, os resultados fossem ao menos ligeiramente distintos, o que não se pôde apurar.

Tais limitações representam também oportunidades para novos estudos, a serem desenvolvidos pela própria pesquisadora ou por outros interessados no tema, que podem desenvolver trabalhos com o objetivo de mitigá-las.

Para encerrar este estudo, cabe lembrar que a perenidade de qualquer obra humana só se dá enquanto ela continua a fazer sentido para as pessoas. Não há ícone que sobreviva à falta de interesse e de identidade daqueles que com ele convivem. Se não é (mais) relevante, passa-se sobre ele um "trator", ou uma nova "camada de tinta", e incorpora-se o que dele sobrou ao palimpsesto da cidade, restando mais ou menos vestígios para influenciar o que lhe sucede, dependendo de quão profundas foram as raízes deixadas. Em função disso, mesmo quando falta vontade política e desprendimento aos governantes para levar adiante as boas idéias de seus predecessores (ou simplesmente competência para garantir a continuidade administrativa nos períodos de transição de governo), a própria comunidade é capaz de – em função da sua noção de pertencimento e afinidade com os espaços de que se apropriou e ajudou a transformar em *lugares* –

proporcionar a ampliação da sua permanência, até que seus líderes se dêem conta da sua relevância e façam a sua parte para extrair desses *lugares/não-lugares* seu máximo potencial.

REFERÊNCIAS

- ALBERTIN, A. L. *Comércio eletrônico: modelo, aspectos e contribuições de sua aplicação*. São Paulo: Atlas, 1999.
- ALMEIDA, A. C. O marketing das cidades. *Gestão e Desenvolvimento*, v. 12, p. 9-45, 2004.
- ANDRADE, M. C. *A questão do território no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- AREFI, M. Non-place and placelessness as narratives of loss: rethinking the notion of place. *Journal of Urban Design*, v. 4, n. 2, p. 179-193, June 1999, 1999.
- AUGÉ, M. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.
- BABBIE, E. *Métodos de Pesquisa de Survey*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENEVOLO, L. *História da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- CALISTO, C. D. S. e VARGAS, G. M. O ambiente como mundo vivido - uma abordagem do espaço segundo a geografia fenomenológica. In: III Encontro da ANPPAS, Brasília-DF. *Anais eletrônicos*. 2006. p. 1 CD-ROM.
- CAMARGO, A. R. *Parte II - Relatório do conteúdo da pesquisa: "Políticas públicas relativas aos bens e serviços urbanos originados da telemática: pensando as formas de intervenção - planejamento e desenho -, e os meios de ação - design de ambientes cognitivos e comunicativos"*. São Carlos: Universidade de São Paulo -Escola de Engenharia de São Carlos - Departamento de Arquitetura e Urbanismo. p. 143, 1998.
- CAMERON, D. *Electronic commerce: the new business platform of the Internet*. Charleston: Computer Technology Research Corp., 1997.
- CARLOS, A. F. A. *A cidade*. São Paulo, v.Contexto, 1992. 96 p.
- _____. *A (re) produção do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1994. 85 p.
- _____. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. *O espaço urbano*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CARVALHO, A. E. A. *Aprendendo metodologia científica*. São Paulo: O Nome da Rosa, 2000.
- CASTELLS, M. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. *O poder da identidade - A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, v.2, 1999.
- _____. *A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, v.1, 2002.
- _____. *A galaxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a. 243 p.

- _____. A sociedade em rede. In: MORAES, D. (Orgs). *Por uma Outra Comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003b.
- CAVALCANTI, L. S. Uma geografia da cidade - elementos da produção do espaço urbano. In: Cavalcanti, L. S. (Orgs). *Geografia da Cidade*. Goiânia: Alternativa, 2001. 11-32 p.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, M., GIARD, L. e MAYOL, P. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CGI. *TIC domicílios e usuários - Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil*. Comitê Gestor da Internet no Brasil. p. 35, 2006.
- CHILDE, G. *A evolução cultural do homem*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981. 229 p.
- CLAVAL, P. *A geografia cultural*. Florianópolis: UFSC, 1997.
- CORBUSIER, L. *Planejamento Urbano*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- DORON, R. e PAROT, F. O. *Dicionário de psicologia*. São Paulo: Ática, 2000.
- DRUCKER, P. O futuro já chegou. *Exame*, 2000.
- DUARTE, F. *Arquitetura e tecnologia de informação: da revolução industrial à revolução digital*. São Paulo: Unicamp, 1999. 200 p.
- _____. *Crise das matrizes espaciais. Arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FGV-CPS. *Mapa da exclusão digital*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, 2003.
- FINK, A. e KOSECOFF, A. *How to Conduct Surveys*. England: Sage, 1998.
- FREITAS, H., et al. O método de pesquisa survey. *Revista de Administração da USP - RAUSP*, v. 35, n. 3, p. 105-112, Jul-Set, 2000.
- FRUGOLI JR., H. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia*, v. 48, n. 1, 2005.
- GARCIA, F. S. *Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing*. Curitiba: Palavra, 1997.
- GIBSON, W. *Neuromancer*. São Paulo: Ed Aleph, 1991.
- GIDDENS, A. *Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991. 177 p.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1987.
- GODOY, P. Uma reflexão sobre a produção do espaço. *Estudos Geográficos*, n. 1, p. 29-42, 2004.
- GONÇALVES, T. M. *O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar*. 2002. 244 p. Doutorado - Meio Ambiente e Desenvolvimento - MADE, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

GRAEML, A. R. *Os impactos da utilização da internet e outras tecnologias da informação sobre o setor industrial - (uma análise de empresas de manufatura do estado de São Paulo)*. 2004. Doutorado - Produção e Operações Industriais, Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2004.

GRAEML, K. S., VOLPI, J. H. e GRAEML, A. R. O impacto do uso (excessivo) da Internet no comportamento social das pessoas. *Revista Psicologia Corporal*, v. 5, 2004.

GREENSTEIN, M. e FEINNAN, T. *Electronic commerce: security, risk management and control*. Boston: McGraw-Hill, 2000. 400 p.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004. 400 p.

_____. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: X Encontro de Geógrafos da América latina, São Paulo. *Anais eletrônicos*. 2005. p.6774-6792 p. 1 CD-ROM.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2002. 349 p.

. In. p.

IANNI, O. As ciências sociais na época da globalização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, p. 33-41, 1998.

IBGE. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2005 - Acesso a internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal*. 2005.

ICI. *Relatórios sobre o programa Digitando o Futuro no período 2000-2006*. Curitiba: ICI, 2006.

_____. *Relatório de ligações realizadas em Função dos Faróis do Saber, via serviço156*. Curitiba: ICI. p. 4, 2007.

IDG Now. Brasil tem 6 milhões de pessoas que acessam a internet de locais públicos, 2006a. Disponível em: http://idgnow.uol.com.br/internet/search_directory?category=Inclusão%20Digital§ion=internet. Acesso em: 10 nov/2006.

_____. Google pode fechar Orkut no Brasil caso não haja acordo com Justiça., 2006b. Acesso em: 9 nov/2006.

_____. O que as crianças brasileiras de 2 a 11 anos fazem na internet?, 2007. Disponível em: <http://idgnow.uol.com.br/internet/2007/03/28/idgnoticia.2007-03-27.2041195097>. Acesso em: 30 mar/2007.

JACOBI, P. Cidade, ambiente e sustentabilidade, 2006. Disponível em: <http://www.baciasirmas.org.br/doc/Cidade%20Ambiente%20e%20Sust.pdf>. Acesso em: 26 out/2006.

JONAS, O. *La Cité Interactive*. Quebec: L'Harmattan, 1997.

JUSTEN, L. M. e KUCHARSKI, M. V. (Org) *Projeto de Implantação do Farol da Cidade*. Curitiba. p. 8, 1995.

KOGA, D. *Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos*. São Paulo: Cortez, 2003.

- KONDER, L. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1981 (Primeiros Passos).
- LAKATOS, E. e MARCONI, M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas, 1996.
- LAUDON, K. e LAUDON, J. *Sistemas de informação*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- LE CORBUSIER. *Planejamento urbano*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- LEFEBVRE, H. *O direito a cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.
- LEMONS, A. Cibercidades. Um modelo de inteligência coletiva. In: Lemos, A. (Orgs). *Cibercidade. As cidades na cibercultura*. Rio de Janeiro: e-papers, 2004. 19-26 p.
- LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LIMA, M. R. D. V. *Comunicação, Ambiente Urbano e Desenvolvimento: elementos para a compreensão do papel na gestão do lixo em Curitiba*. 2002. 412 p. Doutorado - Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.
- LOJIKINE, J. *O Estado capitalista e a questão urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MACADAR, M. A. *Inclusão digital no Brasil: o processo de gestão de telecentros*. São Paulo: USP, 2004. 2005. Doutorado - Administração, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo,, São Paulo, 2005.
- MACUCO, R. C. G. e BRUZAMOLIN, S. C. D. D. A. *Proposta de implantação das bibliotecas Farol do Saber*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba. p. 13, 1994.
- MAMEDE, J. Arquitetura de cidades digitais, 2002. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=691. Acesso em: 04/jul/2005.
- MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação com extensões do homem (understanding midia)*. São Paulo: Pensamento-Cultrix Ltda, 2001.
- MENDONÇA, F. A. Aspectos da problemática ambiental urbana da cidade de Curitiba/PR e o mito da “capital ecológica”. *Geousp – Espaço e tempo*, n. n. 12, p. p.179-188, 2002.
- MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *Sociedade da informação no Brasil - livro verde*. Brasília. p. 231. setembro, 2000.
- MITCHELL, W. J. *e-topia: a vida urbana, mas não como a conhecemos*. São Paulo: SENAC, 2002.
- MORGADO, M. G. *Comportamento do consumidor online: perfil, uso da Internet e atitudes*. 2003. 160 p. Doutorado - Administração, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2003.
- MORLEY, D. e PARKER, C. S. *Understanding computers today and tomorrow*. Boston: Thomson, 2003.

MOTA, L. G. A cidadania e os meio de comunicação. In: TEIXEIRA, J. G. L. C. (Orgs). *A construção da Cidadania*. Brasília: Universidade de Brasília, 1986. 237-268 p.

MUMFORD, L. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 741 p.

NEGROPONTE, N. *A Vida Digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIE, N. H. e LUTZ, E. Internet and society: a preliminary report: Stanford Institute for the Quantitative Study of Society, 2000. Disponível em: http://www.stanford.edu/group/siqss/Press_Release/Preliminary_Report.pdf. Acesso em: 15/01/2004.

O'BRIEN, J. *Sistemas de Informação e as decisões gerenciais na era da Internet*. São Paulo: Saraiva, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Meio milhão de conectados. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.telecentros.sp.gov.br/noticias/index.php?pag=147>. Acesso em: 10 jan/2007.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RECHIA, S. *Parques públicos de Curitiba: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer*. 2003. 189 p. Doutorado - Educação Física, Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

REIGHOLD, H. The virtual community, 1998. Disponível em: <http://www.rheingold.com/vc/book/>. Acesso em: 19/jun/2005.

RELPH, E. *Place and placelessness*. Londres: Pion, 1980.

REYES, P. E. B. A cidade afetada pela cultura digital. *Caderno IHU Idéias*, n. 28, p. 1-27, 2004.

ROCHA, C. T., BASTOS, J. A. S. L. e CARVALHO, M. G. Aspectos da sociedade em rede na era da informação. *Revista Educação e Tecnologia*, v. 6, p. 78-100, 2003.

ROHMANN, C. *O livro das idéias: pensadores, teorias e conceitos que formam nossa visão de mundo*. Rio de Janeiro: Campus, 2000. 468 p. p.

RYBCZYNSKI, W. *Vida nas cidades: expectativas urbanas*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

RYKWERT, J. *A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SÁNCHEZ, F. *Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing*. Curitiba: Palavra, 1997.

SÁNCHEZ, F. E. Buscando um lugar ao sol para as cidades: o papel das atuais políticas de promoção urbana. *Revista Paranaense de Geografia*, v. 04, 1999.

SANTOS, M. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1997a. 88 p.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997b.

_____. Há mesmo um espaço virtual?, 2000. Disponível em: www.hypertexto.com.br. Acesso em: 10 jun/2005.

_____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SEGATO, R. L. *Em busca de um léxico para teorizar a experiência contemporânea*. Brasília. 2005.

SME, S. M. D. E. *Estatísticas de uso da Internet pública e do sistema de bibliotecas nos Faróis do Saber*. Curitiba. p. 26. maio, 2006.

SOARES, A. Teletrabalho e comunicação em grandes CPDs. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 2, p. 64-77, 1995.

SOJA, E. *Geografias pós-modernas. A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, M. L. *Mudar a cidade: um introdução crítica ao pensamento e à gestão urbanos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPERLING, D. M. e CAMARGO, A. R. Os meios telemáticos de informação como extensões da esfera pública - InfoBUS/InfoBOX - sistema de transportes e informações integrados. In: II Congresso Ibero Americano de Telemática - CITA'2002, Mérida. *Anais eletrônicos*. 2002. p. p. 1-14. p. 1 CD-ROM.

TOFFLER, A. e TOFFLER, H. *Criando uma civilização: a política da terceira onda*. Rio de Janeiro: Record, 1997. 142 p.

TRIVINHO, E. *Redes: obliterações no fim de século*. São Paulo: Annablume, 1998.

TUAN, Y.-F. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.

_____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

VEIGA, J. E. D. *Emergência Socioambiental*. São Paulo: Senac, 2007.

VICENTINI, Y. Teorias da cidade e as reformas urbanas contemporâneas. *Desenvolvimento e Meio ambiente: cidade e ambiente urbano*, n. 3, p. 9-31, jan./jun., 2001.

VIRILIO, P. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: 34, 1993. 163 p.

WEBBER, M. M. The urban place and the nonplace urban realm. In: Webber, M. M., et al (Orgs). *Explorations into urban structure*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1964.

ZAVALA, R. A taxa de exclusão digital empaca governo eletrônico brasileiro, 2002. Disponível em: http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_noticias/satelite/id210602.htm. Acesso em: 01/abr/2005.

APÊNDICE 1 QUESTIONÁRIO APLICADO AOS USUÁRIOS DE SERVIÇOS DE INTERNET DO FAROL DO SABER NO PRÉ-TESTE

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DE SERVIÇOS DE INTERNET DO FAROL DO SABER	
Por favor, responda as questões abaixo:	
Idade: _____	Sexo: () Feminino () Masculino
Bairro: _____	CEP: _____
Ocupação: _____	
Renda familiar:	
() até 1 salário mínimo	() de 1 a 3 salários mínimos
() de 3 a 9 salários mínimos	() mais de 9 salários mínimos
Escolaridade:	
() ensino fundamental incompleto	() ensino fundamental completo
() ensino médio incompleto	() ensino médio completo
() ensino superior incompleto	() ensino superior completo
() pós-graduação	() outro _____
Quais os motivos por que você vem ao Farol do Saber? (pode marcar mais de um)	
() ler	() acessar a Internet
() encontrar amigos	() estudar
() fazer trabalhos escolares	() outro _____
Como você normalmente vem ao Farol do Saber?	
() a pé	() de bicicleta
() de ônibus	() de carro
() outro _____	
Com que frequência você utiliza a Internet no Farol do Saber?	
() menos de uma vez por mês	() uma ou duas vezes por mês
() uma vez por semana	() mais de uma vez por semana
() quase todos os dias	() todos os dias
Em que período(s) do dia você utiliza a Internet no Farol do Saber? (pode marcar mais de um)	
() manhã	() tarde
() noite	
Quando você prefere ir ao Farol do Saber?	
() em dias de sol	() em dias de chuva
() tanto faz	
Você sabia utilizar o computador antes de começar a utilizar a Internet no Farol do Saber?	
() sim	() não
Você acessa a Internet de outro local? (pode marcar mais de um)	
() sim, de casa	() sim, da escola
() sim, de <i>lan-houses</i>	() sim, da casa de amigos
() sim, do trabalho	() sim, outro: _____
ou:	
() não , só possuo acesso a partir do Farol do Saber	() não , até possuo acesso de outros lugares, mas prefiro o Farol do Saber
Você utiliza e-mail para trocar mensagens com: (pode marcar mais de um)	
() amigos	() colegas de trabalho
() desconhecidos	() familiares
() clientes e/ou fornecedores	() outros: _____

Utilizo a rede de Internet no Farol do Saber porque: (marque com um "x" na posição apropriada para cada afirmativa)		Concordo totalmente	Concordo	Indiferente	Discordo	Discordo totalmente
1	faço trabalhos escolares					
2	me auxilia nas demais atividades escolares					
3	fico atualizado, lendo jornais on-line e sites de notícias					
4	faço pesquisa sobre diversos temas					
5	leio livros eletrônicos					
6	troco mensagens usando e-mail					
7	utilizo jogos e passa-tempos					
8	conheço novas pessoas em salas de bate-papo					
9	faço pagamentos de contas acessando o meu banco					
10	obtenho informações nos sites de órgãos governamentais (horário de ônibus, saldo de FGTS, INSS etc.)					
11	utilizo serviços virtuais de órgãos governamentais (impostos, guias amarelas, carnê de IPTU etc.)					
12	pesquisei o preço de produtos antes de sair para comprar					
13	faço compras via Internet					
14	acompanho as ações do governo e do legislativo acessando sites que disponibilizam informações sobre o que estão fazendo					
15	faço reclamações e solicitações a órgãos governamentais					
16	participo de cursos on-line (ensino a distância)					
17	disponibilizo meu currículo em sites de emprego					
18	procuro oportunidades de emprego					
19	faço inscrição para a realização de concursos e me inscrevo em processos seletivos					
20	outros: _____					

Qual a porcentagem de tempo que você gasta com as seguintes atividades, quando está acessando a Internet do Farol do Saber?

Atividade	Porcentagem %
Entretenimento (jogos)	
Educação (trabalhos escolares)	
Serviços (pagamentos, compras)	
Informação (jornais, revistas)	
Outra: _____	
Total	100%

No Farol do Saber que freqüento: (marque com um "x" na posição apropriada para cada afirmativa)		Muito bom	Bom	Indiferente	Ruim	Muito ruim
1	o serviço de Internet oferecido é ...					
2	o maquinário disponível (computadores) é ...					
3	o atendimento realizado pelos estagiários e professores é ...					
4	o processo de agendamento de um horário para utilizar a Internet é ...					
5	o treinamento (cursos) que permite meu aperfeiçoamento em questões ligadas à Internet e ao uso de computadores é ...					
6	o fato de haver bloqueio de determinadas páginas da Internet é ...					

O uso da Internet nos Faróis do Saber reduziu o número de vezes que você vai a algum desses lugares? (pode marcar mais de um)

☐ ruas da cidadania ☐ praças ☐ cinemas
☐ prefeitura ☐ parques ☐ *shopping-centers*
☐ bancos ☐ supermercados ☐ escola
☐ bibliotecas ☐ lojas ☐ casa de amigos

ou

☐ **não**, continuo me deslocando a estes lugares com a mesma freqüência que anteriormente

APÊNDICE 2 QUESTIONÁRIO DEFINITIVO APLICADO AOS USUÁRIOS DE SERVIÇOS DE INTERNET DO FAROL DO SABER

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DE SERVIÇOS DE INTERNET DO FAROL DO SABER		
Por favor, responda as questões abaixo:		
Idade: _____	Sexo: () Feminino () Masculino	
Bairro: _____	CEP: _____	Profissão: _____
Renda familiar:		
() até 1 salário mínimo	() de 1 a 3 salários mínimos	
() de 3 a 9 salários mínimos	() mais de 9 salários mínimos	
Escolaridade:		
() ensino fundamental incompleto	() ensino fundamental completo	
() ensino médio incompleto	() ensino médio completo	
() ensino superior incompleto	() ensino superior completo	
() outro: _____		
Quais os motivos por que você vem ao Farol do Saber? (pode marcar mais de um)		
() ler	() acessar a Internet	() fazer trabalhos escolares
() encontrar amigos	() estudar	() outro: _____
Como você normalmente vem ao Farol do Saber?		
() a pé	() de bicicleta	() outro: _____
() de ônibus	() de carro	
Com que frequência você utiliza a Internet no Farol do Saber?		
() quase todos os dias	() ao menos 1 vez por semana	
() ao menos 1 vez por mês	() menos de 1 vez por mês	
Em que período(s) do dia você utiliza a Internet no Farol do Saber? (pode marcar mais de um)		
() manhã	() tarde	() noite
Quando você prefere ir ao Farol do Saber?		
() em dias de sol	() em dias de chuva	() tanto faz
Você sabia utilizar o computador antes de começar a utilizar a Internet no Farol do Saber?		
() sim	() não	
Você acessa a Internet de outro local? (pode marcar mais de um)		
() sim, de casa	() sim, da escola	() sim, de <i>lan-houses</i>
() sim, da casa de amigos	() sim, do trabalho	() sim, outro: _____
ou		
() não, só possuo acesso a partir do Farol do Saber	() não, até possuo acesso de outros lugares, mas prefiro o Farol do Saber	
Você utiliza e-mail para trocar mensagens com: (pode marcar mais de um)		
() amigos	() colegas de trabalho	() desconhecidos
() familiares	() clientes e/ou fornecedores	() outros: _____
ou		
() não utilizo e-mail		
O uso da Internet nos Faróis do Saber reduziu o número de vezes que você vai a algum desses lugares? (pode marcar mais de um)		
() ruas da cidadania	() praças e parques	() <i>shopping-centers</i>
() prefeitura	() supermercados	() escola
() bancos	() lojas	() casa de amigos
() bibliotecas	() cinemas	() outro: _____
ou		
() não, continuo me deslocando a estes lugares com a mesma frequência que anteriormente.		

Com que frequência VOCÊ usa o computador para as seguintes atividades:		SEMPRE	QUASE SEMPRE	ÀS VEZES	QUASE NUNCA	NUNCA
1	fazer trabalhos escolares					
2	fazer outras atividades escolares					
3	ler jornais on-line e sites de notícias					
4	fazer pesquisa sobre diversos temas					
5	trocar mensagens usando e-mail					
6	jogar					
7	conhecer novas pessoas em salas de bate-papo					
8	fazer pagamentos de contas					
9	obter informações nos sites de órgãos governamentais (horário de ônibus, saldo de FGTS, INSS etc.)					
10	utilizar serviços virtuais de órgãos governamentais (impostos, guias amarelas, carnê de IPTU etc.)					
11	pesquisar o preço de produtos					
12	fazer compras via Internet					
13	acompanhar as ações do governo e do legislativo acessando sites que disponibilizam informações sobre o que estão fazendo					
14	fazer reclamações e solicitações a órgãos governamentais					
15	participar de cursos on-line (ensino a distância)					
16	disponibilizar meu currículo em sites de emprego					
17	procurar oportunidades de emprego					
18	fazer inscrição para a realização de concursos e me inscrever em processos seletivos					
19	outra: _____					

No Farol do Saber que VOCÊ frequenta:	Muito bom	Bom	Regular	Ruim	Muito ruim
1 o maquinário disponível (computadores) é ...					
2 o atendimento realizado pelos estagiários e professores é ...					
3 o processo de agendamento de um horário para utilizar a Internet é ...					
4 o fato de haver bloqueio de determinadas páginas da Internet é ...					

APÊNDICE 3 CRONOGRAMA REALIZADO DE COLETA DE DADOS NOS FARÓIS DO SABER

Data	Período	Farol	Bairro	Número de questionários coletados
31/07	tarde	Fernando Pessoa	Boqueirão	06
	tarde	Mário Quintana	Boqueirão	11
	tarde	Frei Miguel Bottacin	CIC – centro sul	06
01/08	tarde	Joaquim Nabuco	CIC – centro sul	11
	tarde	Antonio Vieira	CIC – centro sul	10
	noite	Cândido Portinari	CIC – centro sul	10
02/08	manhã	Vinícius de Moraes	CIC – centro sul	04
	tarde	Frei Miguel Bottacin	CIC – centro sul	05
	tarde	Fernando Amaro Miranda	CIC – centro sul	12
03/08	tarde	Fernando Pessoa	Boqueirão	05
	noite	Albert Einstein	Xaxim	12
	noite	Aristides Vinholes	Xaxim	15
04/08	tarde	Herbert José de Souza	Uberaba	12
	tarde	Emiliano Pernetá	Cajuru	13
	tarde	César Pernetá	Uberaba	13
	tarde	Samuel Chameki	Cajuru	02
07/08	manhã	Pablo Neruda	Capão da Imbuia	12
	tarde	Heitor Stockler de França	Bairro Alto	12
	tarde	Guimarães Rosa	Bairro Alto	03
	tarde	Gilberto Freyre	Santa Cândida	12
08/08	tarde	Antonio Machado	Barreirinha	13
	tarde	Manuel Bandeira	Pilarzinho	11
	tarde	Machado de Assis	Vista Alegre	15
09/08	manhã	José de Alencar	Pinheirinho	10
	manhã	Vinícius de Moraes	CIC – centro sul	06
	manhã	Dona Pompília	Tatuquara	12
	tarde	Tasso da Silveira	Pinheirinho	11
	tarde	São Pedro e São Paulo	Umbará	14
	noite	Rubem Braga	Sítio Cercado	10
	noite	Victor Hugo	Sítio Cercado	11
10/08	manhã	Sérgio Mercer	CIC – norte	10
	manhã	Gonçalves Dias	São Braz	11
	tarde	Aparecido Quinaglia	Santa Felicidade	10
	tarde	Dante Alighieri	Santa Felicidade	11
	noite	Farol das Cidades	Abranches	10
11/08	manhã	Senador Accioly Filho	Sítio Cercado	10
	manhã	Cecília Meireles	Sítio Cercado	05

	tarde	Luiz de Camões	Alto Boqueirão	13
14/08	manhã	Castro Alves	Fazendinha	10
	manhã	Clarice Lispector	Novo Mundo	12
	noite	Gibran Khalil	Centro Cívico	13
15/08	noite	Telêmaco Borba	Atuba	10
16/08	manhã	Roberto Barrozo	Novo Mundo	10
	manhã	Cecília Meireles	Sítio Cercado	08
	noite	Rocha Pombo	Portão	15
17/08	tarde	Samuel Chameki	Cajuru	09
	tarde	Guimarães Rosa	Bairro Alto	11
	noite	Emílio de Menezes	Bigorriho	10
23/08	tarde	Tom Jobim	Santa Quitéria	11
24/08	noite	Rua 24 Horas	Centro	14
	noite	Antônio Calado	Bacacheri	11
Total:				524

APÊNDICE 4 DISTRIBUIÇÃO DOS FARÓIS DO SABER NAS REGIONAIS E QUANTIDADE DE QUESTIONÁRIOS APLICADOS POR FAROL

Regional	Farol	Total
Bairro Novo	Cecília Meireles	13
	Rubem Braga	10
	São Pedro e São Paulo	14
	Senador Accioly Filho	10
	Victor Hugo	11
Bairro Novo Total		58
Boa Vista	Antônio Calado	11
	Antonio Machado	13
	Farol das Cidades	10
	Gilberto Freyre	12
	Guimarães Rosa	14
	Heitor Stockler de França	12
	Manuel Bandeira	11
	Telêmaco Borba	10
Boa Vista Total		93
Boqueirão	Albert Einstein	12
	Fernando Pessoa	11
	Luiz de Camões	13
	Mário Quintana	11
Boqueirão Total		47
Cajuru	Cesar Perneta	13
	Emiliano Perneta	13
	Herbert José de Souza	12
	Pablo Neruda	12
	Samuel Chameki	11
Cajuru Total		61
CIC	Cândido Portinari	10
	Fernando Amaro	12
	Frei Miguel Bottacin	11
	Joaquim Nabuco	11
	Padre Antônio Vieira	10
	Vinícius de Moraes	10
CIC Total		64
Matriz	Emílio de Menezes	10
	Gibran Khalil	13
	Rua 24 Horas	14
Matriz Total		37
Pinheirinho	Aristides Vinholes	15
	Dona Pompília	12
	José de Alencar	10
	Tasso da Silveira	11
Pinheirinho Total		48

Portão	Castro Alves	10
	Clarice Lispector	12
	Roberto Barrozo	10
	Rocha Pombo	15
	Tom Jobim	11
Portão Total		59
Santa Felicidade	Aparecido Quinaglia	10
	Dante Alighieri	11
	Gonçalves Dias	11
	Machado de Assis	15
	Sérgio Mercer	10
Santa Felicidade Total		57
Total Geral		524

APÊNDICE 5 TABELAS RELACIONADAS À UTILIZAÇÃO DA INTERNET PARA EXECUTAR DIVERSAS TAREFAS

Tabela 15 Frequência de uso do computador para trocar mensagens usando e-mail

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	42,1%	12,3%	15,8%	7,0%	22,8%	57
Boa Vista	31,1%	8,9%	18,9%	8,9%	32,2%	90
Boqueirão	41,3%	8,7%	6,5%	2,2%	41,3%	46
Cajuru	35,0%	13,3%	15,0%	3,3%	33,3%	60
CIC	44,3%	6,6%	8,2%	8,2%	32,8%	61
Matriz	52,8%	13,9%	11,1%	2,8%	19,4%	36
Pinheirinho	26,7%	13,3%	11,1%	6,7%	42,2%	45
Portão	42,6%	24,1%	9,3%	7,4%	16,7%	54
Santa Felicidade	40,7%	13,0%	11,1%	7,4%	27,8%	54
Total	38,8%	12,3%	12,5%	6,4%	30,0%	503

* Foram excluídos os registros de 21 participantes que não responderam a esta questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 16 Frequência de uso do computador para fazer pesquisa sobre diversos temas

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	25,0%	21,4%	30,4%	8,9%	14,3%	56
Boa Vista	44,6%	18,5%	20,7%	7,6%	8,7%	92
Boqueirão	30,4%	17,4%	19,6%	19,6%	13,0%	46
Cajuru	30,5%	27,1%	27,1%	1,7%	13,6%	59
CIC	34,9%	27,0%	22,2%	7,9%	7,9%	63
Matriz	38,9%	44,4%	11,1%	0,0%	5,6%	36
Pinheirinho	35,6%	13,3%	28,9%	4,4%	17,8%	45
Portão	39,6%	20,8%	26,4%	7,5%	5,7%	53
Santa Felicidade	25,0%	26,9%	25,0%	7,7%	15,4%	52
Total	34,5%	23,3%	23,7%	7,4%	11,2%	502

* Foram excluídos os registros de 22 participantes que não responderam a esta questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 17 Freqüência de uso do computador para fazer trabalhos escolares

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	28,1%	14,0%	40,4%	3,5%	14,0%	57
Boa Vista	31,5%	14,1%	37,0%	9,8%	7,6%	92
Boqueirão	17,8%	17,8%	46,7%	4,4%	13,3%	45
Cajuru	15,0%	21,7%	35,0%	10,0%	18,3%	60
CIC	25,8%	22,6%	35,5%	0,0%	16,1%	62
Matriz	36,1%	25,0%	13,9%	5,6%	19,4%	36
Pinheirinho	24,4%	20,0%	42,2%	4,4%	8,9%	45
Portão	40,0%	25,5%	25,5%	3,6%	5,5%	55
Santa Felicidade	28,3%	24,5%	26,4%	1,9%	18,9%	53
Total	27,5%	20,0%	34,3%	5,1%	13,1%	505

* Foram excluídos os registros de 19 participantes que não responderam a esta questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 18 Freqüência de uso do computador para fazer outras atividades escolares

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	7,1%	21,4%	35,7%	14,3%	21,4%	56
Boa Vista	17,6%	6,6%	39,6%	16,5%	19,8%	91
Boqueirão	20,9%	9,3%	23,3%	23,3%	23,3%	43
Cajuru	10,0%	10,0%	40,0%	16,7%	23,3%	60
CIC	24,2%	25,8%	25,8%	1,6%	22,6%	62
Matriz	25,7%	28,6%	22,9%	2,9%	20,0%	35
Pinheirinho	10,9%	28,3%	37,0%	13,0%	10,9%	46
Portão	18,5%	22,2%	33,3%	9,3%	16,7%	54
Santa Felicidade	14,8%	14,8%	24,1%	13,0%	33,3%	54
Total	16,4%	17,4%	32,3%	12,6%	21,4%	501

* Foram excluídos os registros de 23 participantes que não responderam a esta questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 19 Frequência de uso do computador para ler jornais *online* e *sites* de notícias

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	5,5%	10,9%	25,5%	16,4%	41,8%	55
Boa Vista	12,0%	5,4%	29,3%	4,3%	48,9%	92
Boqueirão	6,7%	8,9%	20,0%	11,1%	53,3%	45
Cajuru	11,9%	8,5%	16,9%	13,6%	49,2%	59
CIC	19,7%	11,5%	24,6%	13,1%	31,1%	61
Matriz	28,6%	17,1%	20,0%	17,1%	17,1%	35
Pinheirinho	17,4%	17,4%	21,7%	6,5%	37,0%	46
Portão	16,4%	7,3%	21,8%	20,0%	34,5%	55
Santa Felicidade	13,0%	5,6%	18,5%	18,5%	44,4%	54
Total	13,9%	9,6%	22,7%	12,7%	41,0%	502

* Foram excluídos os registros de 22 participantes que não responderam a esta questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 20 Frequência de uso do computador para ler jornais *online* e *sites* de notícias (adultos)

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	7,7%	15,4%	38,5%	7,7%	30,8%	13
Boa Vista	13,6%	13,6%	36,4%	0,0%	36,4%	22
Boqueirão	9,1%	18,2%	36,4%	9,1%	27,3%	11
Cajuru	23,5%	11,8%	23,5%	23,5%	17,6%	17
CIC	33,3%	5,6%	22,2%	11,1%	27,8%	18
Matriz	37,5%	16,7%	25,0%	12,5%	8,3%	24
Pinheirinho	21,1%	26,3%	26,3%	0,0%	26,3%	19
Portão	26,7%	20,0%	40,0%	6,7%	6,7%	15
Santa Felicidade	15,8%	5,3%	36,8%	26,3%	15,8%	19
Total	22,2%	14,6%	31,0%	10,8%	21,5%	158

* Foram excluídos os registros referentes a crianças e adolescentes, reduzindo a amostra a 168 indivíduos. Destes, 10 também não foram considerados por não terem respondido à questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 21 Frequência de uso do computador para conhecer novas pessoas em salas de bate-papo

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	14,0%	7,0%	14,0%	5,3%	59,6%	57
Boa Vista	17,6%	1,1%	12,1%	15,4%	53,8%	91
Boqueirão	4,3%	8,7%	13,0%	6,5%	67,4%	46
Cajuru	8,5%	5,1%	11,9%	11,9%	62,7%	59
CIC	14,8%	6,6%	6,6%	6,6%	65,6%	61
Matriz	8,3%	2,8%	11,1%	11,1%	66,7%	36
Pinheirinho	6,7%	6,7%	8,9%	6,7%	71,1%	45
Portão	12,7%	12,7%	12,7%	9,1%	52,7%	55
Santa Felicidade	13,0%	9,3%	18,5%	5,6%	53,7%	54
Total	11,9%	6,3%	12,1%	9,1%	60,5%	504

* Foram excluídos os registros de 20 participantes que não responderam a esta questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 22 Frequência de uso do computador para jogar

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	9,1%	7,3%	14,5%	12,7%	56,4%	55
Boa Vista	10,0%	4,4%	27,8%	7,8%	50,0%	90
Boqueirão	6,5%	10,9%	13,0%	13,0%	56,5%	46
Cajuru	6,8%	8,5%	11,9%	8,5%	64,4%	59
CIC	13,1%	3,3%	8,2%	6,6%	68,9%	61
Matriz	2,9%	2,9%	8,6%	2,9%	82,9%	35
Pinheirinho	15,6%	6,7%	17,8%	11,1%	48,9%	45
Portão	12,7%	10,9%	16,4%	16,4%	43,6%	55
Santa Felicidade	23,1%	7,7%	11,5%	13,5%	44,2%	52
Total	11,2%	6,8%	15,5%	10,2%	56,2%	498

* Foram excluídos os registros de 26 participantes que não responderam a esta questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 23 Freqüência de uso do computador para fazer pagamentos de contas (adultos)

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	6,7%	0,0%	0,0%	13,3%	80,0%	15
Boa Vista	9,5%	4,8%	9,5%	0,0%	76,2%	21
Boqueirão	0,0%	8,3%	8,3%	8,3%	75,0%	12
Cajuru	0,0%	0,0%	6,7%	6,7%	86,7%	15
CIC	11,1%	0,0%	0,0%	0,0%	88,9%	18
Matriz	0,0%	4,2%	12,5%	0,0%	83,3%	24
Pinheirinho	0,0%	11,1%	16,7%	0,0%	72,2%	18
Portão	0,0%	0,0%	13,3%	13,3%	73,3%	15
Santa Felicidade	0,0%	0,0%	5,3%	5,3%	89,5%	19
Total	3,2%	3,2%	8,3%	4,5%	80,9%	157

* Foram excluídos os registros referentes a crianças e adolescentes, reduzindo a amostra a 168 indivíduos. Destes, 11 também não foram considerados por não terem respondido à questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 24 Freqüência de uso do computador para obter informações nos *sites* de órgãos governamentais (adultos)

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	6,7%	6,7%	53,3%	13,3%	20,0%	15
Boa Vista	13,6%	0,0%	40,9%	9,1%	36,4%	22
Boqueirão	16,7%	0,0%	25,0%	25,0%	33,3%	12
Cajuru	11,1%	5,6%	33,3%	5,6%	44,4%	18
CIC	15,8%	10,5%	26,3%	10,5%	36,8%	19
Matriz	8,0%	12,0%	24,0%	24,0%	32,0%	25
Pinheirinho	10,5%	21,1%	10,5%	10,5%	47,4%	19
Portão	13,3%	0,0%	26,7%	20,0%	40,0%	15
Santa Felicidade	10,5%	10,5%	26,3%	21,1%	31,6%	19
Total	11,6%	7,9%	29,3%	15,2%	36,0%	164

* Foram excluídos os registros referentes a crianças e adolescentes, reduzindo a amostra a 168 indivíduos. Destes, 4 também não foram considerados por não terem respondido à questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 25 Freqüência de uso do computador para utilizar serviços virtuais de órgãos governamentais (adultos)

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	0,0%	0,0%	13,3%	20,0%	66,7%	15
Boa Vista	18,2%	0,0%	18,2%	4,5%	59,1%	22
Boqueirão	0,0%	0,0%	0,0%	16,7%	83,3%	12
Cajuru	5,9%	5,9%	17,6%	11,8%	58,8%	17
CIC	11,1%	0,0%	11,1%	0,0%	77,8%	18
Matriz	12,0%	4,0%	12,0%	28,0%	44,0%	25
Pinheirinho	5,6%	11,1%	11,1%	5,6%	66,7%	18
Portão	6,7%	6,7%	26,7%	13,3%	46,7%	15
Santa Felicidade	5,3%	5,3%	15,8%	5,3%	68,4%	19
Total	8,1%	3,7%	14,3%	11,8%	62,1%	161

* Foram excluídos os registros referentes a crianças e adolescentes, reduzindo a amostra a 168 indivíduos. Destes, 7 também não foram considerados por não terem respondido à questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 26 Freqüência de uso do computador para pesquisar o preço de produtos

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	3,6%	1,8%	17,9%	14,3%	62,5%	56
Boa Vista	4,5%	3,4%	14,6%	11,2%	66,3%	89
Boqueirão	6,5%	4,3%	19,6%	8,7%	60,9%	46
Cajuru	8,5%	3,4%	11,9%	6,8%	69,5%	59
CIC	4,9%	3,3%	19,7%	13,1%	59,0%	61
Matriz	8,6%	8,6%	17,1%	20,0%	45,7%	35
Pinheirinho	4,4%	4,4%	6,7%	15,6%	68,9%	45
Portão	5,5%	5,5%	18,2%	12,7%	58,2%	55
Santa Felicidade	1,9%	5,7%	15,1%	11,3%	66,0%	53
Total	5,2%	4,2%	15,6%	12,2%	62,7%	499

* Foram excluídos os registros de 25 participantes que não responderam a esta questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 27 Freqüência de uso do computador para pesquisar o preço de produtos
(adultos)

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	13,3%	0,0%	26,7%	13,3%	46,7%	15
Boa Vista	15,0%	0,0%	10,0%	25,0%	50,0%	20
Boqueirão	0,0%	8,3%	25,0%	8,3%	58,3%	12
Cajuru	5,9%	5,9%	17,6%	5,9%	64,7%	17
CIC	5,9%	0,0%	23,5%	5,9%	64,7%	17
Matriz	8,3%	4,2%	25,0%	29,2%	33,3%	24
Pinheirinho	10,5%	10,5%	5,3%	21,1%	52,6%	19
Portão	6,7%	13,3%	20,0%	13,3%	46,7%	15
Santa Felicidade	5,6%	0,0%	27,8%	11,1%	55,6%	18
Total	8,3%	4,5%	19,7%	15,9%	51,6%	157

* Foram excluídos os registros referentes a crianças e adolescentes, reduzindo a amostra a 168 indivíduos. Destes, 11 também não foram considerados por não terem respondido à questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 28 Freqüência de uso do computador para fazer compras via Internet
(adultos)

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	0,0%	0,0%	13,3%	13,3%	73,3%	15
Boa Vista	4,5%	0,0%	13,6%	0,0%	81,8%	22
Boqueirão	0,0%	0,0%	8,3%	16,7%	75,0%	12
Cajuru	0,0%	0,0%	5,9%	5,9%	88,2%	17
CIC	0,0%	0,0%	5,6%	0,0%	94,4%	18
Matriz	0,0%	8,3%	12,5%	20,8%	58,3%	24
Pinheirinho	0,0%	10,5%	0,0%	5,3%	84,2%	19
Portão	0,0%	0,0%	13,3%	6,7%	80,0%	15
Santa Felicidade	0,0%	0,0%	10,5%	10,5%	78,9%	19
Total	0,6%	2,5%	9,3%	8,7%	78,9%	161

* Foram excluídos os registros referentes a crianças e adolescentes, reduzindo a amostra a 168 indivíduos. Destes, 7 também não foram considerados por não terem respondido à questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 29 Freqüência de uso do computador para acompanhar ações do governo e do legislativo acessando *sites* que disponibilizam informações sobre o que estão fazendo

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	6,7%	0,0%	40,0%	6,7%	46,7%	15
Boa Vista	4,5%	9,1%	27,3%	18,2%	40,9%	22
Boqueirão	0,0%	8,3%	25,0%	16,7%	50,0%	12
Cajuru	5,9%	5,9%	11,8%	23,5%	52,9%	17
CIC	10,5%	0,0%	15,8%	5,3%	68,4%	19
Matriz	8,0%	0,0%	44,0%	20,0%	28,0%	25
Pinheirinho	0,0%	5,3%	21,1%	10,5%	63,2%	19
Portão	0,0%	0,0%	20,0%	20,0%	60,0%	15
Santa Felicidade	5,6%	5,6%	16,7%	11,1%	61,1%	18
Total	4,9%	3,7%	25,3%	14,8%	51,2%	162

* Foram excluídos os registros referentes a crianças e adolescentes, reduzindo a amostra a 168 indivíduos. Destes, 6 também não foram considerados por não terem respondido à questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 30 Freqüência de uso do computador para fazer reclamações e solicitações a órgãos governamentais

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	0,0%	0,0%	26,7%	20,0%	53,3%	15
Boa Vista	18,2%	0,0%	9,1%	22,7%	50,0%	22
Boqueirão	0,0%	0,0%	8,3%	16,7%	75,0%	12
Cajuru	5,9%	0,0%	23,5%	23,5%	47,1%	17
CIC	5,3%	0,0%	0,0%	15,8%	78,9%	19
Matriz	0,0%	12,0%	20,0%	20,0%	48,0%	25
Pinheirinho	5,3%	15,8%	15,8%	5,3%	57,9%	19
Portão	0,0%	0,0%	6,7%	13,3%	80,0%	15
Santa Felicidade	11,1%	0,0%	5,6%	16,7%	66,7%	18
Total	5,6%	3,7%	13,0%	17,3%	60,5%	162

* Foram excluídos os registros referentes a crianças e adolescentes, reduzindo a amostra a 168 indivíduos. Destes, 6 também não foram considerados por não terem respondido à questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 31 Freqüência de uso do computador para participar de cursos *online*
(ensino a distância)

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	1,9%	1,9%	14,8%	11,1%	70,4%	54
Boa Vista	0,0%	3,3%	11,0%	6,6%	79,1%	91
Boqueirão	2,2%	2,2%	10,9%	8,7%	76,1%	46
Cajuru	1,7%	0,0%	12,1%	13,8%	72,4%	58
CIC	0,0%	6,5%	8,1%	6,5%	79,0%	62
Matriz	2,9%	2,9%	11,4%	11,4%	71,4%	35
Pinheirinho	2,2%	4,4%	11,1%	11,1%	71,1%	45
Portão	0,0%	0,0%	9,3%	11,1%	79,6%	54
Santa Felicidade	5,7%	1,9%	7,5%	9,4%	75,5%	53
Total	1,6%	2,6%	10,6%	9,6%	75,5%	498

* Foram excluídos os registros de 26 participantes que não responderam a esta questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 32 Freqüência de uso do computador para participar de cursos *online*
(ensino a distância) (adultos)

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	0,0%	0,0%	26,7%	0,0%	73,3%	15
Boa Vista	0,0%	4,5%	4,5%	18,2%	72,7%	22
Boqueirão	0,0%	8,3%	16,7%	8,3%	66,7%	12
Cajuru	0,0%	0,0%	12,5%	18,8%	68,8%	16
CIC	0,0%	5,6%	5,6%	0,0%	88,9%	18
Matriz	4,2%	0,0%	12,5%	16,7%	66,7%	24
Pinheirinho	5,6%	11,1%	11,1%	11,1%	61,1%	18
Portão	0,0%	0,0%	0,0%	13,3%	86,7%	15
Santa Felicidade	0,0%	0,0%	11,1%	16,7%	72,2%	18
Total	1,3%	3,2%	10,8%	12,0%	72,8%	158

* Foram excluídos os registros referentes a crianças e adolescentes, reduzindo a amostra a 168 indivíduos. Destes, 10 também não foram considerados por não terem respondido à questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 33 Freqüência de uso do computador para disponibilizar o currículo em sites de emprego

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	40,0%	13,3%	20,0%	6,7%	20,0%	15
Boa Vista	19,0%	23,8%	19,0%	4,8%	33,3%	21
Boqueirão	25,0%	16,7%	16,7%	25,0%	16,7%	12
Cajuru	16,7%	27,8%	22,2%	5,6%	27,8%	18
CIC	26,3%	26,3%	10,5%	0,0%	36,8%	19
Matriz	24,0%	8,0%	28,0%	12,0%	28,0%	25
Pinheirinho	15,8%	10,5%	31,6%	5,3%	36,8%	19
Portão	13,3%	6,7%	26,7%	13,3%	40,0%	15
Santa Felicidade	26,3%	0,0%	47,4%	5,3%	21,1%	19
Total	22,7%	14,7%	25,2%	8,0%	29,4%	163

* Foram excluídos os registros referentes a crianças e adolescentes, reduzindo a amostra a 168 indivíduos. Destes, 5 também não foram considerados por não terem respondido à questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 34 Freqüência de uso do computador para procurar oportunidades de emprego

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	46,7%	13,3%	26,7%	6,7%	6,7%	15
Boa Vista	36,4%	9,1%	18,2%	4,5%	31,8%	22
Boqueirão	25,0%	8,3%	33,3%	8,3%	25,0%	12
Cajuru	33,3%	11,1%	33,3%	5,6%	16,7%	18
CIC	38,9%	16,7%	11,1%	0,0%	33,3%	18
Matriz	28,0%	16,0%	24,0%	20,0%	12,0%	25
Pinheirinho	15,8%	21,1%	26,3%	10,5%	26,3%	19
Portão	20,0%	6,7%	33,3%	13,3%	26,7%	15
Santa Felicidade	42,1%	5,3%	47,4%	0,0%	5,3%	19
Total	31,9%	12,3%	27,6%	8,0%	20,2%	163

* Foram excluídos os registros referentes a crianças e adolescentes, reduzindo a amostra a 168 indivíduos. Destes, 5 também não foram considerados por não terem respondido à questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 35 Freqüência de uso do computador para fazer inscrição para a realização de concursos e participação em processos seletivos

Regional	sempre	quase sempre	às vezes	quase nunca	nunca	núm. participantes
Bairro Novo	20,0%	20,0%	13,3%	20,0%	26,7%	15
Boa Vista	22,7%	13,6%	13,6%	9,1%	40,9%	22
Boqueirão	16,7%	16,7%	16,7%	8,3%	41,7%	12
Cajuru	11,1%	11,1%	38,9%	5,6%	33,3%	18
CIC	27,8%	11,1%	11,1%	0,0%	50,0%	18
Matriz	43,5%	13,0%	17,4%	13,0%	13,0%	23
Pinheirinho	15,8%	15,8%	31,6%	5,3%	31,6%	19
Portão	6,7%	0,0%	40,0%	6,7%	46,7%	15
Santa Felicidade	36,8%	10,5%	10,5%	15,8%	26,3%	19
Total	23,6%	12,4%	21,1%	9,3%	33,5%	161

* Foram excluídos os registros referentes a crianças e adolescentes, reduzindo a amostra a 168 indivíduos. Destes, 7 também não foram considerados por não terem respondido à questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

APÊNDICE 6 TABELAS RELACIONADAS À PERCEPÇÃO DA QUALIDADE DO SERVIÇO OFERECIDO NOS FARÓIS DO SABER

Tabela 36 Percepção de qualidade do maquinário disponível (computadores)

Regional	muito bom	bom	regular	ruim	muito ruim	núm. partici- pantes
Bairro Novo	14,0%	38,6%	28,1%	10,5%	8,8%	57
Boa Vista	8,7%	40,2%	39,1%	9,8%	2,2%	92
Boqueirão	6,5%	52,2%	32,6%	6,5%	2,2%	46
Cajuru	13,3%	46,7%	28,3%	11,7%	0,0%	60
CIC	13,1%	50,8%	23,0%	6,6%	6,6%	61
Matriz	16,7%	27,8%	33,3%	11,1%	11,1%	36
Pinheirinho	8,9%	51,1%	28,9%	11,1%	0,0%	45
Portão	10,9%	29,1%	40,0%	16,4%	3,6%	55
Santa Felicidade	17,0%	45,3%	26,4%	5,7%	5,7%	53
Total	11,9%	42,6%	31,5%	9,9%	4,2%	505

* Foram excluídos os registros de 19 participantes que não responderam a esta questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 37 Percepção de qualidade do atendimento realizado pelos estagiários e professores

Regional	muito bom	bom	regular	ruim	muito ruim	núm. partici- pantes
Bairro Novo	42,9%	50,0%	5,4%	1,8%	0,0%	56
Boa Vista	33,0%	52,7%	7,7%	3,3%	3,3%	91
Boqueirão	32,6%	45,7%	15,2%	2,2%	4,3%	46
Cajuru	38,3%	46,7%	15,0%	0,0%	0,0%	60
CIC	30,0%	56,7%	11,7%	1,7%	0,0%	60
Matriz	37,8%	43,2%	16,2%	2,7%	0,0%	37
Pinheirinho	47,7%	47,7%	4,5%	0,0%	0,0%	44
Portão	59,3%	33,3%	7,4%	0,0%	0,0%	54
Santa Felicidade	47,1%	41,2%	11,8%	0,0%	0,0%	51
Total	40,3%	47,1%	10,2%	1,4%	1,0%	499

* Foram excluídos os registros de 25 participantes que não responderam a esta questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 38 Percepção de qualidade do processo de agendamento de um horário para utilizar a Internet

Regional	muito bom	bom	regular	ruim	muito ruim	núm. partici- pantes
Bairro Novo	33,3%	50,9%	10,5%	3,5%	1,8%	57
Boa Vista	33,3%	46,7%	12,2%	2,2%	5,6%	90
Boqueirão	42,2%	42,2%	11,1%	2,2%	2,2%	45
Cajuru	28,3%	56,7%	13,3%	1,7%	0,0%	60
CIC	32,8%	50,8%	13,1%	3,3%	0,0%	61
Matriz	37,8%	51,4%	10,8%	0,0%	0,0%	37
Pinheirinho	37,2%	53,5%	9,3%	0,0%	0,0%	43
Portão	52,7%	36,4%	3,6%	5,5%	1,8%	55
Santa Felicidade	38,5%	50,0%	9,6%	0,0%	1,9%	52
Total	36,8%	48,6%	10,6%	2,2%	1,8%	500

* Foram excluídos os registros de 24 participantes que não responderam a esta questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Tabela 39 Opinião sobre o fato de haver bloqueio a determinadas páginas da Internet

Regional	muito bom	bom	regular	ruim	muito ruim	núm. partici- pantes
Bairro Novo	7,3%	18,2%	12,7%	25,5%	36,4%	55
Boa Vista	15,2%	15,2%	17,4%	25,0%	26,1%	92
Boqueirão	20,0%	8,9%	13,3%	24,4%	33,3%	45
Cajuru	11,5%	18,0%	19,7%	24,6%	26,2%	61
CIC	9,8%	23,0%	21,3%	23,0%	23,0%	61
Matriz	18,9%	27,0%	10,8%	16,2%	27,0%	37
Pinheirinho	6,7%	33,3%	17,8%	26,7%	15,6%	45
Portão	9,1%	18,2%	23,6%	14,5%	34,5%	55
Santa Felicidade	17,0%	20,8%	17,0%	26,4%	18,9%	53
Total	12,7%	19,6%	17,5%	23,2%	26,8%	504

* Foram excluídos os registros de 20 participantes que não responderam a esta questão.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

ANEXO 1 CRONOLOGIA DE INAUGURAÇÃO DOS FARÓIS DO SABER

Farol	Bairro	Inauguração
Machado de Assis (praça)	Mercês	19/11/1994
Emílio de Menezes (praça)	Bigorrilho	11/03/1995
Manuel Bandeira	Pilarzinho	15/03/1995
Dante Alighieri	Santa Felicidade	18/03/1995
Mario Quintana	Boqueirão	22/03/1995
Emiliano Perneta	Cajuru	25/03/1995
Rocha Pombo	Portão	28/03/1995
Padre Antônio Vieira	CIC	30/03/1995
Cecília Meireles	Vila Rio Negro-Bairro Novo	10/04/1995
Rubem Braga	Bairro Novo	12/04/1995
Gilberto Freyre	Santa Cândida	22/05/1995
Vinicius de Moraes	Vila Verde – CIC	24/06/1995
Farol das Cidades (praça)	São Lourenço	22/11/1995
Luiz de Camões	Alto Boqueirão	26/03/1996
Tasso da Silveira	Pinheirinho	29/03/1996
Biblioteca do Bosque Alemão	Jardim Schaffer	13/04/1996
Pablo Neruda	Capão da Imbuia	16/07/1996
Fernando Amaro de Miranda	Campo Comprido	06/08/1996
Cesar Perneta	Uberaba	26/08/1996
Heitor Stockler de França	Bairro Alto	02/09/1996
Gonçalves Dias	São Braz	06/09/1996
Telêmaco Borba	Atuba	09/09/1996
Victor Hugo	Bairro Novo	10/09/1996
Fernando Pessoa	Hauer	12/09/1996
Antônio Machado	Barreirinha	20/09/1996
Dona Pompília	Tatuquara	20/09/1996
Joaquim Nabuco	CIC	24/09/1996
Roberto Barrozo	Novo Mundo	07/11/1996

Farol	Bairro	Inauguração
Sergio Mercer	Orleans	14/11/1996
Gibran Khalil (praça)	Centro	06/12/1996
Accioly Filho	Sítio Cercado	19/12/1996
Miguel de Cervantes	Batel	11/12/1996
Guimarães Rosa	Alto Tarumã	27/12/1996
São Pedro e São Paulo	Umbará	04/03/1997
Antônio Calado	Bacacheri	20/03/1997
José de Alencar	Pinheirinho	21/03/1997
Castro Alves	Fazendinha	29/03/1997
Tom Jobim (praça)	Santa Quitéria	11/07/1997
Aparecido Quinglia (praça)	Santa Felicidade	02/08/1997
Samuel Chameki	Cajuru	26/08/1997
Frei Miguel Bottacin (praça)	CIC	29/08/1997
Albert Einstein	Xaxim	20/09/1997
Clarice Lispector	Novo Mundo	22/11/1997
Herbert Jose de Souza	Cajuru	02/12/1997
Cândido Portinari	Conjunto Diadema – CIC	03/12/1997
Rua 24 Horas	Centro	10/06/2000

Fonte: quadro elaborado pela autora com base em dados da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba.

ANEXO 2 PRINCIPAIS INICIATIVAS DE INCLUSÃO DIGITAL NO BRASIL ATÉ OUT/2004

Setor	Programa	Iniciador Principal	Alguns dos Principais Parceiros Atuais	Início	Local de Início do Programa	Site (*)
Terceiro Setor	Escolas de Informática e Cidadania (EICs)	CDI nacional	Mantenedores: Accenture, Esso, Fundação Telefônica, InfoDev, Inter-American Development Bank, Microsoft, Philips, W.K. Kellogg Foundation, Xerox	1994-95	Rio de Janeiro (RJ)	www.cdi.org.br
	Espaços de Informática e Cidadania (EICs)	CDISP				
	Kidlink Brasil	Marisa Lucena iniciou o Projeto Kidlink no Brasil, centro da sua tese de doutorado em 1997.	Alternex/Ibase CNPQ, Faculdade Carioca, FAPERJ, NutecNet, Puc-Rio (Fundação Padre Leonel Franca)	1995-96	Rio de Janeiro (RJ)	http://www.kidlink.org/portuguese/ http://venus.rdc.puc-rio.br/kids/kidlink/
	Estação Futuro	Viva Rio	Patrocinadores: BID, CNPQ, Comissão Européia, FIA, Globo.com, ICATU, Petrobrás, Telemar, Unesco, Viva Rio	2001	Rio de Janeiro (RJ)	www.vivario.org.br
	Rede Saci	CECAE/USP, RNP, Amankay, NCE-UFRJ	Fundação Telefônica, Vitae	1999		www.saci.org.br
	Cibersolidário em Rede	Cipó Comunicação Interativa	BBV, Partners of America, Instituto Credicard, ONG Save the Children, Unicef	2000	Salvador (BA)	www.cipo.org.br
	Aprendiz e OldNet	Cidade Escola Aprendiz	Fundação Bradesco e Microsoft	1997	São Paulo (SP)	www.aprendiz.com.br

Setor	Programa	Iniciador Principal	Alguns dos Principais Parceiros Atuais	Início	Local de Início do Programa	Site (*)
	Gemas da Terra – Rede Rural de Telecentros Comunitários	Rede Gemas da Terra	Ministério das Comunicações (Gesac), Unesco, Prodabel, CTCNET, Funivale, Comcat	2001	Serra do Espinhaço (MG)	www.gemasdaterra.org.br
	Programa para o Futuro	Instituto Porto Digital	Associação Brasil-América (ABA), Banco do Brasil, Governo do Estado de Pernambuco, IBM Brasil, Microsoft e Secretaria Especial de Direitos Humanos	2001	Recife (PE)	www.portodigital.org
	Sampa.org	Instituto Florestan Fernandes	Prefeitura Municipal de São Paulo, Rits, CDISP	2000	São Paulo (SP)	www.sampa.org
	Sua Escola a 2000 por hora	Instituto Ayrton Senna	Microsoft e Microte	1999	44 munic. e em 09 estados	www.escola2000.org.br
Programas de Inclusão Digital no Trabalho		Alstom	CDI Nacional	2001	7 de suas 13 fábricas	www.alstom.com.br
		Castrol	CDI Nacional		Rio de Janeiro (RJ)	www.castrol.com.br
	Espaços do Saber Digital	Embraco		2003	Joinville (SC)	www.embraco.com.br
	Capacitação	Fleury	Centro de Assistência Cruz de Malta	2002	Bairro Jabaquara (São Paulo-SP)	www.fleury.com.br
	EIC	Philips	CDI Nacional	2002	São Paulo (SP)	www.philips.com.br/social

Setor		Programa	Iniciador Principal	Alguns dos Principais Parceiros Atuais	Início	Local de Início do Programa	Site (*)
Setor Privado		EIC	Sadia	CDI Nacional	2001	São Paulo (SP)	http://www.sadia.com.br
		EIC	Siemens	CDI Nacional	2002	Rio de Janeiro (RJ)	www.siemens.com.br
		EIC	TV Globo	CDI Nacional	2003	Rio de Janeiro (RJ)	
	Programas de Inclusão Digital nas Escolas Públicas	EducaRede e outros	Fundação Telefônica	Rede de Ensino Público, USP, Rede Saci, CDI Nacional	1999		www.fundacaotelefonica.org.br
		<u>Escol@ Virtual</u>	Fundação Bradesco	Docent, Centra, Questiomark, Micropower, WBT Systems, Cisco, Microsoft, IBM, Logic Way, Expertise e Selco		26 Estados e Distrito Federal	www.fundacaobradesco.org.br
		Telemar Educação	Instituto Telemar	Escola do Futuro (USP), Klicknet, Unesco, ONG Spetaculu	2002	16 Estados	www.projetotelemareducacao.com.br
	Programas de Inclusão Digital	Consulado da Mulher	Multibrás	Acessa SP	2002	Rio Claro (SP)	www.consuladodamulher.com.br

Setor	Programa	Iniciador Principal	Alguns dos Principais Parceiros Atuais	Início	Local de Início do Programa	Site (*)
Setor Privado	EU-Cidadão	Unisinos	ONG Moradia e Cidadania, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Governo do RGS e gov.federal, Banco do Brasil, Fiergs, Procempa, Pólo de Informática de São Leopoldo, Assespro-RS, GVT, HSS Informática, GloboLinux.org.	2003	São Leopoldo (RS)	www.eu-cidadao.com.br
	Garagem Digital	HP Brasil e Fundação Abrinq	CPA, Associação Meninos do Morumbi, Instituto Centec	2001	São Paulo (SP)	www.fundabring.org.br
	Reiventando a Educação, KidSmart e Abrindo os Olhos	IBM Brasil	CDI Nacional, Cidade do Conhecimento-USP, Rits, Rede Saci, Instituto Avisa Lá, Instituto de Qualidade de Ensino	1998	Rio de Janeiro (RJ)	www.ibm.com.br
	IntelClubhouse	Intel		2002	São Paulo (SP)	www.institutodombosco.org.br/clubhouse.htm
	McInternet	McDonald's	AOL, HP e Banco Itaú	2001	São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ)	www.mcdonalds.com.br
	Telecentros de Informações e Negócios	Sebrae	CDI Nacional			www.sebrae.com.br

Setor		Programa	Iniciador Principal	Alguns dos Principais Parceiros Atuais	Início	Local de Início do Programa	Site (*)
Setor Público	Programas de Inclusão Digital de Governos Estaduais e Municipais	Acessa SP	Governo do Estado de São Paulo	Escola do Futuro (USP), Cidade do Conhecimento (USP), Microsoft, Telefônica, Consoft, Samurai, Lintec, Fábrica Digital, Webaula e Nexans.	2001	Jardim São Luis (São Paulo-SP)	www.acessasp.sp.gov.br
		Cidadão Digital e Via Pública	Procergs/RS	Dell e Fundação Pensamento Digital	2000	Porto Alegre (RS)	www.viapublica.rs.gov.br
		Digitando o Futuro	Prefeitura Municipal de Curitiba	ICI, CDI-PR, Microsoft, Brasil Telecom	2000	Curitiba (PR)	www.digitandoofuturo.org.br
		Escola do Futuro	Universidade de São Paulo	Unesco, MEC, FDE, Acessa SP, Gov. do Estado de SP, Fundação Alavanca, Fundação Telefônica, Microsoft, Telemar, Vitae	1989	São Paulo (SP)	www.futuro.usp.br
		Ilhas Digitais	Governo do Estado do Ceará	CED, Soma, Sebrae-CE	2001	Fortaleza (CE)	www.soma.ce.gov.br
		Internet Sênior	Prodmege/MG		2001	Belo Horizonte (MG)	www.prodemge.mg.gov.br/isenior/index1.htm
		Liberdade Digital e outros	Proderj/RJ	Degase, Telemar	2001	Degase (Rio de Janeiro - RJ)	http://www.proderj.rj.gov.br
		Navegar	Prodap/AP		2000	Amapá	www.ap.gov.br/navegar

Setor		Programa	Iniciador Principal	Alguns dos Principais Parceiros Atuais	Início	Local de Início do Programa	Site (*)
		Paranavegar	Celepar/PR		2003	Paraná	www.pr.gov.br/e-parana
Setor Público	Programa Brasileiro de Inclusão Digital - Governo Federal	CorreiosNet	ECT e Ministério das Comunicações	GESAC	2000	São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ)	www.correios.com.br/enderco_eletronico
		GESAC	Ministério das Comunicações	Programa Fome Zero, Proinfo, MC, MP, MD, ITI, Eletronorte, Serpro, Rits, Banco do Brasil, Caixa Econ. Federal	2003		www.gesac.gov.br
		Telecentro para apoio a Inclusão Digital, Social, Capacitação e Empreendedorismo	Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior	CDI Nacional, Sebrae, Banco do Brasil	2004		www.desenvolvimento.gov.br
		Rede Floresta de Inclusão Digital – Topawa Ka’a	Eletronorte	ITI e Gesac	2003	Região Norte do Brasil	www.topawa-kaa.gov.br

(*) O último acesso dos *sites* indicados foi realizado em outubro de 2004.

Fonte: Macadar (2005)

